



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE FILOSOFIA DOM AURELIANO MATOS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS DO SERTÃO  
CENTRAL MESTRADO ACADÊMICO INTERCAMPI EM EDUCAÇÃO E  
ENSINO**

**JANAIRA FERNANDES TEIXEIRA**

**MARIA SUSANA VASCONCELOS JIMENEZ: UM ESTUDO ONTO-BIOGRÁFICO**

**LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ  
2023**

JANAIRA FERNANDES TEIXEIRA

MARIA SUSANA VASCONCELOS JIMENEZ: UM ESTUDO ONTO-BIOGRÁFICO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Educação e Ensino da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, e da Faculdade de Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação. Área de Concentração: Trabalho, educação e movimentos sociais.

Orientador: Prof. Ph.D. José Deribaldo Gomes dos Santos

LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Estadual do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo SidUECE, mediante os dados fornecidos pelo(a)

---

Teixeira, Janaira Fernandes.

Maria Susana Vasconcelos Jimenez: um estudo onto-biográfico [recurso eletrônico] / Janaira Fernandes Teixeira. - 2024.  
180 f. : il.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Curso de Mestrado Acadêmico - Mestrado Acadêmico Em Educação E Ensino, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Pós-Dr. Jose Deribaldo Gomes dos Santos.  
1. Susana Jimenez. 2. Onto-biografia. 3. Projeto Formativo de Base Marxiana-Lukacsiana. I. Título.

---

JANAIRA FERNANDES TEIXEIRA

MARIA SUSANA VASCONCELOS JIMENEZ: UM ESTUDO ONTO-BIOGRÁFICO

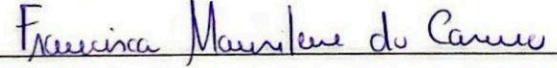
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Educação e Ensino da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, e da Faculdade de Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação. Área de Concentração: Trabalho, Educação e Movimentos Sociais.

Aprovado em: 22 de março de 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ph.D. José Dornaldo Gomes dos Santos (Orientador)  
Universidade Estadual do Ceará



Francisca Maurilene do Carmo  
Prof(a). Dra. Francisca Maurilene Do Carmo (Avaliador Externo)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Lúcia Helena de Brito  
Prof(a). Dra. Lúcia Helena de Brito  
Universidade Estadual do Ceará

## **AGRADECIMENTOS**

À Susana, que permitiu que esse estudo pudesse ser realizado. Àqueles que de alguma forma – direta ou indiretamente – contribuíram para que este estudo possa estar sendo exposto.

Quem é essa mulher que fascina?  
Quem é essa inocência felina?  
Quem é essa emoção que me abraça?  
Quem é essa cabrocha cheia de  
graça?

(Susana - Valdemarim Coelho Gomes. 2023)

## RESUMO

A educação e a ciência são muito mais do que meros fenômenos abstratos que compõem as matrizes dos cursos acadêmicos. Como ato propriamente humano, a ação educacional não prescinde da existência humana para que o ato de aprendizagem-ensino seja executado. A ciência também é algo exclusivo da humanidade e precisa ter como finalidade o desenvolvimento dos seres sociais para que possa alcançar algo útil. Dessa pequena reflexão apreende-se que ambos processos necessitam de sujeitos que os executem. Em outras palavras, não existe teleologia executada por objetos, mesmo que consideremos que os objetos obtêm a prioridade quanto ao processo do conhecimento. A perene dialética entre sujeito e coletividade perpassa a problemática quanto ao conhecimento da realidade e é sobre essa dialética que construímos o estudo apresentado. Retomando a primeira reflexão proposta por este resumo, pretendemos expor a história de vida e a contribuição de uma das educadoras e cientistas que mais contribuiu para a educação no Estado do Ceará. Interessa-nos mostrar o que a distingue de todos os demais educadores, pesquisadores e cientistas que já perpassam o tempo histórico nessa existência. Compreendendo que todo indivíduo, no desdobrar da dialética histórica da realidade que nos abarca, possui uma distinção, defendemos que o que distingue Susana foi o seu pioneirismo quanto à inserção sistemática da ciência de inspiração marxiano-lukacsiana, no ensino e na pesquisa, em outras palavras: a leitura marxiana-lukacsiana da realidade assumida como projeto formativo-científico! Por esse motivo e muitos outros a serem desbravados no decorrer desta exposição, expomos aqui a onto-biografia de Maria Susana Vasconcelos Jimenez. O título da pesquisa escancara a onto-metodologia materialista sendo pela primeira vez relacionada à produção de biografias, o que por si só já distingue esta exposição. Pretendemos, além de criar a onto-biografia de Susana Jimenez, registrar sua contribuição à educação, enquanto formação marxiana e revolucionária, demonstrando a relevância de sua contribuição para o ensino revolucionário – que entende o marxismo como uma teoria do devir humano – de nível superior público no Ceará. Restringimo-nos a sua contribuição ao nível superior, mas entendemos que sua atuação possui desdobramentos que se renovam no cotidiano por todas as etapas da educação, bem como, em outros espaços formativos – sindicatos e movimentos sociais –. A pesquisa se divide em três períodos fundamentais da história de nossa biografada: a sua história de vida, a história de sua formação e a história dos principais aspectos de sua contribuição à educação superior no Ceará, de cunho marxista-revolucionário. Ao decorrer da pesquisa, perceber-se-á

que Susana foi pioneira em muitos sentidos, em especial, em nossa hipotética inicial, à aplicação do projeto formativo-científico marxiano-lukacsiano, o qual se estendeu por longos anos após sua aposentadoria.

**Palavras-chave:** Susana Jimenez; Onto-biografia; Projeto Formativo de Base Marxiano-Lukacsiana.

## ABSTRACT

Education and science are much more than mere abstract phenomena that make up the matrices of academic courses. As a properly human act, educational action does require human existence for the act of learning-teaching to be carried out. Science is also something exclusive to humanity, and its purpose must be the development of social beings so that it can achieve something useful. From this small reflection it becomes clear that both processes require subjects to carry them out. In other words, there is no teleology carried out by objects, even if we consider that objects obtain priority in the process of knowledge. The perennial dialectic between subject and community permeates the problem regarding knowledge of reality and it is on this dialectic that we built the study presented. Returning to the first reflection proposed by this summary, we intend to expose the life history and contribution of one of the educators and scientists who contributed most to education in the State of Ceará. We are interested in showing what distinguishes her from all other educators, researchers and scientists who have lived through historical time in this existence. Understanding that every individual in the unfolding of the historical dialectic of the reality that encompasses us has a distinction, we argue that what distinguished Susana was her pioneering spirit in the insertion of the systematic study and research of science of Marxian-Lukacsian inspiration, in other words: the Marxian-Lukacsian reading of reality as a formative-scientific project! For this reason and many others to be explored during this exhibition, we present here the onto-biography of Maria Susana Vasconcelos Jimenez. The title of the research exposes materialist onto-methodology, being for the first time related to the production of biographies, which in itself distinguishes this exhibition. We intend, in addition to creating Susana Jimenez's onto-biography, to record her contribution to education, as a Marxian and revolutionary formation, and to demonstrate the relevance of her contribution to revolutionary teaching – which understands Marxism as a theory of human becoming – to public higher education in Ceará. We restrict its contribution to higher education, but we understand that her actions have consequences that are renewed in everyday life throughout all stages of education, as well as in other spaces – unions and social movements –. The research is divided into three fundamental periods in the history of our biographee: her life story, the history of her schooling process, and the history of the main aspects of her contribution to higher education in Ceará. During the course of the research, it will be clear that Susana was a pioneer in many ways, especially in resect to our initial hypothesis, the insertion of

Marxian-Lukacsian training-scientific Project, which continued for many years after her retirement.

**Key-words:** Susana Jimenez; Onto-biography; Marxian-Lukacsian Base Training Project.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Pais, irmão e avó de Susana.....</b>	<b>59</b>
<b>Figura 2 – Família Ponte de Vasconcelos.....</b>	<b>61</b>
<b>Figura 3 – Susana nos braços de sua mãe Maria Juracy.....</b>	<b>62</b>
<b>Figura 4 – Casa dos Ponte de Vasconcelos na Rua Antônio Augusto.....</b>	<b>66</b>
<b>Figura 5 – Maria Susana em frente à Rua Franklin Távora.....</b>	<b>69</b>
<b>Figura 6 – Manoel Messias e Carmelita.....</b>	<b>71</b>
<b>Figura 7 – Ludmilla, a boneca favorita de Paula.....</b>	<b>78</b>
<b>Figura 8 – Susana com Helena Freres, Mário Coelho e Edna Bertoldo na Hungria.....</b>	<b>83</b>
<b>Figura 9 – Susana e Jackline Rabelo em Trier, cidade natal de Karl Marx.....</b>	<b>83</b>
<b>Figura 10 – Zefinha, Conceição, Irmã Elisabeth e Maria Susana.....</b>	<b>107</b>
<b>Figura 11 – Cartaz do filme <i>Mondo Cane</i>.....</b>	<b>111</b>
<b>Figura 12 – Charge que compunha um dos objetos para a dinâmica dos “cantinhos”.</b>	<b>126</b>
<b>Figura 13 – Susana e Lúcia Menezes.....</b>	<b>127</b>
<b>Figura 14 – Susana junto a alguns de seus ex-alunos, colegas e participantes do</b>	
<b>IV Seminário sobre Marxismo e Formação do Educador.....</b>	<b>138</b>
<b>Figura 15 – Lúcia Menezes, Susana e Cristiane Porfírio do Rio.....</b>	<b>143</b>
<b>Figura 16 – Susana na comemoração dos 10 anos do IMO.....</b>	<b>148</b>
<b>Figura 17 – Susana distribuindo autógrafos na aula da disciplina Fundamentos</b>	
<b>Onto-Históricos, Marxismo e Educação no PPGE/UECE.....</b>	<b>154</b>
<b>Figura 18 – Susana e seus ex-alunos e ex-orientandos em evento.....</b>	<b>154</b>
<b>Figura 19 – Árvore das orientações de Susana, com mais de 300 nomes de pesquisadores</b>	
<b>e pesquisadoras.....</b>	<b>155</b>

**Figura 20 – Janaira Teixeira e Susana Jimenez.....156**

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI5	Ato Institucional número 5
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CECUT	Congresso Estadual da Central única dos Trabalhadores
CED/UECE	Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará
CEP/UECE	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará
CET	Conselho Estadual do Trabalho
CDB	Conselho de Delegados de Base
CONTAP	Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso
COVID-19	Corona Virus Disease
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CUT	Central Única dos Trabalhadores
CUT/CE	Central Única dos Trabalhadores do Estado do Ceará
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
FAFIDAM	Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos
FACED/UFC	Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará
FECLESC	Faculdade de Ciências e Letras do Sertão Central
FIES	Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
FMI	Fundo Monetário Internacional
FETRAECE	Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Ceará
GPTREES	Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação, Estética e Sociedade
IBEU	Instituto Brasil Estados Unidos
IFOCS	Inspeção Federal de Obras Contra as Secas
IMO	Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
JUC	Juventude Universitária Católica

LAPPS	Laboratório de Pesquisas em Políticas Sociais do Sertão
Central LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MAIE	Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e
Ensino MEC	Ministério da Educação
MST	Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
OVN's	Objetos Voadores Não Identificados
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PPGE/UECE	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará
PPGE/UFC	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
PROPAP/UFC	Programa Especial de Participação de Professores Aposentados da
UFC PUC	Pontifícia Universidade Católica
SINPRECE	Sindicato dos Trabalhadores Federais em Saúde e Previdência Social no Estado do Ceará
SINTECT	Sindicato dos Trabalhadores nos Correios no Ceará
SINTSEF	Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Federal do Estado do Ceará
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do
Nordeste UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFERSA	Universidade Federal Rural do
Semiárido UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UnB	Universidade de Brasília
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNITRABALHO	Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o
Trabalho URCA	Universidade Regional do Cariri

URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USAID	Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento
Internacional USP	Universidade de São Paulo
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Brasileira Afro-Brasileira

À Iara Fernandes Teixeira, minha irmã, por ela ter me mostrado que a vida possui mais possibilidades, para além do que está ao alcance dos olhos que nos foram dados.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>1.1</b>	<b>O encontro com o objeto: o que desnuda e motiva a pesquisa, objetivos e alguns pressupostos onto-metodológicos.....</b>	<b>21</b>
<b>2</b>	<b>O QUE É UMA ONTO-BIOGRAFIA?.....</b>	<b>30</b>
<b>3</b>	<b>O TEMPO HISTÓRICO DE SUSANA JIMENEZ: O COTIDIANO DOS SÉCULOS XX e XXI.....</b>	<b>45</b>
<b>3.1</b>	<b>A família Ponte de Vasconcelos: primeiros anos da infância de Susana Jimenez.....</b>	<b>48</b>
<b>3.2</b>	<b>A vida de Maria Susana: da infância à família Jimenez.....</b>	<b>67</b>
<b>4</b>	<b>AS TRANSFORMAÇÕES SUBJETIVAS DE SUSANA JIMENEZ: FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA ACADÊMICA.....</b>	<b>85</b>
<b>4.1</b>	<b>A caçula dos Vasconcelos vai à escola!.....</b>	<b>91</b>
<b>4.2</b>	<b>O período de estrelato: do primeiro clássico ao terceiro normal.....</b>	<b>100</b>
<b>4.3</b>	<b>A virada marxiana: virada ou encontro?.....</b>	<b>108</b>
<b>4.3.1</b>	<b>A virada lukacsiana: um momento de formação e atuação.....</b>	<b>116</b>
<b>5</b>	<b>A CONTRIBUIÇÃO DE SUSANA JIMENEZ PARA A EDUCAÇÃO REVOLUCIONÁRIA.....</b>	<b>117</b>
<b>5.1</b>	<b>“A sala de aula é meu lugar no mundo”: Susana Jimenez e a história do projeto formativo marxiano-lukacsiano no Ceará.....</b>	<b>124</b>
<b>5.2</b>	<b>A “Escola de Fortaleza”.....</b>	<b>139</b>
<b>5.3</b>	<b>Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário: luta e história.....</b>	<b>141</b>
<b>5.4</b>	<b><i>Last but not least</i>: a primeira tradução de <i>Mythys of Male Dominance</i> para uma língua estrangeira e a vida de uma revolucionária em outros espaços educacionais.....</b>	<b>151</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>157</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>161</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>176</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>177</b>
	<b>APÊNDICE B - TERMO DE VALIDAÇÃO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>180</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“A sala de aula é meu lugar no mundo”. Essa frase poderia ter sido dita por qualquer um dos muitos professores que compreendem, hoje, 2,3 milhões de indivíduos (INEP, 2023), no Brasil. Mas a pessoa que a proferiu se distingue de todos esses de diversas formas, algumas das quais serão apresentadas nesta exposição.

O que torna essa sentença tão especial, saída da boca da pessoa que a proferiu, não é o período histórico em que ela nasceu. Também não é, simplesmente, o extenso período de experiência como docente a particularidade de nosso objeto de investigação.

Na cadeia de causalidades que envolvem a cotidianidade científica, esta e muitas outras produções não poderiam apresentar as aproximações sucessivas do real sem o pioneirismo do projeto formativo-científico de nosso objeto de estudo, fato insofismável que se tornou a tese<sup>1</sup> contida nesta pesquisa.

Portanto, a primeira distinção eleita para introduzir o que está por vir, são essas causalidades que guardam sua gênese nas ações produzidas por Susana. Sem elas, muitas pesquisas nunca haveriam de ser desbravadas, incluindo, por exemplo, o presente estudo.

Não há história do projeto formativo marxiano<sup>2</sup>-lukacsiano sem que primeiro se mencione a história de Susana Jimenez, pessoa que inicia esse projeto formativo-científico no Estado do Ceará, de forma sistemática. Por esse e outros motivos a serem elencados, esta pesquisa, torna público o estudo onto-biográfico de Maria Susana Vasconcelos Jimenez.

Não podemos nos esquecer, todavia, do papel que possui toda a produção científica interessada no progresso a ser alcançado com a abolição da sociedade de classes e o cenário contra-revolucionário e de profunda crise que a humanidade atravessa na atualidade. Com o aumento da fome e o alastramento da miséria em escala mundial, a ciência deve buscar compreender as raízes dos problemas que proporcionam a reprodução da desumanidade dentro do que comumente se chama desenvolvimento humano.

A falta de conhecimento sobre as causas que geram os problemas enfrentados pela sociedade, abre margem para a descontextualização do conteúdo historicamente produzido. Isso leva multidões a acreditarem nas promessas messiânicas massivamente divulgadas no Brasil pelas igrejas neopentecostais, por exemplo, que fazem com que a realidade seja encoberta pelo véu da ignorância provocado pelo irracionalismo religioso. O fundamentalismo é um de seus desdobramentos e possui a finalidade de afastar a consciência

---

<sup>1</sup>Mesmo que essa não seja a finalidade de um estudo dissertativo.

<sup>2</sup>Ainda que haja diferenças, nesta pesquisa os termos marxista e marxiano são sinônimos.

das pessoas dos reais problemas, provocando uma forte reação a todo e qualquer tipo de crítica às causas geradoras dessas mazelas.

Nesse cenário insere-se a própria produção científica moderna que, em nova configuração, analisa os problemas de uma perspectiva individualista e a-histórica, considerando o sujeito isolado da coletividade e das relações que foram impostas na atual sociabilidade. Isso acaba fazendo com que as consciências fechadas em si mesmas não se atenham aos problemas que atingem universalmente todas as pessoas, o que torna possível que as mesmas mazelas que as afligem sejam perpetuadas, pela falta de contextualização histórica econômica e social dos problemas da atual sociabilidade.

Isso também nos leva a questionar: para onde foi o interesse dos pesquisadores em proporcionar o alcance da realidade? O que a ciência tem feito para garantir que a classe trabalhadora se aproprie da verdade que lhe interessa? E para onde se evadiu o interesse em abolir as classes sociais, outrora tão discutido nos mais variados meios? Enquanto essas histórias forem acompanhadas de interrogações, é papel da pesquisa desbravar os efeitos de suas causas.

Tratando estritamente do espaço ocupado pelo debate revolucionário dentro da academia, há de se registrar que algumas vertentes da pesquisa desprezam aquilo que na esteira do marxismo é o mínimo para se produzir ciência: a própria história! Como se aproximar e compreender a realidade que nos circunda desprezando-se a história?

O atual cenário brasileiro, marcado por inúmeras disputas, desde a luta de classes cotidiana até os embates políticos e acadêmicos, instiga-nos a buscar leituras que nos ajudem a compreender nosso contexto, bem como nos posicionarmos diante dele. A opção pelo marxismo na atualidade implica uma tomada de consciência e de posição conflituosa, uma vez que observamos que a leitura de Marx tem a cada dia perdido seu estatuto ontológico e se tornado – conforme a análise de alguns grupos que, em sua maioria, são ligados a vertentes acadêmicas subjetivista e particularistas – uma teoria circunscrita a um tempo e espaço.

Na realidade, o que tem se fortalecido na academia pode ser percebido como uma desvalorização da história enquanto elemento da pesquisa científica, em prol da valorização de narrativas particularistas e, sim, circunscritas a problemas individuais em detrimento dos coletivos, em um contexto em que a vida de animais de estimação possuem um valor mais alto do que as vidas humanas. Isso pode ser comprovado por meio da facilidade e rapidez com que leis de proteção aos animais são aprovadas, enquanto duras reformas reacionárias são, a cada ano, impostas à classe trabalhadora pelas casas legislativas.

Nessas circunstâncias, nasce no interior do Nordeste a vontade de pesquisadores que enxergam na educação uma arma que, potencialmente, nos leva a compreender e a interpretar a realidade em que vivemos. Realidade essa marcada pelos problemas das cidades interioranas, como a fome, a impossibilidade de alcance à educação, à saúde, ao lazer e à segurança, a negação do acesso à cultura e à arte, a migração para os grandes centros urbanos, a exposição à violência, entre outras características da vida na grande maioria dos municípios cearenses.

Toda a complexidade do contexto cearense reflete-se no dia-a-dia dos formadores. Além disso, os educadores precisam criar meios para lidar com esse cotidiano, enquanto o próprio professor é também envolvido por essa sociabilidade predatória, que põe sobre os seus ombros a responsabilidade de aparar as marcas desse processo nos indivíduos em formação. Parafraseando Lima (2011), é dada aos professores a tarefa de serem um prato fundo para toda a fome que há no mundo!

Por esse e outros motivos, a redatora do referido estudo, uma estudante interiorana da Ciência da Educação, impulsionada pelo desejo de compreender as determinações históricas que conduzem o fenômeno educativo em suas mais variadas vertentes, procurará por intermédio desta dissertação expor uma compreensão do dito fenômeno aos moldes marxiano-lukacsianos<sup>3</sup>. A pesquisadora que vos escreve procurará expor a história e o cotidiano de uma pessoa que tem contribuído, durante mais de 50 anos de atuação, para a busca de respostas aos problemas enfrentados pela educação na atualidade.

Nossa exposição é uma onto-biografia da professora que, comprovadamente por meio desta pesquisa, inseriu na formação acadêmica sistemática e científica, a vertente marxiano-lukacsiana que observa e desvela a realidade. Exporemos, portanto, neste recorte, os principais delineamentos da história e da contribuição à educação revolucionária<sup>4</sup> de Maria Susana Vasconcelos Jimenez.

---

<sup>3</sup>Adotamos o termo marxiano-lukacsianos acreditando que este melhor expressa as exposições baseadas nos escritos de Lukács em sua leitura da obra de Marx.

<sup>4</sup>Dizemos educação revolucionária, pois esta busca proporcionar à consciência a compreensão de que a emancipação humana não pode ocorrer nessa sociabilidade, a sociabilidade do capital. Ademais, entende que a classe trabalhadora é a classe revolucionária da atual estrutura social. Mas, para o leitor que não está satisfeito, haverá, adiante, mais esclarecimentos sobre essa categoria.

## **1.1 O encontro com o objeto: o que desnuda e motiva a pesquisa, objetivos e alguns pressupostos onto-metodológicos**

A presente investigação propõe expor o estudo onto-biográfico da professora Maria Susana Vasconcelos Jimenez, dando ênfase à sua contribuição para a educação na perspectiva revolucionária no Ensino Superior da rede pública no Ceará. É necessário reconhecer que as contribuições de Susana excedem os muros da academia. Por meio desta exposição, por exemplo, perceberemos que ela formou pessoas que passaram a atuar em todas as etapas do ensino, desenvolveu pesquisas que contribuíram para a reflexão e a prática de todas as referidas etapas. Por fim, sempre na perspectiva revolucionária, contribuiu para a formação de trabalhadores no âmbito do sindicalismo e dos movimentos sociais de um modo geral.

Dados esses apontamentos, a educação superior foi escolhida para que a problemática da pesquisa tivesse a delimitação de um campo que nos permitisse comprovar seu pioneirismo, mas as contribuições de Susana possuem desdobramentos incontroláveis e incalculáveis, já que se estendem ao terreno do cotidiano. Como não nos é possível mensurar esses desdobramentos, já foi demonstrado porque a pesquisa se detém à educação superior, o que não impede que outros pesquisadores busquem explorar outros campos do grande guarda-chuva que são as contribuições de Susana.

O problema da pesquisa se baseia na seguinte questão norteadora: a onto-biografia de Susana Jimenez mostra seu pioneirismo ao iniciar o projeto formativo marxiano-lukacsiano, no nível superior no Estado do Ceará? Nossa foco será seu cotidiano, sua trajetória e sua contribuição para a construção de um Ensino Superior na perspectiva revolucionária no Estado do Ceará, onde exerceu e exerce, mesmo que afastada da sala de aula, um ensinar revolucionário.

Os caminhos científico-acadêmicos que levaram a jovem pesquisadora ao desenvolvimento da presente exposição têm início ainda em sua primeira graduação. A autora deste texto é graduada em filosofia-bacharelado na Unicatólica Centro Universitário de Quixadá. Ao iniciar essa primeira graduação, a pesquisadora em foco buscou dentro das reflexões filosóficas o meio para alcançar o autoconhecimento que almejava em seus 18 anos de idade.

Apesar de ser filha de agricultor rural, a autora da pesquisa entra no ramo universitário em uma instituição privada. Não só ela, mas seus dois irmãos mais velhos tiveram o mesmo destino. É oportuno destacar que um estudo realizado em 2022 mostrou que 78% dos ingressantes no Ensino Superior entraram pela via privada (MATHIAS, 2023). Esse dado torna claro, em última instância, que os investimentos em educação superior não se concentram em instituições públicas.

Além disso, ela e seus dois irmãos realizam a graduação por meio do Programa Universidade Para Todos (PROUNI). Em linhas curtas, esse Programa, assim como outros da mesma natureza – como o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) – canaliza investimentos públicos para instituições privadas de educação superior que a cada ano demonstram o superávit provocado por esse processo<sup>5</sup>.

A venda da educação como se fosse uma *commodity* (SANTOS, 2017), tem se naturalizado a cada dia. Esta é uma realidade do cotidiano, apesar do que, poucos estabeleçam a crítica à negação do acesso ao Ensino Superior público à classe trabalhadora. Por não dispormos de espaço para tratar dessa problemática, abandonaremos esse importante debate, certos de que fizemos o mínimo, ao denunciarmos o acontecimento do fenômeno na vida desta biógrafa e de seus irmãos. Retornemos, portanto, à experiência da pesquisadora com a ontologia durante a graduação nessa instituição privada.

Durante esse processo de formação, a pesquisadora aproximou-se do tema da ontologia, guiada pelo filósofo alemão Hans Jonas (1903-1993). A aproximação aconteceu devido ao seu interesse pela própria ontologia, pois suas reflexões se detinham sobre a questão da moral e da ética e também acerca da particularidade da condição humana, temáticas que se relacionam fundamentalmente com a ontologia.

À época, a autora não poderia imaginar que o objeto de seu futuro estudo seria um dos responsáveis pelo aprofundamento dos estudos sobre a ontologia no Estado do Ceará. Mas nesse período da vida desta autora, a reflexão ontológica sequer possuía base marxiana, embora ela não fosse de todo desprovida de conhecimentos relacionados ao cientista de Trier, uma vez que sua família sempre manteve certas leituras dos livros de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895).

A aproximação de sua família à esquerda está ligada aos movimentos sociais brasileiros na década de 1980 e 1990, o que fez com que seu próprio nascimento acontecesse em um período em que seus pais eram assentados na cidade de Jaguaruana, localizada entre o Vale do Rio Jaguaribe e o Litoral Leste do Estado do Ceará, já que ambos eram militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

Permeados por algumas contradições, os movimentos sociais, como aquele ao qual se vinculavam os pais da autora, provêm uma formação voltada para construção de uma mentalidade militante. Como afirma Caldart (2001), o movimento social é o princípio educativo desse tipo de formação. Por esse motivo, a pauta revolucionária pode adentrar as

---

<sup>5</sup>Os dez maiores grupos privados detêm, hoje, 46% das matrículas do Ensino Superior no Brasil (MALI, 2022).

consciências individuais dos militantes ao ser abordada a crítica à atual forma de sociabilidade, mesmo que a finalidade da formação não seja, a rigor, a construção de consciências revolucionárias.

Apesar disso, o conhecimento de seus pais sobre os escritos marxianos não chegaram a se relacionar à ontologia, de todo modo, tendo feito o devido registro da inserção de Marx em sua vida, retornemos à questão da formação acadêmica da autora do texto em foco.

Estando na academia de filosofia, a biógrafa em cena encontra na ontologia a fundamentação para perguntas que perpassam o seu cotidiano e, através do seu então orientador de monografia, ela se aproxima da explicação antropológica de Jonas a respeito da particularidade da humanidade. Hans Jonas explicita seu ponto de vista ontológico na obra *O princípio vida*, na qual o autor expõe a ontologia de um ponto de vista filosófico-biológico e relaciona a particularidade humana à capacidade de abstrair os objetos na consciência (JONAS, 2004).

Mesmo tendo considerado satisfatória a resposta jonasiana para a fundamentação de uma antropologia, permanecia uma incompreensão com relação ao porquê Jonas negava a existência da luta de classes, tendo em vista, ainda mais, que este tratava a questão do problema ecológico sem realizar a crítica ao sistema capitalista. A contradição se acentua quando é percebido que Jonas não aborda em sua teoria questões relativas à exploração do humano pelo humano, ainda que criticasse o desenvolvimento da técnica moderna.

Nesse sentido, após participar de um evento específico sobre o pensamento de Hans Jonas, a redatora é apresentada a um pensador que foi colocado como o contraponto da ontologia jonasiana. O filósofo em questão era o revolucionário marxista Georg Lukács (1885-1971). Nossa autora nesse momento, é apresentada ao esteta magiar como aquele que expõe outra proposta, radicalmente nova, de fundamentação ontológica quanto à posição antropológica da humanidade, estabelecendo, ali, uma crítica ao modo de produção capitalista.

A ontologia lukacsiana, para essa autora, foi como um encontro consigo mesma. Pela primeira vez, foi possível perceber que a crítica da economia marxiana, que sempre esteve presente em sua vida graças ao seu seio familiar, é expandida para a própria compreensão da realidade. E essa realidade já batia à sua porta.

O que fazer com um curso de bacharelado? Quais seriam as suas possibilidades profissionais inseridas dentro da carreira de pesquisadora? Pesquisadores podem viver apenas

através da pesquisa no Brasil? Essas foram as questões que circundaram o seu último ano de graduação durante o bacharelado.

Por orientação da sua irmã, que já cursava mestrado em psicologia, a autora começa a realizar suas primeiras tentativas de entrar em uma pós-graduação. Algumas delas falhas. Enquanto isso, a realidade continuava batendo à sua porta. Após considerar novos caminhos acadêmicos, ela decide realizar uma complementação que lhe garantiria o grau de licenciada em filosofia e, por essa via, tentar viver da docência.

A licenciatura foi o momento de encontrar-se novamente com Lukács, já que o autor se debruça, de maneira abreviada porém precisa, sobre o complexo educacional. Além disso, estudá-lo era uma forma de não abandonar os estudos filosóficos enquanto adentrava o mundo da ciência da educação.

Com o aprofundar dos estudos, ela comprehende que o marxista húngaro faz o caminho para a crítica da civilização na atualidade e fundamenta uma ontologia da condição humana com prioridade no trabalho. Lukács expôs sua compreensão antropológica, através dos escritos de Marx, afirmando que, para além de abstrair os objetos na consciência, a particularidade da humanidade reside no ato de modificar a natureza, modificando a si própria e a objetividade da realidade material do mundo (LUKÁCS, 2018).

Por intermédio do esteta de Budapeste, há o primeiro encontro acadêmico da biografada com a redatora da pesquisa, pois Susana Jimenez é uma das primeiras professoras da rede pública de ensino de nível superior no Ceará a expor o pensamento de Lukács e a sua ontologia do ser social na produção científica cearense. Mesmo que cronologicamente não tenha sido a primeira pessoa, foi a primeira voz que se impôs decisivamente ao estudo sistemático do revolucionário de Budapeste. Mas não só!

Sua produção como educadora forma várias gerações de investigadores e pesquisadores. Voltaremos a esse desdobramento mais adiante. Por hora, concentremo-nos, sinteticamente, no modo como o filósofo criador da Escola de Budapeste apropriou-se de Marx para edificar uma onto-metodologia.

Lukács expõe a compreensão de humanidade afirmada por Marx, constatando que o ser humano é um ser social e que em todas as suas complexificações com a sociedade e com a natureza, prevalece o social sobre o natural. Tal exposição é percebida pela autora da presente dissertação como a exposição da condição humana com o maior rigor já apresentado até aquele momento, trazendo para seus círculos de interesse não só a filosofia lukácsiana, como

também a exposição do método científico onto-materialista, o que a levou ao encontro com a biografada em questão.

Como Jimenez é referência na origem dos estudos lukacsianos no Estado, supõe-se, com base em análises preliminares, que Jimenez tenha inserido o termo onto-metodologia na pesquisa científica no Estado do Ceará, dado que criou, como lembra o Professor Luís Távora, um conjunto de estudos que este denomina “Escola de Fortaleza”.

Após cursar a licenciatura, a jovem pesquisadora iniciou uma experiência como professora de filosofia no Ensino Médio, na cidade de Morada Nova, situada no interior da Região do Vale do Jaguaribe no Ceará. Na Escola Estadual de Ensino Médio Egídia Cavalcante Chagas, a redatora atuou junto aos filhos da classe trabalhadora, em sua maioria, filhos de agricultores de Morada Nova.

A realidade que encontrou foi a de estudantes do ensino noturno e diurno que todos os dias buscavam motivação para estarem no ambiente escolar, optando pela educação ao invés da entrada precoce no chamado mundo do trabalho do capitalismo. Muitos deles já haviam ingressado no mundo do emprego/desemprego – a escola convive com um alto índice de evasão escolar devido à realidade material que se impõe aos jovens –, fazendo-os vítimas da precarização do trabalho, por vezes, desde o Ensino Fundamental.

Durante a experiência em sala de aula, a pesquisadora percebeu que a realidade que lhe foi apresentada durante a graduação em licenciatura era nitidamente distante do cotidiano concreto do chão das escolas. Essa distância provocou, mais uma vez, a reflexão sobre o objeto que havia escolhido para pesquisar.

Quando a autora da presente dissertação finalmente é aprovada em um curso de mestrado acadêmico, coincidentemente, o orientador determinado pelo Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE), é um dos orientandos formados por Susana Jimenez!

Após discutir seus interesses e perspectivas para a pós-graduação, o orientador em cena pede para que a biógrafa deste estudo escolhesse entre dois caminhos de pesquisa por ele apresentados. Um deles relacionado à educação profissional no Ceará<sup>6</sup>, o outro, à biografia de Susana Jimenez.

---

<sup>6</sup>Foi em uma instituição pública de modalidade técnico integrado ao Ensino Médio que a redatora da pesquisa realizou a etapa do Ensino Médio, além do que, seu orientador possui um leque de pesquisas abrigadas pelo guarda-chuva da Educação Profissional. É necessário notar que, no momento, a própria pesquisadora atua como apoio técnico para o desenvolvimento de uma pesquisa internacional sobre as escolas profissionais do Brasil e da Argentina.

A curiosidade para se trabalhar com a esfera particular da história falou mais alto. Nesse momento, é necessário admitir, a pesquisadora pouco conhecia sobre a história de vida e a importância do seu objeto, mas tudo o que se referia à particularidade acabava por interessá-la, já que é também um dos seus interesses, a subjetividade do ponto de vista psicanalítico, interesse comum entre ela e sua irmã, que é doutoranda em psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Seria um desafio, um campo novo a ser explorado, tanto pela mestrandona quanto por seu orientador, que ainda não havia trabalhado com uma orientação biográfica. Desafio aceito, a redatora acabou entrando em um processo estranho à ciência de tipo moderna, particularmente ao que se refere ao neo-positivismo; mas não à história. Na verdade, a investigadora criou um imenso laço afetivo por seu objeto.

Quanto mais pesquisava e conhecia a história de Susana, mais se interessava por ela e pela pesquisa que iniciara. A rendição completa se deu ao conhecê-la. Como alguém de envergadura intelectual e tamanha importância poderia ser tão gentil, humilde, afetuosa, entre outras qualidades que tornam essa exposição demasiado apaixonada? Era hora de conseguir um jeito de tornar a presente pesquisa irremediavelmente científica. Garantir, perante tudo o que ainda havia para ser desbravado, o rigor necessário à ciência.

Durante os estudos iniciais para a compreensão razoável das principais categorias da ontologia dos ser social, da ciência da educação e da própria atividade científica, a redatora debruça-se sobre a problemática do método marxiano. Por sugestão do orientador, agarra-se à nomenclatura onto-biografia, tomando para a tarefa, que já era de grande envergadura – a história e a contribuição de Susana Jimenez –, a responsabilidade de trabalhar com uma categoria novíssima.

Chamamos de onto-materialismo de Marx, ou onto-metodologia, o padrão de conhecimento utilizado por Marx para expor as categorias a serem pesquisadas, guiado, em especial, pela história, e pela realidade objetiva da cotidianidade, ou realidade material. Em uma expressão: é o objeto que guia a investigação!

Nos Anexos da obra *Contribuição à Crítica da Economia Política*, Marx (2008) aponta no subtópico “Método da economia política”, as bases metodológicas de análise da realidade por ele utilizado. Em sua exposição sobre o método da economia política, podemos perceber que uma das características principais por ela mencionadas para a análise de seu objeto é a descrição precisa de suas características, juntamente com suas contradições em meio à dinâmica social.

O que propõe Marx torna-se um método materialista em primeira análise. Ou seja, a pesquisa histórico-materialista não somente analisa o objeto de forma isolada ou apenas a partir do meio em que está inserido. Para esse caminho investigativo, deve-se também analisar as relações e as contradições que envolvem o objeto em toda a sua dinamicidade, em constante conflito com os interesses de classes antagônicas que permeiam a cotidianidade do objeto em questão.

Além da análise do objeto de que se trate, destarte, torna-se claro a importância de investigar cientificamente suas raízes. Isto é, proceder uma análise ontogenética, para usarmos os termos lukacsianos.

Ressalta-se, para que fique mais claro como se desenvolve esse caminho de pesquisa, que é necessário verificar a interconexão do objeto em relação intrínseca com a realidade. A pesquisa precisa, com efeito, ir além da reificação provocada pelos conflitos próprios da dinâmica da sociedade (LUKÁCS, 2018b). Dados alguns delineamentos onto-metodológicos<sup>7</sup>, retornemos à justificativa do estudo que a redatora optou por desenvolver.

Apresentar a história de Susana Jimenez, destacando a linha educacional marxiano-lukacsiana, significa também resgatar a história da inserção da onto-metodologia de Marx no Ensino Superior no Ceará. Isso se justifica, já que se busca, com a presente pesquisa, comprovar o pioneirismo desta pesquisadora ao inserir a investigação onto-materialista marxiana nas instituições às quais esteve vinculada.

Mostrar a trajetória de Susana Jimenez é, em larga medida, expor o embrião da história da corrente marxiano-lukacsiana no Ceará, conferindo aos meios marxistas a radicalidade necessária para a produção científica de natureza revolucionária, em razão de todo fenômeno social possuir uma gênese a ser explorada, o que desvela as particularidades daquele problema e melhor aponta os caminhos para a sua plena compreensão.

Portanto, torna-se clara a relevância de registrar a biografia de uma professora que muito contribuiu e contribui para a pesquisa científica revolucionária e também de realizar o registro histórico da inserção do projeto formativo marxiano-lukacsiano no Ensino Superior cearense. Através da orientação direta de Susana Jimenez, foram realizadas mais de 200 orientações entre dissertações de mestrado, teses de doutorado, monografias de cursos de especialização, trabalhos de iniciação científica e monografias de conclusão de cursos de graduação.

---

<sup>7</sup>A seção a seguir tratará especificamente dos delineamentos dessa problemática.

Outra grande evidência da contribuição de Jimenez à educação de cunho marxiano no Ensino Superior cearense foi sua luta junto ao Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO), em especial, no período em que foi diretora executiva do referido Instituto.

Com o apoio do IMO, durante o período em que Susana compunha a direção, foram criados por seus orientandos formados no seio desse Instituto: o Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação, Estética e Sociedade (GPTREES), o Laboratório de Pesquisas Sobre Políticas Sociais do Sertão Central (LAPPS), o Grupo de Estudos e Pesquisa Interinstitucional (Emancipa), o Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE). Susana desenvolveu trabalhos em Brasília, no Piauí, em Alagoas, no Maranhão, no Paraná e na Paraíba, entre outros estados brasileiros, tendo ainda participado em atividades fora do país.<sup>8</sup>

Além disso, ela fez parte da criação das duas primeiras linhas de pesquisa de pós-graduação do Brasil que ostentavam o marxismo como eixo formativo, sendo estas: Marxismo, Educação e Luta de Classes, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (PPGE/UFC); e Marxismo e Formação do Educador, no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE).

Susana Jimenez ganhou grande visibilidade nacional ao traduzir pela primeira vez, do inglês para o português, o livro *Myths of Male Dominance (Mitos da dominação masculina)* de Eleanor Burke Leacock (1992-1987). Além disso, ela desenvolve até hoje pesquisas que são sistematicamente publicadas em diferentes periódicos do país.

Essas e muitas outras questões da história e do cotidiano de Susana Jimenez serão aqui abordadas. A presente onto-biografia, é importante ressaltar, pretende desvelar a vida cotidiana do sujeito para além da aparência contida nas páginas curriculares e, assim, registrar as contribuições de Susana Jimenez para o ensino revolucionário no Ceará.

Acreditamos que além de um contributo à historiografia do ensino revolucionário no Ceará, a onto-biografia de Susana Jimenez marcará um importante passo em relação às pesquisas desenvolvidas com base na onto-metodologia. O desenvolvimento desse estudo aproxima a reflexão sobre as bases objetivas de construção da realidade material objetivada e exposta pela história, articulada à subjetividade e à importância do cotidiano do indivíduo que se deixa biografar.

Pretendemos construir a reflexão e a construção de um saber que não favorece quer a objetividade, quer a subjetividade, colocando-os como combatentes, mas reafirmando que,

---

<sup>8</sup>Como a participação no congresso The Legacy of Georg Lukács na Hungria, no ano de 2017, e no IV Colóquio Internacional Teoría Crítica y Marxismo Occidental na Argentina, no ano de 2010.

sob o predomínio da totalidade, essas bases constroem, consolidam-se e modificam-se dialeticamente; amiúde na correnteza do cotidiano.

Esta pesquisa foi desenvolvida em conformidade com os parâmetros estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará (CEP/UECE) e com a legislação nacional de ética em pesquisa e pesquisa com seres humanos, compreendidas pela Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 e a Resolução 510 de 7 de abril de 2016, ambas promulgadas pelo Conselho Nacional de Saúde. A investigação tem seu desenvolvimento amparado pelo parecer consubstanciado no número 6.117.120 do CEP/UECE.

Após esta breve apresentação, segue a primeira parte que consistirá na exposição da história de vida da biografada, contando com sua participação e registros familiares que ajudarão essa exposição. A segunda parte dará ênfase a sua trajetória formativa, sua inserção no marxismo e na vertente lukacsiana, bem como a explanação das relações entre a realidade material e a perspectiva ideológica que se formaram durante seus anos de formação.

Refletiremos sobre as problemáticas em torno da ditadura civil-empresarial-militar *vis à vis* a crise estrutural do capital, que, a partir dos anos de 1970, passa a demarcar inexoravelmente o modo de produção capitalista (Mészáros, 2011). A última parte destaca sua atuação no Ensino Superior, desde suas primeiras relações com o ensino universitário até a história da inserção da leitura marxiano-lukacsiana nesse mesmo nível de ensino no Estado do Ceará, em articulação com as disciplinas, linhas, grupos de estudos e pesquisas por ela criadas, entre outros pormenores da sua monumental importância no meio universitário.

Sob essa sucinta moldura, o objetivo geral da investigação é registrar a onto-biografia de Susana Jimenez, com ênfase em seu pioneirismo para a formação de quadros no Ensino Superior cearense, com base em uma educação revolucionária de matriz marxiano-lukacsiana.

Para dar conta dessa empreitada, elegemos os seguintes objetivos específicos:

- Criar a onto-biografia de Maria Susana Vasconcelos Jimenez;
- Registrar a contribuição de Jimenez à educação, enquanto formação marxiana e revolucionária;
- Demonstrar a relevância da contribuição da docente para um ensino revolucionário de nível superior público no Ceará.

Por meio destes, acreditamos apresentar os delineamentos suficientes para comprovar que, através de Susana, temos no Ensino Superior cearense a presença de uma vertente teórico-prática da educação brasileira, cujo projeto formativo mira ser um contributo, no plano da formação das consciências, para a consolidação de uma sociedade igualitária, longe

das amarras das classes sociais e da exploração. Tendo dado os delineamentos introdutórios da presente exposição, seguem as primeiras aproximações sobre o que pode ser entendido como uma onto-biografia.

## 2 O QUE É UMA ONTO-BIOGRAFIA?

O presente estudo expõe uma categoria novíssima ao ambicionar ser uma onto-biografia. Para realizarmos essa empreitada, elucidamos, na referida seção, como criamos a biografia de Jimenez em uma aproximação onto-materialista<sup>9</sup> com a realidade.

Antes de tratarmos da particularidade do estudo onto-biográfico, é sensato dar destaque a quais caminhos a história do biografar conduziu a reflexão sobre o indivíduo<sup>10</sup>, analisando a gênese dos fenômenos que proporcionou o surgimento dos subgêneros biográficos.

A palavra biografia é definida por Bueno (2001) como a descrição escrita da vida de uma pessoa. Sua etimologia remonta a uma origem grega da combinação do morfema *bios*, que significa vida, e *graphein* que alude à escrita. Desse modo, a palavra biografia faz menção à escrita da vida.

As biografias surgiram na Grécia Antiga, mas nessa época ainda não se consolidaram como um gênero textual. Durante a antiguidade grega sucedia uma supressão do particular do sujeito à coletividade da polis (SCHMIDT, 2012). Havia à época uma significativa dificuldade em perceber a história de uma pessoa como uma parte integrante da história social, o que desde já perpassa o problema da totalidade em relação à individualidade, que será parcialmente resgatado por esta exposição.

Na Idade Média, surgiu o primeiro subgênero derivado da biografia. As hagiografias eram biografias da vida dos santos da igreja católica. O seu foco principal é ensinar os valores católico-cristãos, tais como: a virtude, a caridade e a fé (SCHMIDT, 2012).

---

<sup>9</sup>Categoría a ser definida na referida seção.

<sup>10</sup>Utilizar-se-á nesta pesquisa, os termos sujeito e indivíduo para tratar da esfera particular da humanidade – é válido notar que o particular é entendido aqui como aquilo que é próprio do sujeito, e não como particularidade em si como destaca Lukács na grande estética! (SANTOS, 2023a). A nível de esclarecimento, a pessoa como elemento pertencente ao gênero humano é mais bem compreendida pela categoria indivíduo, como defende Moraes (2007). Há uma gama de categorias que buscam dar conta daquilo que é propriamente individual na pessoa, dentre as quais estão: a singularidade que pode ser entendida como uma esfera que se articula dialeticamente com a universalidade, sendo ambos, singularidade e universalidade, momentos da totalidade social, sendo a singularidade a ação concreta do indivíduo (LESSA, 2015); a personalidade – subjetividade e personalidade serão categorias tratadas como sinônimos na presente exposição – como aquilo que é mais próprio do sujeito nele mesmo; e a particularidade que no reflexo artístico opera purificando as extremidades entre a universalidade e a singularidade (SANTOS, 2023a). Para mais esclarecimentos sobre essa temática, recomenda-se a leitura das obras citadas de Santos (2023a) e Moraes (2007).

De acordo com Jacob Buckhardt, as biografias se tornaram gênero literário do ramo histórico na época do Renascimento – meados do século XIV ao fim do século XVI –. Esse tipo de produção textual expressava o desabrochar da reflexão sobre o indivíduo, visto que não tratava somente da história em geral, mas da história de uma pessoa em específico (BURKE, 1997).

Existem vários subgêneros biográficos na atualidade que podem ser mais bem explorados em exposições que busquem essa finalidade<sup>11</sup>. Para distinguir a particularidade da onto-biografia, elegemos expor breves linhas sobre as etnobiografias e as autobiografias. A escolha do primeiro subgênero dá-se por ele representar o profundo distanciamento do que pretendemos definir, a onto-biografia; e a escolha do segundo, para que compreendamos traços fundamentais da relação sujeito/objeto dentro da escrita de biografias.

De acordo com pesquisadores da área, a etnobiografia

[...] propõe, necessariamente, uma problematização dos conceitos-chave do pensamento sociológico clássico – como o individual e o coletivo, o sujeito e a cultura – ao abrir espaço para a individualidade ou a imaginação pessoal criativa. O indivíduo passa a ser pensado a partir de sua potência de individuação enquanto manifestação criativa, pois é justamente através dessa interpretação pessoal que as ideias culturais se precipitam e tem-se acesso à cultura (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012, p. 9).

As etnobiografias, à vista disso, estão ligadas às vertentes etnográficas da antropologia. Dando ênfase à escrita sobre o diferente, a eleição do biografado dá-se pela escolha prévia da comunidade à qual ele pertence. A biografia etnográfica servirá para compreender como a comunidade em que ele está inserido constitui-se/constituiu-se, e quais seriam as peculiaridades dessa forma de organização.

Em suas raízes ontogenéticas, qualquer ser humano é sem dúvida um ser social<sup>12</sup>. Ao interrogar-se sobre as questões em volta do indivíduo e da totalidade, deve-se considerar prioritariamente a materialidade objetiva – coletivamente constituída – que o circunda. Nesse tocante, as etnobiografias ignoram<sup>13</sup> a formação da organização econômica no desenvolvimento da estrutura social<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> Para tanto, recomendamos a pesquisa desenvolvida por Silva (2017). Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/7385/5942>>. Acesso em: 01 ago. 2023.

<sup>12</sup> Categoria a ser elaborada nesta seção.

<sup>13</sup>Não estamos afirmando que as etnobiografias ignoram completamente a estrutura social, mas que desconsideram o caráter prioritário dessa estrutura para a formação daquela sociabilidade.

<sup>14</sup> A divisão social do trabalho levou ao desenvolvimento de formas diversificadas da propriedade privada em determinadas épocas históricas. Nesse ínterim, a estrutura social é a base sobre a qual determinada forma de sociabilidade se organiza, de acordo com seu respectivo modo de produção: “os homens tal como são condicionados pelo modo de produção de sua vida material, por seu intercâmbio material e por seu desenvolvimento ulterior na estrutura social e política” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94).

Essa estrutura atravessa a comunidade em que o objeto da biografia está, ou esteve inserido. Entretanto, o meio a que pertence ou se identifica o biografado não é o ponto de partida para a reflexão onto-biográfica, dado que entendemos que as comunidades são geradas por um processo histórico e econômico que não deve ser secundário na reflexão biográfica.

As autobiografias, por sua vez, são biografias feitas ou expostas verbalmente pelo próprio biografado. Sua particularidade consiste em uma narrativa própria da existência (PEREIRA, 2000). Não há dúvidas de que ninguém além do sujeito/objeto da pesquisa é potencialmente aquele que conhece com maior rigor os detalhes da sua história de vida. Todavia, saber sobre determinado assunto e pesquisá-lo com rigor têm suas diferenças.

Grande importância literária possuem as autobiografias e estas podem ser escritas com a criticidade necessária para se abstrair a imanência da ênfase que se deseja dar a esses relatos. Não obstante, existe uma linha tênue entre a antropomorfização<sup>15</sup> desse conhecimento e a história real da pessoa que escreve. Na escrita de uma autobiografia, o autor pode priorizar conteúdos de grande valor afetivo, ao invés de adentrar em temas que seriam importantes para a sua formação enquanto ser social.

Considerando que os elementos categoriais entre os gêneros biográficos não são suficientes para definir a particularidade do estudo onto-biográfico, abandonaremos temporariamente a distinção entre os tipos de biografias, e partiremos para a análise da particularidade da reflexão biográfica na atualidade. Assim, adentramos nas problemáticas acerca do indivíduo e da totalidade, até alcançarmos o cerne do que se pretende onto-biográfico na referida exposição.

As biografias se tornaram um gênero textual popular na contemporaneidade. Registra-se que no ano de 1990<sup>16</sup> o mercado editorial de biografias cresceu 50% no Brasil em relação à década anterior (HERSCHMANN; PEREIRA, 2002). O mesmo autor afirma que o apoio da iniciativa privada foi fundamental para a difusão das biografias. Nessa sequência, as

---

<sup>15</sup>Antropomorfização e desantropomorfização são categorias expostas junto com outras duas – imanência e transcendência – por Santos (2018). O autor as define como categorias nodais – fazendo referência ao nó górdio – para a compreensão da estética de Lukács. Para elaborá-las com rigor, indicamos a leitura da obra citada. No momento, interessa-nos o fato de que a ciência deve buscar ser desantropomórfica, ou seja, buscar a imanência do objeto pesquisado, e afastá-lo do antropomorfismo da experiência imediata do cotidiano (SANTOS, 2018).

<sup>16</sup>Nesse recorte temporal, o trabalho de Lira Neto ganhou destaque nacional. Ele foi um dos responsáveis pela popularização do gênero biográfico e sem dúvidas é hoje um dos nomes mais populares no ramo. Entre as suas produções encontram-se a biografia de Rodolfo Teófilo – sanitarista que atuou na epidemia da varíola no século XX –, a de José de Alencar, a da cantora Maysa, a de Padre Cícero e a de Getúlio Vargas (MARTINEZ; ALBUQUERQUE, 2020). O que o distingue não é simplesmente ter dedicado à sua vida a esse gênero textual, mas ter entrado nesse ramo quando o momento era propício para a reflexão sobre as histórias de vida, já que o indivíduo, nesse recorte histórico, consegue se projetar perante a coletividade humana.

narrativas que investigam a história de uma pessoa podem perpassar os interesses do estamento social que se apropria dos lucros.

Como já sublinhamos, mas vale aqui retomar, a questão do indivíduo perpassa a problemática biográfica. Destarte, esse gênero literário torna-se um foco de interesse apto para proporcionar a difusão da superposição do indivíduo perante a totalidade social<sup>17</sup>.

A valorização exacerbada das demandas individuais é útil para que as reclamações coletivas sejam esquecidas, postas em segundo plano ou até mesmo veladas! As narrativas que corroboram para esse velamento foram essenciais para a consolidação da dominação teórica burguesa, expressa, sobretudo, na categoria do pensamento pós-moderno<sup>18</sup>.

Em linhas breves, para que não se perca o foco almejado, o pensamento pós-moderno reúne os esforços teóricos voltados para a negação do conhecimento científico em favor do irracionalismo contemporâneo, o estímulo ao individualismo e a supressão da temática da luta de classes dentro da reflexão sistemática para a compreensão da realidade.

O pensamento pós-moderno proporcionou uma manipulação discursiva que isolou as demandas do sujeito em si mesmo, desconectando-o da coletividade e da compreensão total da realidade. Nesse desenvolvimento, emergiram narrativas particularistas e focalistas, que não alcançaram o debate sobre a relação entre a formação da pessoa e a estrutura vigente (SANTOS, 2017).

O isolamento do sujeito é de muitas formas útil para o modo de produção capitalista devido a um conjunto de fatores, dos quais destacamos: o estímulo que esse isolamento provoca à competitividade, a responsabilização da pessoa pelas mazelas inerentes ao próprio desenvolvimento desse modo de produção<sup>19</sup> e a distância demarcada quanto ao sentido da organização coletiva em sua função de emancipar o gênero humano, o que acarretaria o fim da propriedade privada.

Por esses motivos, que não esgotam a problemática sobre a recente valorização do sujeito perante a coletividade, emerge o incentivo à escrita de biografias como uma forma de

<sup>17</sup>Ao contrário de uma superposição do indivíduo em relação ao reconhecimento da totalidade do gênero humano, Lukács (1966) menciona que o cotidiano da vida privada auxilia na complexificação do desenvolvimento humano, enriquecendo-o com conteúdos novos, já que a humanidade, mesmo em sua vida pessoal, estabelece relações com o gênero humano. Essa percepção ajuda-nos a situar a importância da biografia para a compreensão da realidade!

<sup>18</sup>Apesar de sintético, o texto de Santos (2017) traz os elementos necessários para a compreensão geral do pensamento pós-moderno, na seção intitulada: *Pensamento pós-moderno: o terceiro vértice da tríade de sustentação da crise estrutural do capital*. Para aprofundamento do tema, indicamos a aula de Angélica Lovatto intitulada *Crítica à Pós Modernidade: a diferença entre pós-estruturalismo e pós-modernidade*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6qsuLR67F-Q>>.

<sup>19</sup>Vale destacar, agravadas pela crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2011)!

estimular o encerramento da reflexão no isolamento do sujeito e em suas demandas particulares.

A estrutura básica desse tipo de narrativa segue a escrita cronológica dos acontecimentos ocorridos na história dos biografados, muitas vezes tendo sua atenção voltada para as relações interpessoais da pessoa durante sua vida, ou a influência que esse objeto exerceu na história oficial.

Alerta Pierre Bourdieu (1930-2002) que a organização cronológica dos eventos ocorridos na vida de um indivíduo não é o caminho para se alcançar as problemáticas em torno da construção da subjetividade desse ser. A complexidade de cada indivíduo vai além da mera organização de acontecimentos, sobretudo, se essa organização é feita da perspectiva do pesquisador (BOURDIEU, 2006).

Esse alerta, entretanto, não pode se portar como um imperativo categórico<sup>20</sup> dentro da escrita biográfica, em especial, em primeiras aproximações biográficas da história de vida de uma pessoa, já que nesses casos há a necessidade de explicar a gênese de sua história ainda não conhecida.

Cabe a nós neste momento traçar a base sobre a qual afirmamos a criação de uma onto-biografia, ressaltando que toda biografia já possui em potência o caráter onto-biográfico. O cerne do problema encontra-se não na forma de exposição, mas na relação entre a pessoa biografada e a materialidade dialética e contraditória que circunda sua história.

Abstrai-se então, que a relação entre o indivíduo e a totalidade se impõe como a iluminação necessária para alcançar a raiz da reflexão biográfica. Isso posto, devemos buscar a história da pessoa biografada, não de forma puramente cronológica, mas indagando sobre aquilo que perpassou a formação dialética do sujeito e da objetividade material, para que sua história sofresse as modificações que ocorreram em suas cadeias causais.

A compreensão do indivíduo em relação à generalidade foi, durante muitos anos, uma grande questão para a filosofia e para o pensamento sociológico. Émile Durkheim (1858-1917) buscou solucionar o problema em cena, afirmando uma dissolução do indivíduo perante a generalidade.

---

<sup>20</sup>Máxima da moral kantiana, o imperativo categórico é uma lei que pode ser universalizada e possui um valor em si mesmo (KANT, 2007). O termo é usado aqui para expressar que o alerta de Bourdieu não pode figurar em todas as produções biográficas, pois é necessário que o pesquisador atenda ao que demanda o objeto, e se esse objeto pede por uma descrição cronológica de sua história, ela deve ser realizada!

Durkheim não conseguia enxergar a luta de classes, o que dificultava a compreensão da estrutura social;<sup>21</sup> Isso o fez afirmar que os fenômenos sociais são fruto de uma consciência coletiva (DURKHEIM, 1989).

Max Weber (1864-19200), por seu turno, exclui a possibilidade de conhecimento do real em sua caoticidade, afirmando apenas ser possível a compreensão do individual (FREDERICO, 1997). Assim sendo, afirma Weber:

Não é pois por casualidade que o conceito “social”, que parece ter sentido muito geral, adquire, logo que seu emprego é submetido a um controle, um significado muito particular e específico, embora geralmente indefinido. O que nele há de “geral” deve-se, com efeito, à sua indeterminação. Porque se é encarado em seu significado geral, não oferece *ponto de vista* específico a partir do qual se possa iluminar a *significação* de determinados elementos culturais (WEBER, 2006, p. 37-38, aspas e itálicos do original).

Já Marx não submete o indivíduo à generalidade e, evidentemente, confirma a necessidade e a possibilidade do conhecimento acerca da totalidade social. Sua compreensão acerca dessa problemática, vai ao encontro da relação dialética entre o gênero humano e a individualidade. Nesse cenário, destaca Moraes (2007, p. 17): “[...] constitui-se o nexo ontológico entre essas duas distintas processualidades e, ao mesmo tempo, intrinsecamente articuladas – generidade humana e individualidade”.

Quanto à relação entre indivíduo e gênero, explica Marx (2004, p. 128): “Mas o homem não é apenas ser natural, mas ser natural *humano*, isto é, ser existente para si mesmo (*für sich selbst seindes Wesen*), por isso, *ser genérico*, que, enquanto tal, tem de atuar e confirmar-se tanto em seu ser quanto em seu saber” (itálicos do original).

A totalidade humana se expressa na generidade. O indivíduo impacta e é impactado pelo gênero a que pertence, em uma relação dialética com **prioridade no gênero**. A realidade é feita pelos indivíduos, mas o indivíduo é determinado pela coletividade do gênero humano. A história e a vida material são frutos das ações dos indivíduos, mas esses são submersos e constantemente influenciados pela totalidade social (MORAES, 2007).

Para se pesquisar tanto o indivíduo quanto os contextos sociais de sua inserção, a ciência deve observar a realidade dialeticamente, mas não somente. Para dialogar com o real,

---

<sup>21</sup>Não só Durkheim, mas muitos teóricos de sua época não compreendiam as relações que envolvem a estrutura social. A elucidação dessa problemática aos moldes marxianos deu-se apenas com a publicação de *A ideologia alemã* (1932) e, mesmo após isso, foram necessários muitos anos de estudo desta obra para sua suficiente compreensão, por ser composta por fragmentos e notas esparsas. A compreensão imanente da obra em questão dá-se no segundo tomo de *Para a Ontologia do Ser Social* (2018b) de Georg Lukács.

na busca da imanência do objeto pesquisado, deve-se buscar os fundamentos ontológicos desse objeto, a coisa em-si<sup>22</sup>, sua lei e sua compreensão ontogenética.

Por conseguinte, além do trato dialético-contraditório das categorias iluminadas pela história, é preciso seguir os caminhos do objeto em análise, como destaca Santos (2023b, p. 141): “[...] apenas a investigação que respeite as pistas plantadas pelo próprio objeto pode render frutos capazes de, ao final da pesquisa, revelar ao investigador, sem misticismos subjetivistas nem mecanismos positivistas, o que há concretamente no objeto perseguido”.

Ancorados em Lukács (2018a) e (2018b), propomos criar uma biografia que busque pelos fundamentos ontogenéticos da história da educadora Susana Jimenez e, dada a ênfase requerida pela pesquisa, sua atuação para o fortalecimento da educação a serviço da proposta revolucionária. Dessarte, buscaremos a coisa em-si do objeto analisado, afundando-nos na realidade exposta pelo estudo da história em sua construção dialética, contraditória e coletiva do gênero humano.

A começar dessa definição básica, tentaremos expor uma breve, mas consistente, fundamentação para a categoria onto-biografia. Iniciaremos essa empreitada desenvolvendo alguns esclarecimentos acerca da ontologia e como dela nasce o padrão de conhecimento ontológico.

O primeiro autor a abordar a ontologia, é Aristóteles. Nos escritos chamados de *Metafísica*<sup>23</sup> (1984), o autor estagirense afirma que a ontologia é o estudo do ente, ou seja, aquele que se identifica por princípio ao ser, substrato que guarda a essência do objeto (HARTMANN, 1956).

Posteriormente, o termo é definido por Christian Wolff (1679-1754) como o ramo do conhecimento que: “estuda o ente como tal em geral e meramente possível nas verdades que o constituem analiticamente” (BLANK, 2011, p. 21). Ao traçar o limite da ontologia, Wolff estabeleceu a primeira distinção entre ontologia e metafísica.

O que é comum a Aristóteles e Wolff é a incomunicabilidade desses sistemas à realidade concreta. Afirmam os autores que a essência é encontrada por dedução pelo o princípio de identidade. Dessa maneira, não há exposição da coisa em-si, apenas uma inferência da necessidade de compatibilidade entre o objeto e sua essência deduzida (HARTMANN, 1956)

---

<sup>22</sup>Nas palavras de Lukács (1976), o em-si é aquilo que existe independente da consciência humana.

<sup>23</sup>“Quando Andrônico de Rodes editou as obras de Aristóteles, no primeiro século a. C., ele colocou os livros que tratam da Filosofia Primeira, depois daqueles que tratam da física, e, por isso, eles foram chamados *metafísica*” (GARRETT, 2008, p. 11, itálico do original). A Ciência Primeira, ou Ciência das Causas Primeiras, para Aristóteles, é o ramo do conhecimento que trata dos graus do ser no ente (ARISTÓTELES, 1984).

Algo parecido acabou ocorrendo com a difusão dos cânones da teoria do conhecimento moderno. Agrupar procedimentos ou regras previamente estabelecidas é o que caracteriza o padrão gnosiológico de conhecimento da modernidade (TONET, 2013). Ao invés de utilizar-se do princípio da identidade, o padrão gnosiológico reflete o método como princípio do conhecimento do objeto (HARTMANN, 1956).

A gnosiológia ganha sustentação teórica, principalmente, através da epistemologia kantiana, que põe sob a responsabilidade do sujeito, em sua síntese de multiplicidades proporcionada pelas faculdades do conhecimento intelectivo, o meio para se chegar à aproximação de um conhecimento possível sobre o fenômeno<sup>24</sup> dos objetos (KANT, 2009).

Dessa constatação, nós podemos chegar a duas máximas do pensamento kantiano. Primeiro, nós só podemos conhecer o fenômeno, ou seja, a aparência dos objetos que nos é dada no tempo e espaço aos cânones da razão e, segundo, a abstração do sujeito é o que determina esse conhecimento.

Hegel muito avança com relação ao desvelamento ontológico da realidade, para além dos rígidos muros da gnosiológia moderna. Porém, seu sistema antesclareador da relação dialética entre objeto e sujeito, abre mão da realidade em-si em favor de uma hierarquia lógica entre os momentos de negação do ser:

Ele analisa a conexão categorial de propósito e meio, sua relação com os princípios do mecanismo em um modo exemplarmente correto; pode fazê-lo, contudo, apenas porque seu modelo ideal é aqui o trabalho. A abstratividade lógica da análise obnubila com frequência esse modelo, ainda que, de fato, tenha de vir à luz em cada passo; pois é para Hegel impossível levar a cabo essa investigação sem, em passagens decisivas, vir a falar diretamente do trabalho, dos, nele, propósito e meio. Encontramo-nos novamente aqui, portanto ante a duplidade da filosofia hegeliana. Por um lado, descobre o trabalho como aquele princípio em que se expressa a autêntica forma da teleologia, o ser-posto e a real realização do propósito através de um conceito consciente: por outro lado, essa autêntica categoria ontológica é inserida em um meio homogêneo do sistemático em que os princípios lógicos tornam-se dominantes; segundo esse sistemático encontramo-nos em um estágio que não produziu nem a vida, nem os seres humanos nem, ainda, a sociedade (LUKÁCS, 2018, p. 508).

Ao contrário dos padrões de conhecimento citados, o método ontológico busca compreender a realidade existente. Assim, o método é considerado válido se a imanência do objeto for acessada. Já dentro do período histórico considerado como o início da decadência ideológica burguesa, um autor não burguês, mas definitivamente idealista, lança

---

<sup>24</sup>Fenômeno é aquilo que se apresenta à sensibilidade, que conduz esse conhecimento aparente ao entendimento (KANT, 2009).

esclarecimentos válidos para a questão do conhecimento sobre bases ontológicas, ou seja, o conhecimento ancorado na realidade. Esse autor foi Nicolai Hartmann (1882-1950).

Tal qual afirmou Hartmann (1956), os princípios devem ser considerados válidos caso seja constatado que os resultados obtidos dialogam com a realidade. Os procedimentos metodológicos não são estáticos, ou sequer devem ser pensados antes de se buscar os fundamentos do objeto na realidade.

Mesmo sendo o teórico que mais avança na compreensão ontológica da realidade pesquisada, Hartmann perde-se na fundamentação da sua ontologia, conduzindo sua investigação teórica por reflexões semelhantes às do idealismo gnosiológico (LUKÁCS, 2018a).

Ora, uma vez tendo explicitado a necessidade de dialogar com a realidade para que o conhecimento ontológico seja de caráter ontológico, Hartmann entrega sua investigação a categorias demasiado abstratas, as quais só podem ser concebidas hipoteticamente. O autor rechaça o materialismo contido, sobretudo, na primazia do trabalho como fundante do ser humano e *práxis* social no cotidiano (LUKÁCS, 2018a).

Não obstante assumisse uma perspectiva esclarecida da ontologia como padrão de conhecimento, Hartmann não é capaz de alcançar o que já havia esclarecido Karl Marx(1818-1883) quanto à ontologia do ser social. Na esteira do trabalho, Marx afirma sua importância ontológica e fundante para a superação da esfera biológica e a formação do ser social:

O trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas da sociedade -, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana (MARX, 2020, p. 65).

O trabalho, por consequência, possui prioridade ontológica para a compreensão da totalidade do ser social e da própria realidade que nos circunda. Ele proporciona a criação de objetividades previamente idealizadas por posições teleológicas, o que o torna modelo de toda a *práxis* social (LUKÁCS, 2018b).

De Aristóteles a Hegel, a ontologia constituiu o conhecimento da realidade sobre pólos antinônicos que circulavam entre a teleologia e a causalidade. Com a exposição marxiana, a síntese entre esses dois pólos, além de ser exposta pela primeira vez, é percebida em diálogo com a realidade existente (LUKÁCS, 2018).

Afirma Lukács (2018b, p. 17), que a maioria das filosofias atribuía prioridade a um desses polos, até a filosofia marxiana realizar a síntese entre o par relacional que mais o aproximava da realidade: “Sendo reconhecida ao contrário por Marx, a teleologia exclusivamente no trabalho como uma categoria realmente operante, segue-se inevitavelmente uma coexistência concreta, real e necessária de causalidade e teleologia”.

Reafirmando a concepção lukacsiana, Souza, Gonçalves e Jimenez (2015) explicitam que o trabalho realiza a síntese entre subjetividade e objetividade. Ao modificar a natureza, o ser humano insere na realidade material a sua impressão. As atividades humanas terão frente a este fundamento ontológico, autonomia relativa, dado que nem toda atividade humana é trabalho, mas guardam tal qual o trabalho, a estrutura básica das atividades humanas, quer dizer, a teleologia e a causalidade (SOUZA; GONÇALVES; JIMENEZ, 2015).

Ademais, é no cotidiano que a *práxis* social é realizada, por essa razão, é adequado que destaquemos a importância de se deter ao terreno onde a materialidade deve ser pesquisada. Torna-se necessário destacar que a atividade científica nasce das questões relativas ao cotidiano, mas que se deve afastar e novamente voltar a aproximar-se dele, constituindo um movimento que suspende temporariamente a cotidianidade, para melhor compreender as determinações que circundam o objeto eleito (SANTOS, 2018).

A pesquisa deve expor as relações, não guiá-las por um percurso ou até mesmo manipulá-las, o que pode ocorrer, quando não há clareza ontológica sobre a realidade (LUKÁCS, 2018a). Desse modo, é necessário que se abstraia o movimento próprio que o objeto apresenta na sua dinâmica real e material que, necessariamente, ocorre no cotidiano.

Deve-se buscar, então, compreender os fundamentos materiais que geram o aparecimento do fenômeno pesquisado, na busca da coisa em-si contida nele. Todavia, alertam Barbosa, Jimenez e Rabelo (2017, p. 152):

Adotada como ponto de partida para a correta compreensão do ser e de suas relações categoriais, a vida cotidiana e o pensamento dela emanado não podem se impor como fim em si mesmo, ainda que tomemos um momento mais elevado do desenvolvimento histórico e social.

Nessa alçada, concordamos com Santos (2023a), quando sublinhamos que o caminho até a atividade científica – o que alguns chamam de método científico – dá-se pela reflexão sobre o trabalho, o cotidiano e a atividade científica. Esse apontamento é exposto por Lukács

em sua estética, a fim de esclarecer a diferença entre os reflexos<sup>25</sup> científico e artístico. Para o presente recorte, interessa-nos o reflexo científico.

A prioridade ontológica ou do objeto no reflexo da ciência, é uma necessidade da própria atividade de pesquisa. Para assinalar a diferença entre reflexo cotidiano e reflexo científico, podemos remontar ao que indicou Lukács (1966) ao afirmar que os problemas da ciência nascem da vida cotidiana, e que a última se enriquece com a aplicação do resultado dos métodos científicos.

Lukács é preceptor de um contexto que demanda que a exposição ontológica ocorra a partir de uma fundamentação teórica. Oliveira (1997), afirma que foi uma necessidade do século XX o tratamento da questão da fundamentação, porque as teorias relacionadas ao “fim da história” começaram a ganhar espaço, e isso fez com que a ontologia sofresse fortes ataques teóricos.

Nesse período, diferentes teóricos, em sua maioria pertencentes ao irracionalismo característico desse recorte histórico, apresentaram sistemas de fundamentação sob diferentes categorias ontológicas ou antiontológicas, como Hans Jonas (1903-1993) e Martin Heidegger (1889-1976).

Fazia-se necessário pautar uma ontologia materialista, tal qual a história da filosofia apenas pôde alcançar com Marx:

Este estudo visa a restauração do contato com as grandes tradições do marxismo. Tenta, ao perseguir isto, fazer de seu tema a ontologia do ser social, já que, no caos presente de teorias distorcidamente sofisticadas, superficialmente niveladoras e falsamente >> profundas<<, requer a necessária renovação do marxismo como uma ontologia fundada e fundante que, embora encontre na realidade objetiva da natureza uma base real para o ser social, seja ao mesmo tempo capaz de descrevê-lo em sua simultânea identidade e diversidade para com a ontologia da natureza (LUKÁCS, 2018a, p. 515).

A exposição ontológica de Lukács é a via para o projeto revolucionário possível no contexto atual, considerando os problemas que se desmontam nas mais variadas ordens – da ética ao conhecimento –. Temos que a ontologia de Lukács expõe a onto-metodologia marxiana, apresentando que esse padrão de conhecimento além de ser possível, é também o único capaz de proporcionar um conhecimento da imanência dos objetos da realidade.

---

<sup>25</sup>Como destaca Santos (2017, p. 25): “[...] o reflexo científico da realidade procura se libertar de todas as determinações antropológicas, tanto as derivadas da sensibilidade, como as que procedem da natureza intelectual. Em outras palavras, tal reflexo se esforça para reinventar os objetos e suas relações do mesmo modo como são em si, independente da consciência do ser, isto é, de maneira desantropomorfizante”. Em outras palavras: o reflexo é o elo entre a consciência e o real (SANTOS, 2021).

A ontologia marxiana ajuda-nos a alcançar a realidade, e não há projeto revolucionário sem o voltar-se ou apropriar-se do conhecimento da totalidade, como bem sublinha Lukács (2018a, p. 561): “Dominante mostra-se a realidade social como critério último do ser ou não-ser social de um fenômeno”.

Desse modo, reforça Santos (2020 p. 22): “Chamamos, sucintamente, de ontologia materialista, método onto-histórico ou onto-metodologia, o processo de pesquisa que se orienta pelo objeto e que pressupõe o processo do conhecimento como uma síntese ontológica entre objeto e sujeito em que aquele tem prioridade sobre este”.

Apesar da esclarecedora exposição lukácsiana, ele não criou um novo padrão científico. Marx foi quem ainda no século XIX trouxe à luz o onto-método. Como afirma Tonet (2013), Marx não fundamenta um sistema filosófico, sociológico ou econômico. Em seus escritos, está a instauração de um novo padrão de conhecimento acerca da realidade.

Há nas obras de Marx, e Marx e Engels, muitas indicações sobre o onto-método, não como categoria central da pesquisa, mas como esclarecimento da própria realidade. Consequentemente, podemos afirmar que Marx é fiel ao seu próprio padrão de conhecimento instaurado, ao nunca colocar a centralidade da investigação no método.

Nas obras de publicações póstumas de Marx, como os *Manuscritos Econômico-filosóficos* (1932), e *A ideologia alemã* (1932), é possível compreender os fundamentos do onto-método. Tonet (2013), menciona que em *Para a questão judaica* (1844), *A sagrada família* (1845), *O capital*, posfácio da 2<sup>a</sup> edição alemã de *O capital* (1872), *Miséria da filosofia* (1847), nos *Grundrisse* (1939), e em outras anotações fragmentadas dos escritos de Marx, estão contidas também reflexões sobre a onto-metodologia.

Marx constata que a filosofia descuidou-se da realidade, e que não há outra forma de emancipar a humanidade a não ser pelo conhecimento da realidade tal qual ela é: “O homem, que na realidade fantástica do céu, onde procurava um super-homem, encontrou apenas o reflexo de si mesmo, já não será tentado a encontrar apenas a aparência de si, o inumano, lá onde procura e tem de procurar sua autêntica realidade” (MARX, 2010, p. 145).

Para um verdadeiro desvelamento do real, era necessário refletir sobre os objetos na vida social, não mais entendendo que a consciência por si só possui a capacidade para conhecer. O materialismo deve ocupar-se da humanidade na concretude da realidade, mas não só.

Complementando a crítica ao idealismo alemão, Marx afirma que a libertação humana é um ato histórico e não do pensamento. As coisas materiais são geradas pela humanidade em

conjunto. Por consequência, a ciência é antes de tudo uma atividade histórica, construída da concretude do cotidiano. Por essa razão, a ciência é história da natureza e história da sociedade<sup>26</sup> (MARX, 2007).

Argumentam Marx e Engels (2007, p. 78): “Os indivíduos sempre partiram de si mesmos, sempre partem de si mesmos. Suas relações são relações de seu processo real de vida”. Seguindo essa linha, temos que as categorias que fazem parte da cotidianidade são geradas das relações econômicas e de produção (MARX, 2011).

O movimento do pesquisador não pode supor nada que já não exista na materialidade: “Para explicar o valor de troca, é necessária a troca. Para explicar a troca, é necessária a divisão do trabalho. Para explicar a divisão do trabalho, são precisas necessidades que a exijam” (MARX, 2009, p. 46).

Essa abstração razoável se realiza na esfera teleológica. Sua função é aproximar o trabalhador da realidade (SOUZA; GONÇALVES; JIMENEZ, 2015). Em outras palavras, mediado pelo reflexo científico, o ser social estreita sua relação com o mundo objetivo e efetiva com maior eficácia o processo de transformação da natureza (SOUZA; GONÇALVES; JIMENEZ, 2015, p. 122).

A onto-metodologia, não se distingue nem discorda do que se chama materialismo histórico-dialético<sup>27</sup>, mas esclarece que o método só é materialista e histórico, com a aproximação razoável à realidade. Em vista disso, reivindicamos o uso do termo onto-metodologia<sup>28</sup> materialista, para que não caiamos na armadilha gnosiológica de que o método é o princípio da investigação, como aponta Tonet (2013).

A onto-metodologia materialista, ou onto-materialismo, tem em foco o real em sua imanência. Como afirma Amorim (2018), devemos buscar desvelar o objeto de sua aparência, a partir dos pressupostos ontológicos de sua constituição.

O onto-método e, por consequência, a onto-biografia, são espécies de apreensão do real, a partir de aproximações sucessivas com o objeto em análise. Como afirma o próprio

<sup>26</sup>Como esclarece Freres et. al. (2012), a esfera biológica regula-se por princípios próprios independentes da consciência, já a sociedade, é constituída historicamente sobre o imperativo da produção da vida material e espiritual através do trabalho que, por sua vez, possibilitou o salto ontológico da humanidade.

<sup>27</sup>A terminologia materialismo histórico-dialético, é a categoria mais conhecida dentro do estudo do método científico em Marx. Masson (2007, p. 109), esclarece a definição do materialismo histórico-dialético afirmando que: “No materialismo, portanto, a compreensão do real se efetiva ao atingir, pelo pensamento, um conjunto amplo de relações, particularidades, detalhes que são captados numa totalidade”. Como dito, a onto-metodologia identifica-se com o chamado materialismo histórico-dialético, pois como bem menciona Santos, (2021), os indivíduos constroem suas subjetividades e a realidade objetiva, dentro de um processo histórico, dialético e contraditório.

<sup>28</sup>Invés de utilizar até mesmo o termo metodologia onto-materialista, já que a metodologia nunca deve anteceder a realidade em-si.

Marx (2010, p. 111): “De sorte que, para a consciência, o movimento das categorias assume a aparência de um ato efetivamente real de produção”. Em outras palavras, a reprodução ideal de um processo real (ARAÚJO, 2003).

Tendo exposto uma base fundamental para a compreensão da onto-metodologia, podemos retornar à problemática iniciada na primeira parte, sobre a diferença entre a onto-biografia, e as biografias de uma forma geral.

Havíamos afirmado que toda biografia é potencialmente uma onto-biografia e que as autobiografias são construídas por um material integralmente gerado pelo biografado. Comecemos abordando o primeiro desses problemas.

As biografias, como bem lembrado nesta seção por Bourdieu (2006), podem tornar-se mera narração cronológica de fatos por um interlocutor que escreve a pesquisa. O que não se diferencia substancialmente de uma pesquisa gnosiológica, aos cânones da ciência moderna, em que o pesquisador elege as ocorrências relevantes, monta o texto de acordo com sua própria intuição, entre outros procedimentos que demarcam a centralidade do sujeito na pesquisa.

A pessoa que está sendo pesquisada e sua história estão tornando-se objetos, contudo, o indivíduo pertence ao gênero humano e é um ser social. Em função disso, sua história é prioritariamente determinada pelo gênero.

Como já afirmado por Lukács (2018b, p. 157): “[...]o ser social exibe como estrutura fundamental a polarização entre dois complexos dinâmicos que se opõem e se superam no processo de reprodução sempre renovado: o ser humano singular e a própria sociedade”. Assim sendo, a particularidade da onto-biografia consiste em enxergar a relação indivíduo/gênero como o fundamento para a escrita da história abordada.

Nesta continuação, toda biografia é uma onto-biografia, se o fator determinante para a pesquisa da história abordada é a relação entre o indivíduo e o gênero humano. Deve-se ressaltar dentro da história real daquele sujeito, a compreensão desse ser como ser social, ente impactante e impactado pela dinâmica de seu meio.

Essa particularidade, também marca a diferença substancial entre uma onto-biografia e uma autobiografia. A autobiografia é a narração da vida do objeto, pelo próprio objeto, enquanto uma onto-biografia é uma pesquisa que busca a história do sujeito/objeto, com prioridade no impacto causado pelo gênero humano nesse ser social.

A subjetividade humana é formada pela história que é a base objetiva da totalidade social (SANTOS, 2021). Desta maneira, a onto-biografia, ao ser uma investigação que busca

pela história do sujeito, deve considerar na formação da subjetividade desse ser, não os aspectos psicológicos, muito embora eles possam também figurar na reflexão, mas deve priorizar a exposição das determinações desantropomórficas, sem desprezar as ações antropomórficas da pessoa biografada.

A partir dessa primeira definição, apreende-se também que a pessoa que pesquisa deve buscar alcançar a história do cotidiano do biografado. Como afirma Torriglia (2019), o cotidiano é o lugar onde o indivíduo se relaciona com o gênero, forma-se a si mesmo e deixa-se ser formado por toda a cadeia que o cerca. Nessa dialética, pretendemos desvelar o ser-assim do sujeito que se dá na realidade cotidiana, terreno onde todo indivíduo exerce a sua *práxis* social (LUKÁCS, 2018b).

Portanto, a onto-biografia busca a captação do real em seu movimento pulsante dialético e contrário, na caoticidade e dinamicidade do terreno do cotidiano, através do reflexo científico que, por sua vez, pesquisará suas determinações a partir de aproximações sucessivas e razoáveis.

A onto-biografia não necessariamente precisa ser recolhida através do próprio biografado, como o caso desta que tem o privilégio de contar com os relatos da biografada para a construção desse estudo. Os textos que tratam dessa pessoa, da época em que ela se insere, ou até mesmo escritos por ela, auxiliam na redação do estudo. Os relatos de pessoas que conviveram com o objeto, são também meios pelos quais se conseguem os registros do cotidiano vivido por esse ser social.

Quanto à interpretação dos textos escritos por quem deseja biografar, ou sobre essa pessoa, muito nos ilumina Chasin (2009), ao tratar sobre a análise imanente do material escrito para se alcançar a abstração razoável daquela situação real. A esse respeito, esclarece-nos Giana (2021, p. 17): “Em outros termos, é a natureza do objeto que denota a necessidade da análise imanente, ao colocar o texto como objeto de investigação, não em um sentido linguístico, mas como um pensamento situado num contexto concreto”.

Acreditamos ter situado devidamente o relatório sobre o qual o referido estudo foi construído. Não esgotamos a questão onto-biográfica, mas demos o impulso inicial para que esse subgênero biográfico surgisse na literatura acadêmica disponível. Vale, por fim, destacarmos que questões introdutórias desse tipo não são prioritárias. Porém, esse estudo fez surgir a necessidade de definição do termo que figura no título de nossa pesquisa – Maria Susana Vasconcelos Jimenez: um estudo onto-biográfico –.

## 2 O TEMPO HISTÓRICO DE SUSANA JIMENEZ: O COTIDIANO DOS SÉCULOS XX E XXI

Maria Susana Vasconcelos Jimenez nasceu no dia 22 de junho de 1943 (MINISTÉRIO, 2020)<sup>29</sup>. Tendo atravessado 80 anos de vida entre os anos de 1943 e 2023, pode-se dizer que ela pôde acompanhar uma época de grande avanço da humanidade dentro das inovações tecnológicas, ao passo que essa mesma humanidade caminhava para índices de desigualdade social alarmantes.

De acordo com o que mostram alguns dados, 10% da população mais rica do mundo detêm 52% da renda mundial, e os 50% mais pobres detêm apenas 8,5% desse total. Em termos de patrimônio, apenas 2% da riqueza é dividida entre os mais pobres e 76% da fortuna global fica na mão dos mais ricos do planeta (FERNANDES, 2021).

Nesse cenário daremos destaque à história de Susana Jimenez, expondo sua vida cotidiana perante os anos iniciais de seu tempo histórico até a maturidade. Buscaremos explicitar a construção dialética dos seres humanos, trazendo elementos de sua cotidianidade e os acontecimentos próprios da história da época em que ela esteve inserida.

Existem três aspectos destacados por Eric Hobsbawm (1995) que tornam o século XX um período revolucionário, em que aquele nascido no início do século jamais poderia compará-lo ao mundo em seus anos finais. São esses: a perda do mundo eurocêntrico<sup>30</sup>, a queda dos Estados nacionais e a instauração dos novos padrões de relacionamento humano em detrimento aos antigos, acontecendo uma profunda mudança nos meios informacionais e na interatividade social (HOBSBAWN, 1995).

O século em que Susana Jimenez iniciou seu tempo histórico, é tomado em seus anos iniciais pela nuvem do desenvolvimento trazida pela herança do iluminismo europeu e irradiada nas colônias europeias. Com esse espírito, o século XX não se inicia na expectativa de ser um dos séculos mais contrários à tal ideal. As duas Grandes Guerras trouxeram grandes perdas, seja pelo número de baixas, seja pela perda moral, devido ao enfraquecimento do espírito do desenvolvimento – grande herança positivista –, ou a perda do normal graças à

---

<sup>29</sup> Informação extraída do livro escrito pela sobrinha mais velha de nossa biografada, Cristina Elizabeth de Vasconcelos Ministério. A referida obra contou com a revisão da própria Susana Jimenez e sua constante colaboração para a pesquisa que fundamenta o manuscrito. O livro foi produzido para contar a história da família Ponte de Vasconcelos, ou seja, dos pais de nossa biografada e seus filhos e acabou por tornar-se, em uma pequena medida, uma autobiografia de Susana Jimenez. Este é o único manuscrito a trazer a sua história de vida e de seus familiares.

<sup>30</sup> Trazendo consigo a ordem multipolar de organização das economias mundiais, as economias começam a se organizar em blocos econômicos, sendo a maioria deles influenciada pelo imperialismo americano.

explosão das questões relacionadas à saúde mental, notadamente percebidas após os impactos causados pelos traumas bélicos.

O período anterior ao ano de 1943, cenário em que se constituía a família que receberia Susana Jimenez, é caracterizado pelo pós-guerra da Primeira Guerra Mundial (1914-1928), trazendo consigo, além de outras circunstâncias, a consolidação do capitalismo industrial na maioria dos países centrais.

A queda da bolsa de valores de Nova York (1929), o surgimento do fascismo no território europeu, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e os conflitos gerados pelos seus rebatimentos foram importantes marcos das disputas ideológico-econômicas ocorridas no século XX, e que viriam a influenciar a vida de todos os nascidos durante os séculos XX e XXI.

Na década de 1930, o Brasil tinha a economia alicerçada sobre a produção e exportação de café, em que o seu principal comprador eram os EUA. Por isso, após o fenômeno econômico conhecido como depressão de 1929, ou queda da bolsa de valores de Nova York (1929-1933), temos que o Brasil perde seu principal comprador de café, tornando-se um dos países diretamente afetados pela crise cíclica do capital da época.

A estratégia brasileira para evitar o colapso da economia, após a perda de seu principal parceiro comercial, foi a queima do estoque excedente, maior desperdício alimentício registrado no país (HOBSBAWN, 1995). O autor destaca ainda que a população brasileira acabou não sofrendo diretamente os impactos da depressão de 1929, em consequência do fato de a agricultura familiar ter sido a principal atividade de subsistência das famílias brasileiras.

Havia a necessidade de impedir que a economia do país voltasse a ser novamente sustentada pela produção da monocultura; além disso, era necessário que o país se industrializasse para se inserir no desenvolvimento do capitalismo monopolista. Por isso, e por pressões externas do mercado, o Brasil recebe a tarefa de industrializar-se (FERNANDES, 1976).

Nesse período, começaram as primeiras mudanças para que o Brasil se tornasse uma economia de substituição de exportações. Destarte, acontece um grande aumento no investimento na produção industrial, fazendo com que não fosse mais necessário importar tantos produtos como ocorria antes da industrialização brasileira.

Em 1934, ocorreu a primeira grande iniciativa de caráter prático de uma igualmente primeira formação universitária<sup>31</sup> (SANTOS, 2012), importante aspecto a ser mencionado,

---

<sup>31</sup>Não considerando as tentativas não duradouras de implantação do Ensino Universitário anteriores à USP, uma vez que, em 1909, na cidade de Manaus, foi inaugurada a primeira instituição de ensino superior criada no país.

considerando que nossa biografada considera ser “a sala de aula o seu lugar no mundo”, e foi nos espaços do Ensino Superior que Jimenez fez-se tão presente na vida de muitos outros docentes, que encontraram no ensino a casa da sua cotidianidade (informação verbal)<sup>32</sup>.

Não fugindo do *modus operandi* da história, a Universidade de São Paulo (USP) é fundada imersa em contradições. Em uma iniciativa movida por uma pequena parcela da burguesia chamada Comunhão Paulista, a USP foi criada para que através dela fosse instaurada uma mentalidade mais liberal no país (MOTOYAMA, et al., 2011).

No dia 24 de outubro de 1945, foi fundada a Organização das Nações Unidas (ONU), sob o pretexto de ser um órgão que garantiria um direito cosmopolita entre os países, para que conflitos como o que precedeu a sua criação não voltassem a acontecer<sup>33</sup>. A realidade nos mostrou o oposto dessa diplomacia munida de retórica. Após a criação da ONU foi aberta a temporada de Guerras. Para citar os exemplos mais notórios no Ocidente, temos a Guerra da Coreia (1950-1953), a Guerra do Vietnã (1955-1975) e a Guerra Fria (1947-1991), entre inúmeras outras<sup>34</sup>.

A Guerra do Vietnã (1955-1975) foi um trágico desenrolar de acontecimentos gerados pelas sucessivas invasões a esse país durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1945), invasões essas vindas do Japão e da França, que inicialmente, havia colonizado a região vietnamita.

Durante os confrontos para a libertação do território, a parte Sul do Vietnã foi ocupada pelos EUA, e a parte Norte, pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ambos lutando contra a ocupação japonesa. Durante a Segunda Guerra Mundial, formou-se ainda um grupo sulista de socialistas no país, que apoiavam a unificação e a independência nacional (ALONSO, 2002).

Ao fim da Segunda Guerra Mundial (1945), existia uma tensão entre os territórios Norte e Sul e ainda persistia um interesse por parte da França, de retomar a velha colônia, além da obstinação por independência comum a toda a nação vietnamita. Esse foi o germe

<sup>32</sup>Informação fornecida pela prof. Susana Jimenez na terceira aula da disciplina Fundamentos Onto-históricos, Marxismo e Educação no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Estadual do Ceará, em março de 2023.

<sup>33</sup>Como afirma Couto (2000), a organização não cumpriu a principal promessa contida na Carta Para as Nações, de salvaguardar a paz e a segurança internacional.

<sup>34</sup>Estamos agora presenciando dois conflitos que demonstram a falta de interesse dos organismos multilaterais como a própria ONU em buscar acordos de paz, tendo em vista que as potências econômicas que controlam esses organismos são muitas vezes as encorajadoras desses conflitos graças aos ganhos financeiros que podem ser obtidos e os interesses dessas nações nos referidos conflitos – conflitos que têm suas raízes geradas no final da Primeira Guerra Mundial, em vista da necessidade das grandes potências econômicas da época possuírem um ponto de apoio no oriente médio (COLETIVO VEREDAS, 2023). Na atualidade, o conflito entre o Estado de Israel e o Hamas escancara a finalidade desses organismos multilaterais de serem meios de intervir nas economias fragilizadas não só ocidentais, mas também orientais, como no exemplo abordado.

que gerou a guerra que se alastrou no país durante 15 anos, a contar do primeiro disparo realizado em 1955. Uma das características que mais se sobressaiu nesse confronto foi a incrível capacidade de resistência dos vietnamitas, em frente ao massacre que os americanos realizavam no território devido a sua superioridade bélica.

Enquanto cursava o mestrado, durante sua primeira experiência nos EUA, por meio dos ambientes acadêmicos e círculos de debate sobre a temática da guerra vietnamita, e todo o contexto de exploração das nações periféricas pelas grandes potências, Susana pôde refletir sobre a realidade brasileira que também foi, por muitos anos, uma colônia europeia. Na época, o Brasil enfrentava uma ditadura civil-militar-empresarial que corroborou com a perpetuação da dominação das nações pobres em subserviência às grandes potências (MAESTRI, 2029).

Deter-nos-emos brevemente, nesse momento, na análise dos acontecimentos que desencadearam o encontro dos pais da biografada, e os eventos que causaram impactos na cotidianidade da família Ponte de Vasconcelos e de Susana Jimenez em seus anos de infância e adolescência. Daremos ênfase ainda a alguns acontecimentos de sua vida adulta, lugar histórico no qual pretendemos nos deter com mais afinco nas seções seguintes da pesquisa.

### **3 .1 A família Ponte de Vasconcelos: História familiar e primeiros anos da infância de Susana Jimenez**

Manoel Messias de Vasconcelos, filho de Francisco Ferreira Fonteles e Raimunda Pierre Carneiro, nasceu no dia 16 de março de 1894, período anterior à grande seca que forçou um ciclo de migrações em direção, especialmente, às regiões Sudeste e Norte do país. No contexto de transição entre os séculos XIX e XX, nasce o pai de nossa biografada no sertão localizado na região Nordeste, na zona norte do Estado do Ceará.

Quando o território brasileiro foi organizado para ocupação em sesmarias, as terras que hoje compreendem o Ceará pertenciam à capitania de Pernambuco e eram chamadas Siará-Grande. Essa porção de terra teve seu território tardiamente explorado pela coroa portuguesa, devido à resistência indígena e pela falta de conhecimento sobre o clima do local, que era bem mais seco e escasso de chuvas em comparação com o clima pernambucano naquela época (COSTA, 2002).

No Ceará havia cerca de 20 etnias indígenas<sup>35</sup>, que foram em sua maioria dizimadas após um inóspito processo de genocídio provocado por conflitos por terra, doenças trazidas pelos colonizadores e a exploração dos indígenas em todas as dimensões. Esse extermínio foi notadamente praticado e estimulado pela invasão do coronelismo, na época em que o Ceará construiu sua economia com base na criação de animais (FERNANDES, 2018).

A chamada “Época do couro” toma conta do território cearense quando o Estado ainda era uma capitania pernambucana. Tudo se fabricava com couro, dos utensílios às vestimentas. O Ceará foi aos poucos sendo ocupado por fazendas e à medida em que essas fazendas se proliferavam, mais genocídio indígena acontecia, o que se torna explícito quando foi publicada a carta régia de 20 de abril de 1708, que recomendava guerra de morte ao indígena (GIRÃO, 2000)<sup>36</sup>.

O ciclo do gado enfraqueceu no Ceará com a seca que durou de 1790 a 1793. Ela dizimou os rebanhos fazendo com que os importadores estrangeiros, principalmente da carne de charque cearense, encontrassem outros fornecedores (GIRÃO, 2000).

Em 1850, o tráfico de escravos através do Oceano Atlântico já havia sido impedido, mas o Brasil continuava com a venda de escravos através do comércio dentro do país. Conhecido como “terra da luz” por ser o primeiro estado a decretar o fim da escravidão<sup>37</sup>, a história do Ceará encobre um longo período de tráfico de pessoas na chamada época da escravidão interprovincial (SOBRINHO, 2005).

Ainda assim, a luta pelo fim do tráfico negreiro acontece no Ceará de forma pioneira em comparação ao restante do Brasil. No Estado, dois grandes líderes comandaram o movimento jangadeiro para o fim do tráfico costeiro, são esses, o cognominado Dragão do Mar – Francisco José do Nascimento – e José Luiz Napoleão (SOBRINHO, 2005).

O Estado do Ceará contém oito macrorregiões<sup>38</sup> das quais na referida pesquisa exploraremos algumas especificidades de três delas, a macrorregião de Sobral/Ibiapaba – 29 municípios; o Sertão Central – 21 municípios; e a Região Metropolitana de Fortaleza – 19 municípios.

---

<sup>35</sup>Citamos: Potiguaras, Tabajaras, Tapuias ou Cariris, Tremembés, Karaibas, Dzubukuas, Tarairiús, Jandoins ou Jenipapos, Canindés, Paiacus, Javós, Comaçus, Tucurijus, Irariús, Xucurus, Xocós, Anacés, Guanacés, Wonacés ou Jaguararunas, Jucás ou Inhamuns (GIRÃO, 2000).

<sup>36</sup>Admitimos que a pesquisa ainda carece de dados relativos à questão da escravidão no Ceará, bem como os processos abolicionistas e seus rebatimentos na cotidianidade do século XX, uma temática a ser explorada ainda nesta seção.

<sup>37</sup>No ano de 1884, O Estado do Ceará proibiu o tráfico de escravos em seu território, quatro anos antes da abolição da escravatura no Brasil.

<sup>38</sup>Instituídas pela Lei Complementar N° 82, de 20 de dezembro de 2009, Art. 1º. Disponível em: <<https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/trabalho-administracao-e-servico-publico/item/5495>>.

A história do Ceará nos mostra que seu terreno foi povoado na região costeira e nas remanescentes dos rios do lugar, tendo em conta que, com o clima semiárido, era necessário que os habitantes que viveram nessas terras buscassem ambientes favoráveis à fertilidade do solo (SILVA; ALENCAR, 2015).

O Estado da família em cena é marcado por traços culturais, políticos, sociais e econômicos que marcaram e marcam as subjetividades e vivências dos nativos, migrantes e imigrantes que vivem nesse lugar. A fome no território nordestino é um agente causador de características históricas que ainda na atualidade circundam o imaginário das pessoas, como a figura de cangaceiros e fanáticos, tais quais, Lampião e Antônio Conselheiro, dentre outras personagens.

A fuga da situação de miséria é registrada na história nordestina, como a total negação da ordem estabelecida pelo Estado – seja colonial, monárquico ou republicano – ou a negação da própria realidade, como quando as populações colocaram características messiânicas em líderes que trouxeram uma perspectiva – por vezes fantástica – à dureza da seca.

A civilização do couro nordestina é perpassada pelas estórias relacionadas ao cangaço, movimento com características anárquicas imerso em contradições – ora vistos como heróis que ajudavam os mais pobres, ora vistos como criminosos que obedeciam às ordens de coronéis que pagavam por seus serviços – em que o mais famoso cangaceiro foi Virgulino Ferreira Nunes, vulgo Lampião. (MONTENEGRO, 2011)<sup>39</sup>.

No Ceará existem dois grandes rios que proporcionaram a busca pela reprodução da existência em suas proximidades, após e durante os abalos causados pelos embates entre portugueses, indígenas e holandeses (GIRÃO, 2000). São esses: o Rio Acaraú, que provocou a criação da região conhecida como Vale do Acaraú, localizado entre o Norte e o Litoral Oeste do Estado; e o Rio Jaguaribe, situado entre o Litoral Leste e a região central cearense.

O Ceará sempre foi um Estado que teve a sua economia dependente das circunstâncias naturais e climáticas. Sua história nos mostra que a incidência de secas na região levou a inúmeros desastres humanitários, como a seca de 1888, que fez com que a cidade de Quixadá criasse um lugar para alimentação dos famintos, tornando o local por alguns anos conhecido como “curral da fome” (COSTA, 2002); e a seca dos anos de 1979 a 1983, que atingiu a macrorregião Sertão dos Inhamuns, causando a quase total falta d’água, tendo de ser criados 17 mil empregos emergenciais nas adjacências de Crateús (KUNZ, VICENTE, MARGARETE, 1985).

---

<sup>39</sup>A obra *Parabélm* de Gilmar de Carvalho (2011), trata das contradições que envolvem a figura do anti-herói na personagem de Lampião.

De acordo com Matos (2012), diferente de como aconteceu no Nordeste, a seca não é determinante para a fome e a pobreza. Devemos analisar essa questão mais de perto porque a seca atingiu com tanta violência as famílias nordestinas, a ponto de provocar inúmeros fluxos migratórios na região. Ou seja, por que o Ceará, entre outros Estados do Nordeste, depende tanto da casualidade dos fenômenos da natureza para a subsistência das populações?

Há a argumentação em torno da indústria da seca no Nordeste, expressão para uma série de ganhos em volta da miséria gerada pelo clima semiárido. Esses ganhos vieram e ainda vêm em novas configurações: o enriquecimento através do desvio de verbas destinadas à elaboração de políticas públicas para o combate à seca, a acumulação de capital por parte dos bancos que financiam uma grande parte das políticas implantadas durante os períodos de estiagem, o barateamento da mão de obra que a situação de miséria causa, a exploração de jovens e crianças, a alta dos preços dos produtos alimentícios (MATOS, 2012), entre outras causas que no momento não podem vir a ser explorados em sua totalidade.

O poema de João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina* (1955) traz à baila o sentimento que perpassa as memórias relacionadas à miséria não só material, mas também existencial provocada pelos efeitos negativos da seca, acessíveis à maior parte da população nordestina entre o final do século XIX e início do século XX.

Com a escassez de alimentos, nascia no Ceará, entre os séculos XIX e XX as caravanas de retirantes. A indústria da seca passa a corroborar com os empresários do ramo da borracha amazônica<sup>40</sup>, para que essas multidões pudessem ser enviadas para trabalhar nos seringais (BARBOZA, 2017).

Na Amazônia, particularmente no Estado do Pará, os retirantes que lá chegavam ansiavam pela volta. A adaptação ao clima era difícil, lá foram expostos a várias doenças, além de serem obrigados a trabalhar por salários baixíssimos. Ao receberem notícias de bons invernos na região nordestina, muitos conseguiam realizar o caminho de volta, contudo foi registrado que no ano de 1935 havia cerca de 2 mil cearenses em situação de miséria nas ruas de Belém (BARBOZA, 2017).

A seca registrada no ano de 1915 teve suas características narradas por uma obra fictícia de Rachel de Queiroz, intitulada *O quinze*. Essa obra pode apontar algumas

---

<sup>40</sup>O ciclo da borracha na Amazônia se relaciona diretamente com a história da primeira iniciativa de formação universitária no Brasil, a Escola Universitária Livre de Manáos. Graças aos investimentos obtidos para a extração da borracha e a necessidade de mão de obra qualificada atuando no local, proporcionou a criação de espaços como o Clube da Guarda Nacional em 1906 que se transformaria na Escola Militar Prática do Amazonas em 1908, até tornar-se no ano seguinte Escola Universitária Livre de Manáos (SILVA; MONTEIRO; DANTAS, 2021).

peculiaridades do cotidiano sertanejo perpassado pelos períodos de estiagem no início do século XX.

Apesar da biografada aqui pesquisada ter nascido na capital cearense, cidade sobre a qual destacaremos aspectos de sua história posteriormente, seus pais nasceram na região Norte do Estado. Filho de Francisco Ferreira Fonteles e de Raimunda Pierre Carneiro, o progenitor nasceu em um lugarejo hoje, como à época, nomeado Intans, pertencente ao Município, que, no período, se chamava Santana, hoje, Santana do Acaraú (JIMENEZ S., 2023a).

Intans é, na atualidade, uma localidade do Município de Morrinhos. A distância entre Intans e a sede é de aproximadamente 9,03 km<sup>41</sup>. Para a locomoção até Morrinhos é necessário alcançar a estrada vicinal que lhe dá acesso, passando pelas localidades de Lajes, Juiz, Salgado, Junco Manso, até a sede Morrinhos (IPECE, 2021).

Não se supõe como Manoel Messias realizou o translado entre Intans e Sobral. Jimenez S. (2023c) afirma que seu pai não lhes transmitia uma informação sequer sobre o lugar onde ele nasceria, menos ainda sobre os anos em que ele viveu em Intans.

O que sabemos é que Messias de Vasconcelos saiu de Intans com o auxílio do seu padrinho – Sr. Mendonça<sup>42</sup> –, que percebeu nele algo que o diferenciava dos jovens daquela localidade e resolveu trazê-lo para Sobral quando Manoel Messias tinha 18 anos. Uma causa plausível para que Mendonça escolhesse Messias de Vasconcelos, foi o fato de o mesmo ter aprendido a ler sem jamais ninguém ter-lhe ensinado, já que ele nunca chegou a frequentar uma escola (MINISTÉRIO, 2020).

Manoel Messias de Vasconcelos nasceu nesse pequeno lugarejo e, assim como muitos jovens de sua época, deixa o sertão longínquo em busca de melhores condições de reprodução. O sobrenome Vasconcelos foi escolhido por ele. Naquela região havia famílias numerosas que ao realizarem casamentos entre si, deixavam que os filhos escolhessem qualquer um dos sobrenomes das quatro famílias que ali conviviam, sendo esses, os sobrenomes Fonteles, Pierre, Carneiro e Vasconcelos (JIMENEZ s., 2023a).

---

<sup>41</sup>Não existe uma distância exata calculada entre a sede Morrinhos e a localidade de Intans, já que a referência da localidade disponível em mapas oficiais é o Açude das Lajes; existe apenas o cálculo com base no referido reservatório.

<sup>42</sup>Não há registro do nome completo de Mendonça, padrinho de Manoel Messias.

Com a ajuda do padrinho, Manoel Messias instala-se em Sobral<sup>43</sup>, uma das maiores cidades do interior do Ceará, com uma população de aproximadamente 210.711 habitantes<sup>44</sup> na atualidade. Localizada a 222 km de Fortaleza, Sobral foi onde Manoel Messias conheceu a mãe de nossa biografada.

Maria Juracy Demétrio da Ponte, mãe de Jimenez, era filha de Maria do Carmo Demétrio da Ponte e de José Júlio da Ponte. Maria Juracy nasceu em 1º de abril de 1904, sendo dez anos mais jovem que o patriarca da família (MINISTÉRIO, 2020).

É em volta do Rio Acaraú que irão se reunir os primeiros habitantes da região do Vale do Acaraú. A cidade mais importante desta região é exatamente Sobral. Inicialmente, os sobralenses sobreviviam, em geral, de atividades agrícolas e do comércio da carne de sol. Diferente de Manoel Messias, Maria Juracy nasceu na sede desse Município.

Assim como a maioria das cidades do Ceará, Sobral circunscreve-se à junção de pequenos vilarejos chamados de arraiais. Após a junção dos dois maiores arraiais à margem do Rio Acaraú, nasce um povoado que consegue expandir-se através de atividades ligadas à agricultura, tornando-se distrito de Sobral no ano de 1757, elevando-se à cidade de Januária do Acaraú em 1841, e município de Sobral no ano seguinte<sup>45</sup>. O nome Sobral é de origem latina e é corruptela da expressão “abundância de árvore” (SAMPAIO, 1983).

A cidade de Sobral é conhecida como uma das capitais do interior cearense. É hoje não só um aporte econômico, mas de grande importância cultural e política para todo o Estado. Foi em Sobral que nasceu, quatro anos antes de Manoel Messias de Vasconcelos, um dos mais importantes artistas cearenses, o pintor e desenhista Raimundo Cela (1890-1954).

Foi também lar de nascimento do ilustre cantor da música popular brasileira, Antônio Carlos Gomes Belchior (1946-2017). É válido ainda destacar que em Sobral nasce um dos mais importantes humoristas e um dos pioneiros no humor televisionado, Renato Aragão, um grande contribuinte<sup>46</sup> para que o Ceará fosse apelidado de “Terra do Humor”.

A ajuda do padrinho para Manoel Messias deixar Intans e passar a viver em Sobral marca seu primeiro salto para a ascensão social que ocorreria anos após isso. O casamento com Maria Juracy também foi um marco para a promoção de Manoel Messias. Como salienta

<sup>43</sup>Sobral é ainda uma cidade cercada pela influência da família Ferreira Gomes. Devido à recorrência de nomes da família na cena político-eleitoral do Município, é comum que eles sejam citados como uma oligarquia na região sobralense. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2608200229.htm>>. Acesso em: 01 mai. 2023.

<sup>44</sup>Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/panorama>>.

<sup>45</sup>Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/historico>>.

<sup>46</sup>Assim como seu antecessor Chico Anysio (1931-2012), nascido na cidade de Maranguape/Ceará.

Jimenez S. (2023c), a diferença de estamento social entre a família de Messias e de Maria Juracy era consideravelmente significativa.

Logo, Messias de Vasconcelos ascende consideravelmente com a ajuda de Maria Juracy, mesmo que tenha o mérito de ser um brilhante homem por ter conseguido alfabetizar-se atraindo a atenção do padrinho. Jimenez S. (2023c) menciona que era perceptível a intensa cultura presente na figura de sua mãe, o que demarcava também a posição social privilegiada de Maria Juracy Demétrio da Ponte.

Depois do casamento, a recém-formada família Ponte de Vasconcelos viveu durante algum tempo em Sobral, onde Manoel Messias foi comerciante e possuía uma pequena loja de chapéus. Em seguida, os Ponte de Vasconcelos migram de Sobral para Quixadá, cidade localizada na macrorregião denominada Sertão Central do Estado do Ceará. A cidade foi inicialmente uma fazenda de Quixeramobim, berço de Antônio Conselheiro.

Antônio Conselheiro foi o líder da experiência conhecida pela Guerra de Canudos, ocorrida no interior baiano. Conselheiro, imerso em contradições e tragédias em sua terra natal, muda-se caminhando para o Estado da Bahia, aglomerando uma multidão de retirantes com sua pregação.

Ele chega ao Arraial de Canudos por volta dos anos finais do século XIX, construindo um tipo de organização social comum e contrária aos valores da república (MONTENEGRO, 2011)<sup>47</sup>. O fim da experiência de Canudos se encerra com a destruição do arraial, e a aniquilação dos que lá habitavam.

Quixadá tornou-se vila e município no ano de 1870 e cidade em 1889 (SAMPAIO, 1983). Tem hoje cerca de 87.728 habitantes. Foi lar adotivo do poeta Cego Aderaldo (1878-1967) e da escritora Rachel de Queiroz (1910-2003). A cidade é ainda considerada a capital brasileira da ufologia, sendo um dos lugares do mundo, segundo informações fantásticas, com maior número de aparições de Objetos Voadores Não Identificados (OVNI's)<sup>48</sup>.

Não só a família Ponte de Vasconcelos, mas inúmeros cearenses realizaram intensos fluxos migratórios interestaduais e intraestaduais como no caso analisado. Quanto a esse

<sup>47</sup>Indicamos a obra literária de Euclides da Cunha (1984) *Os sertões*, que aborda uma vasta riqueza de detalhes sobre a Guerra de Canudos.

<sup>48</sup>O professor Tácito Rolim apresenta um estudo que refuta a aparição de OVNI's na cidade de Quixadá durante o período em que os moradores mais relatavam avistar objetos extraordinários sobrevoando a cidade. Disponível em: <[https://www.academia.edu/1549297/O\\_Ceara\\_como\\_palco\\_da\\_Corrida\\_Espacial\\_em\\_fins\\_da\\_decada\\_de\\_1950](https://www.academia.edu/1549297/O_Ceara_como_palco_da_Corrida_Espacial_em_fins_da_decada_de_1950)>.

tocante, podemos elencar alguns antecedentes que contribuíram para esse fenômeno ainda comum.

Comecemos pela questão em volta da industrialização do Ceará, que se dá tardiamente, mas é fortemente alavancada pelo pioneirismo da produção algodoeira. Além disso, durante os anos finais do século XIX e os iniciais do século XX, a seca propiciou a subnutrição dos habitantes e a exposição a precárias condições de higiene, o que levou a região a presenciar inúmeras epidemias locais, como a da Cólica e a da Varíola. Isso fez com que os habitantes abatidos pelas referidas enfermidades das regiões interioranas buscassem cidades maiores onde pudessem encontrar atendimento sanitário, médico e ou farmacêutico (COSTA, 2011).

No Ceará a industrialização traz como consequência a necessidade de trabalhadores tanto para a indústria do algodão, quanto para os processos relacionados à logística dessa produção. Outros elementos propiciaram também o êxodo rural na época, como, novamente, a falta de acesso a atendimento médico, e à escolarização (ROMANELLI; BEZERRA, 1999).

O início da ideologização da educação como salvação contra o fenômeno da pobreza no século XX também foi responsável por causar fluxos migratórios. Romanelli (1984) registra que nesse recorte temporal houve um grande crescimento da demanda pela educação, dado que se pleiteavam vagas de emprego na indústria e, para tanto, considerava-se necessário saber ler e escrever.

O ciclo do algodão no Ceará foi um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento da macrorregião do Sertão Central, onde é localizado Quixadá. Na época algodoeira, Quixadá recebeu um grande fluxo migratório, com a mudança da estrada do algodão que passou a realizar um trecho dentro da cidade. Desde então, o município passou a ajudar na condução da matéria-prima das regiões centrais e sulistas do Estado para a cidade de Fortaleza (COSTA, 2002).

Depois do crescimento e declínio dos ciclos do couro e da carne de sol, que causaram cada qual a seu tempo tanto a ocupação do território cearense, como a sobrevivência das populações e a formação da identidade do Ceará, o algodão é o produto que toma a frente na economia. Tanto o clima quanto o solo cearense eram propícios para as plantações algodoeiras.

Com os abalos da Guerra Civil pela independência dos Estados Unidos da América (1775-1783), chega o tempo favorável para o algodão ser o carro-chefe da economia cearense. Quando os EUA paralisaram sua produção de algodão em decorrência desse conflito bélico, o

Brasil é chamado a suprir a demanda do produto na Europa e na América do Norte (GIRÃO, 2000).

Além do crescimento propiciado por tornar-se rota do algodão, Quixadá se desenvolveu também com a obra do primeiro açude público do Nordeste, o Açude Cedro (SAMPAIO, 1983). O ponto não muito atrativo para a classe média alta tornou-se um dos principais locais procurados por retirantes para trabalho na obra do reservatório.

A construção do Cedro foi iniciada entre 1884 e 1885, a contar de quando a primeira estrada que daria acesso ao açude começou a ser construída, ainda sob a regência da monarquia portuguesa. Desde o ano de 1877, Quixadá experienciou a calamidade pública com a seca e todos os malefícios desse “lucrativo” fenômeno da natureza.

O Cedro foi o pioneiro do que deveria se tornar uma tendência no interior cearense, a exploração como forma de obtenção de lucro com a construção de reservatórios nos interiores sertanejos. A fome, a miséria, as doenças, entre outros problemas, acabaram levando as populações daquele lugar a sujeitar-se a trabalhos desumanos para a construção desses açudes. Os chamados empregos emergenciais, que eram ofertados aos popularmente nomeados como flagelados, deram o tom de certa salvaguarda aos cearenses (COSTA, 2002).

Após tornar-se rota oficial do algodão, o comércio em Quixadá passou a desenvolver-se rapidamente, o que fez com que a cidade necessitasse criar um sistema de abastecimento que comportasse o acelerado desenvolvimento que se verificava na época. Por essa razão, iniciam-se obras de toda uma rede de açudes em regiões estratégicas no município, com vistas a minimizar os impactos negativos causados pelos períodos de estiagem (COSTA, 2002).

O motivo que levou o jovem casal a mudar-se para a referida cidade foi o emprego conseguido para Messias de Vasconcelos, por meio de dois tios de Maria Juracy que eram engenheiros, demarcando desde então a diferença de estamento entre o casal. Manoel Messias torna-se, nesse momento, apontador de obras de açudes; o casal ocupou a casa da irmã de Maria Juracy, Eli de Sousa Aguiar (MINISTÉRIO, 2020).

A criação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS)<sup>49</sup> que, em 1945, passou a chamar-se Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS), foi importante para o fluxo migratório nos interiores cearenses. O Departamento era responsável pela construção de poços e açudes que pudessem garantir o abastecimento de populações corriqueiramente lesadas pelas secas características da região, o que atraía trabalhadores para

---

<sup>49</sup>Criada em 1918 (TRAVASSOS; SOUZA; SILVA, 2013).

emprego na construção dos reservatórios. Daí a relação entre a construção dos açudes no Estado do Ceará como uma das principais causas que provocaram a migração na região e, consequentemente, a chegada do casal Ponte de Vasconcelos para a cidade de Quixadá.

Na Quixadá em ascendência chega à família de Susana Jimenez, lugar em que os frutos de sua atuação brotaram no século seguinte, dado que com o apoio do Instituto que dirigiu (IMO), o lugar receberia o primeiro Mestrado em Educação do Interior (MAIE), integrando a Faculdade de Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) e a Faculdade Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), do qual faz parte a autora do presente trabalho.

Foi em Quixadá também, o lugar de atuação de inúmeros de seus alunos, que, assim como Jimenez, deixariam no Sertão Central, um espaço para se encontrar com a realidade tal qual ela é, como o Laboratório de Pesquisa sobre Políticas Sociais do Sertão Central (LAPPS), criado por seu aluno e orientador desta investigação, o Professor Deribaldo Santos.

Em Quixadá, nome que faz referência a um quintal de rochas, entre outras denominações não consensuais (COSTA, 2002), nasce o filho primogênito da família Vasconcelos, José Ilo Ponte de Vasconcelos. Pouco tempo após o nascimento de José Ilo, a família migra para a capital cearense, em busca de novas condições de trabalho para Manoel Messias.

A cidade de Fortaleza é o local onde nasceram os outros 10 filhos do casal. A capital, que recebeu o referido título em 1799, leva o nome de Fortaleza graças ao hábito das nações em conflito pelo território, de construir fortões como um ponto de resistência contra a invasão de inimigos na região. Hoje, o município tem cerca de 2.687.000 habitantes.

Durante o século XVII, a região que hoje corresponde ao território fortalezense era disputada por colonos portugueses, holandeses e povos indígenas, tendo os primeiros conquistado o território definitivamente depois de longos períodos de perda e ganho da região.

A povoação do Ceará é ligada à procura de grandes reservatórios de água e à ocupação da atual capital não foge a essa constante; o que motivou o desenvolvimento e a disputa pelo território foi a presença de dois importantes rios, o rio Ceará e o riacho Pajeú (ADERALDO, 1974).

A principal atividade econômica da futura capital cearense, que havia se tornado vila em 1726, sendo elevada à categoria de cidade apenas no ano de 1823, era a pecuária e a produção da carne de sol; mas foi a atividade algodoeira que tornou a cidade um grande centro. Com os processos de logística centralizados em Fortaleza, a cidade canalizou

investimentos, como a construção de ferrovias, e por fim as secas propiciaram as migrações de mão de obra para a referida capital (ADERALDO, 1974).

No período dos anos de 1880 a 1920, Fortaleza inicia um processo de modernização que consistia em remodelar o *design* da cidade aos moldes europeus, coincidindo também com o período de recuperação da grande seca de 1877 a 1879. Por conta da seca, a capital recebe um grande fluxo migratório que se torna um auxílio para o seu crescimento e isso é importante para a aparição das periferias e exorbitantes desigualdades que se reproduzem ainda na atualidade (COSTA, 2011).

Rodrigues, Oliveira e Santos (2022) apontam que, dentre os motivos que encontraram as famílias para realizarem fluxos migratórios em direção à capital, estão: melhores níveis salariais, maior número de oportunidades de trabalho, e melhores índices de qualidade de vida.

O primeiro lugar que os recém-chegados imigrantes ocuparam na capital cearense foi o bairro da Parangaba<sup>50</sup>, onde nasceu o segundo irmão de Susana Jimenez: Ítalo Ponte de Vasconcelos (MINISTÉRIO, 2020). O bairro leva o nome de um termo indígena, que de acordo com os estudiosos da cidade de Fortaleza, não há um consenso se é originalmente “Parangaba” que significa “beleza” ou “Porangaba” que remonta à “madeira dura” (COSTA, 2011).

Devido à experiência de Manoel Messias no trabalho relacionado à construção de açudes, essa permanece sendo a sua ocupação quando chega à Fortaleza antes que se tornasse micro pecuarista de pequena propriedade, ocupação que o acompanharia por várias décadas de sua existência.

O bairro de Mondubim é o segundo local que o casal ocupa na região metropolitana do Estado. Após terem se estabelecido em Mondubim, nasceram Hilton Ponte de Vasconcelos, Antônio Argos Ponte de Vasconcelos e Haroldo Ponte de Vasconcelos. E em Damas, nasce Armando Ponte de Vasconcelos (MINISTÉRIO, 2020).

Pequeno e Aragão (2009) explicam que as principais determinações para as migrações intraurbanas na cidade de Fortaleza foram, em geral, motivados por: comercializações clandestinas de loteamentos, deslocamento de populações de aluguel para ocupações e a aceleração do crescimento das famílias que procuravam locais cada vez mais precários para moradia. Tais circunstâncias podem ser apontadas, também, como responsáveis pela formação das periferias da cidade.

---

<sup>50</sup>Na época, distrito (COSTA, 2011).

É verdade que houve um acelerado crescimento da família Ponte de Vasconcelos, o que pode ter contribuído para a intensa migração intraurbana da família. Jimenez S. (2023a) relata que demoraram muitos anos para que a família ascendesse socialmente. Manoel Messias era agricultor de pequena propriedade, e conseguia o sustento da família da comercialização dos produtos por ele fabricados, como queijo e leite (MINISTÉRIO, 2020).

A família teve que fazer “sacrifícios” para garantir a formação escolar da maioria dos filhos, considerando que naquela época mal existia sistema público de educação. Quando Susana nasceu, a situação da família já era outra, a caçula dos dez filhos do casal Ponte de Vasconcelos afirma que na data do seu nascimento, vários de seus irmãos já eram formados e seguiam importantes carreiras (JIMENEZ s., 2023a).

**Figura 1 – Pais, irmão e avó de Susana (da esquerda para a direita encontra-se Maria Juracy ao lado do primogênito da família, José Ilo, na cadeira ao lado de Ilo, a mãe de Maria Juracy, Maria do Carmo chamada Carminha e, ao seu lado, Manoel Messias), Rua Dona Leopoldina, 580, Aldeota, Fortaleza, registro fotográfico que Susana estima ser da primeira metade dos anos de 1950.**



Fonte: Acervo da biografada

Após o nascimento de Haroldo, o sexto irmão de Susana, Maria Juracy deu à luz a uma menina que deveria ter sido a primeira filha do casal. Essa havia sido batizada como Teresinha apenas. A criança nasceu prematura devido a um susto que Maria Juracy tomou ao ver que uma das vacas da família havia sido atropelada por um trem. Como consequência desse fato, Maria caiu doente e precisou apelar aos cuidados de um de seus tios mais abastados para tratar-se, passando algum tempo hospedada na casa desses familiares. A menina chegou a viver por 15 dias e, sob a tutela da avó, que permanecera em Mondubim com os netos pequenos, foi batizada às pressas como Teresinha, para que não morresse pagã. Toda essa situação foi frequentemente recordada no seio da família, que nunca deixou de lamentar a perda de Teresinha (JIMENEZ S., 2024).

Depois das sucessivas mudanças, os Ponte de Vasconcelos transferiram-se para o bairro Aldeota, onde viveriam o resto de suas vidas. Aldeota faz menção ao substantivo “aldeia”. O bairro surgiu inicialmente como um local no Centro da cidade adequado para as famílias. O lugar foi cenário do romance *A normalista* de Adolfo Caminha, e tornou-se, na atualidade, um bairro nobre (AZEVEDO, 2015).

Na Aldeota nasceu Maria Simone Ponte de Vasconcelos, em seguida, José Gerardo Ponte de Vasconcelos, e Maria Salésia Ponte de Vasconcelos. Seis anos após o nascimento de Maria Salésia, chega a caçula da família, Maria Susana Ponte de Vasconcelos, que se tornaria, após o casamento, Maria Susana Vasconcelos Jimenez.

**Figura 2 - Família Ponte de Vasconcelos em frente a sua casa na Rua Dona Leopoldina número 580, no ano de 1945. Da esquerda para a direita, de baixo para cima temos Maria Salésia, Haroldo, Gerardo ao lado de Maria, Hilton seguido de Armando, Messias que segura Maria Susana, Ítalo seguido de Ilo, Maria Simone e Argos**



Fonte: Acervo da biografada

A caçula dos Vasconcelos nasceu no dia 22 de junho de 1943. O livro que conta a história de sua família relata que, de acordo com o costume daquela época, Susana Jimenez nasce com a ajuda de uma parteira das redondezas do bairro Aldeota, a mesma que havia realizado o parto de suas duas irmãs mais velhas e de Gerardo. Assim que a parteira a entregou a seu pai, este a ergueu pelas pernas e a pondo de cabeça para baixo deu leves palmadas para que chorasse, indicando que havia nascido com vida e, em seguida, proferiu as seguintes palavras: “nasceu Maria Susana”; costume antigo que as famílias realizavam em dias de parto (MINISTÉRIO, 2020).

**Figura 3 - Susana nos braços de sua mãe Maria Juracy, com 6 meses de vida, no ano de 1943**



Fonte: Acervo da biografada

Quando Susana nasceu, seu irmão Hilton já fazia parte da aeronáutica brasileira. Para comemorar a chegada da caçula dos Vasconcelos, o militar realizou um voo rasante por cima da casa da família (JIMENEZ S., 2023a).

Na época em que nasce Susana a família definitivamente já havia, até certo grau, ascendido socialmente. A ascensão de Messias e Maria consolidou-se através dos filhos (JIMENEZ S., 2023a). No cotidiano dos Vasconcelos era imperativo que todo filho que alcançasse independência financeira passasse a ajudar nas despesas da casa dos pais.

Em 1943, não só Hilton auxiliou a família nuclear, mas também Armando, o irmão que se tornou jornalista, radialista e apresentador de programas de televisão. Vale notar que Armando foi o primeiro Vasconcelos a possuir um automóvel, um bem de consumo que à época demarcava o nível de ascensão social de uma família (JIMENEZ S., 2023b).

Os anos de nascimento da biografada são marcados pela mais duradoura experiência de guerra mundial já registrada na história, a famigerada Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O conflito previsto desde os fins da Primeira Guerra Mundial afetou drasticamente toda a história das partes ocidental e oriental do globo terrestre. Os acontecimentos ocorridos eram tão grotescos como inexplicáveis que se tornou necessário

criar termos para explicá-los, como o surgimento do termo “genocídio”, designado para significar a tentativa de aniquilação total de grupos humanos (HOBSBAWN, 1995).

A família de Susana Jimenez teve de conviver com o medo provocado pela ameaça de guerra nuclear, depois do acontecimento da bomba atômica norte-americana nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki. Teve ainda de conviver com os toques de recolher e com a existência de bases aéreas norte-americanas espalhadas pelo território nacional, inclusive uma delas no Município de Fortaleza.

Jimenez partilha que uma das memórias mais marcantes que seus familiares lhe contaram sobre o dia do seu nascimento, era que a casa não poderia estar devidamente iluminada, considerando que as luzes poderiam motivar o início de um ataque (JIMENEZ S., 2023b). Por isso, no dia em que Susana nasceu, todos os cuidados para com ela tiverem de ser realizados em luz baixa, já que não era prudente que acendessem um forte candieiro<sup>51</sup> (JIMENEZ S., 2023b).

Depois de grande tensão mundial nos primeiros anos de vida, o clima da infância de nossa biografada foi de grandes expectativas quanto às mudanças provocadas pelos impactos causados pela Segunda Guerra Mundial, e as disputas ideológicas entre as grandes economias da época. Além disso, a mãe de Susana recordava o medo que sentia de algum de seus filhos ser convocado para servir ao exército brasileiro e partir para a guerra, principalmente o filho militar.

Susana relembra que depois da euforia provocada pelo período de guerra, a figura de Getúlio Vargas ganha respaldo no cenário nacional, e ela menciona que seu pai era getulista. Imerso em contradições, Getúlio Vargas é, até hoje, o único presidente brasileiro que conseguiu a governança do país através de golpe militar e pleito eleitoral.

Vargas também é o único a conseguir manter-se no poder por quinze anos consecutivos. Não dispomos de espaço suficiente para tratar da vida e das contradições que envolvem o líder populista. No momento interessa-nos apenas destacar porque o pai de Jimenez possuía uma admiração ímpar em relação a Getúlio.

Jambeiro *et al.* (2003) afirmam que um conjunto de medidas midiáticas atingiam a população direta e indiretamente o que contribuía para a popularidade do governante em pauta. Getúlio conseguiu erguer uma forte base de apoio no principal meio de comunicação da época, o rádio. Esse período de expansão desse meio de comunicação – décadas de 1940 e

---

<sup>51</sup>Na época, a luz elétrica ainda não fazia parte do cotidiano da maioria das famílias brasileiras. A iluminação doméstica na maior parte das moradias era em geral feita pelos candieiros, lamparinas e lampiões.

1950 – foram fundamentais para a formação do ideário getulista, o que atingiu a camada da classe média emergente, como o caso do pai de nossa biografada.

O período dos anos de 1930 a 1950 é marcado pela aceleração do crescimento da produção no Brasil, registrando o maior desenvolvimento da indústria verificado em um curto tempo em solo brasileiro (FURTADO, 2004). Muitas pessoas migraram dos sertões para as cidades grandes, o que aumentou excessivamente a população urbana.

Celso Furtado (2004) indica que, apesar dos impactos provocados pela queda da bolsa de valores de Nova York a partir do ano de 1929, nos primeiros anos da década de 1930, o Brasil conseguiu manter os níveis de produção em escala consideravelmente estáveis em comparação aos países mais afetados pela crise como os EUA, a Inglaterra e a Alemanha.

De 1945 até os últimos anos da década de 1950 foi o período da Era do Rádio no Brasil. A popularização do rádio proporcionou uma grande mudança na cotidianidade da sociedade naquela época. Era a primeira vez que acontecia a transmissão de conteúdo simultâneo, que atingiu o meio rural e urbano com alcance nacional (AZEVEDO, 2002).

O rádio foi, até os primeiros anos da juventude de nossa biografada, o meio de entretenimento que predominava na preferência dos brasileiros. Além disso, o rádio era o lugar de afetividade que ocupou seu irmão Armando Vasconcelos (1926-2011), que foi radialista e apresentador de programas de auditório transmitidos via rádio e televisão. Entre esses destacamos, *Fim de Semana na Taba*, e o *Programa Armando Vasconcelos* (MINISTÉRIO, 2020).

Armando foi casado com uma cantora chamada Ayla Maria, citada como a “voz orgulho do Ceará” e considerada uma das mais importantes cantoras do Estado de todos os tempos (CARVALHO, 2016).

Registra-se que esse período foi o momento em que a migração mais foi impulsionada pela indústria como aponta o trecho a seguir:

A força da indústria viria se manifestar principalmente depois de 1930, como o apoio decisivo do governo Vargas, dos imigrantes estrangeiros e de excedentes financeiros da cafeicultura. A partir daí surge um novo período na diáde urbanização e industrialização que iria marcar por cerca de 50 anos a história demográfica e econômica do Brasil, mediante o surgimento de grandes estruturas concentradas espacialmente (MATOS, 2012, p. 12).

O capitalismo, concomitante ao imperialismo americano, se desenvolvia mundo afora, mas na cotidianidade da capital cearense, ainda era possível que pessoas de diferentes estamentos sociais se sentassem na mesma calçada.

A pequena Susana cuja infância iremos explorar a seguir, destaca que, na rua em que morava, vivia também uma tia do Tasso Jereissati, ex-governador do Estado do Ceará, e empresário. Na Rua Dona Leopoldina, juntavam-se comerciantes de produtos da pecuária, desembargadores e empresários partilhando do mesmo cotidiano.

É interessante notarmos que os estamentos sociais, nesse recorte dos anos 1940 e início de 1950, ainda não estavam completamente segregados como na atualidade. O motivo para esse entrosamento é a transitoriedade do período citado. É comum que durante períodos de transição entre uma forma de acumulação – com base na escravidão colonial – e outra – marcada pelo lucro adquirido pela exploração do trabalho assalariado – a classe em ascendência ainda esteja de alguma forma vinculada ao meio a que pertencera.

Aqui precisamos reparar na forma dialética em que a história se desdobra. A revolução burguesa no Brasil não acontece com um marco temporal, é necessário muito mais tempo para que a burguesia liberal tome as rédeas do controle do metabolismo social. Entre as décadas de 1940 e 1950, ainda existia uma forte influência do regime escravista monárquico no Ceará, dado que a revolução burguesa cearense data da década de 1980 (informação verbal<sup>52</sup>).

Na mesma rua morava também um desembargador, que compartilhava da mesma cotidianidade de famílias como a de Susana, que viviam do comércio produzido pela pequena propriedade pecuária. Na atualidade, o agricultor não se senta à mesma mesa que os donos de grandes marcas, ou autoridades da região.

Esse afastamento dá-se de acordo com Faoro (2001), quando um modo de produzir dominante ainda conflita com resquícios da forma pela qual, anteriormente, as condições materiais de subsistência eram produzidas. O que é notável no caso cearense, é uma situação semelhante à expressa pelo supracitado autor.

A burguesia desse Estado queria que as classes mais baixas apoiassem a sua maneira de pensar e isso fez com que os próprios representantes da classe mais alta conseguissem essa assimilação pela vivência cotidiana com aqueles que não tinham a mesma quantidade de poder aquisitivo.

Isto posto, foi necessário que a classe dominante adentrasse a cotidianidade das massas, a fim de divulgar de diferentes formas os seus ideais. Uma dessas formas de divulgação foi expor na cotidianidade a ideia de que com bons costumes e uma adequada formação, é possível possuir status social para considerar-se afastado da pobreza.

---

<sup>52</sup>Informação fornecida pelo Professor Luís Távora Furtado Ribeiro durante a segunda aula da disciplina Educação Brasileira, no Mestrado Intercampi em Educação e Ensino (MAIE), no dia 05 de setembro de 2023.

Mesmo compartilhando dos mesmos espaços que pessoas de grande poder aquisitivo, Susana percebia desde nova que existiam muito mais possibilidades para os que nasceram em famílias mais abastadas que a sua. Ela descreve esse fato através de uma situação exemplo:

Essa menina prima do Tasso, ela tinha primas, e elas faziam balé. Elas voltavam da aula de balé, iam fazer os passos e eu ficava olhando. Nunca me ocorreu, nem assim de longe fazer aula de balé porque eu sabia que a gente não podia. Tudo bem, fazer o quê? Mas também moravam outras meninas como eu na mesma rua, que não tinham condições de fazer balé (JIMENEZ S., 2023c).

O último endereço dos Ponte de Vasconcelos é uma casa na Rua Antônio Augusto. Essa residência foi de posse da família até o ano de falecimento de Manoel Messias, em 1992. A residência é também a única que possui registro fotográfico.

**Figura 4 - Casa dos Ponte de Vasconcelos na Rua Antônio Augusto, número 980 no ano de 1972**



Fonte: Acervo da biografada

Dando seguimento a nossa investigação, visitaremos brevemente as memórias trazidas por Susana sobre sua infância, priorizando as ocorrências que compunham seu cotidiano. Nesse espaço, não abordaremos a formação da Susana, tampouco temos a intenção de problematizar a totalidade dos eventos transcorridos em sua vida. Interessa-nos por hora traçar um panorama geral da pessoa por detrás das páginas curriculares que são acessíveis a todos.

### 3.2 A vida de Maria Susana: Da infância à família Jimenez

As primeiras memórias de Susana se referem a sua casa sempre cheia de pessoas. Além de ter muitos irmãos – 9 no total –, o lugar recebia vizinhos, amigos e familiares. A casa de Susana era o ponto de encontro da meninada e dos adultos. O acolhimento dos Vasconcelos era tão grande que a anfitriã da rua era a mãe de Susana, mesmo que por vezes sua idade fosse mais avançada que a das outras vizinhas (JIMENEZ S., 2023b).

Três anos após o nascimento de Jimenez, sua mãe Maria Juracy acabou contraíndo tuberculose, uma doença infectocontagiosa por bactérias transmitidas pelas vias aéreas (TEIXEIRA et al., 2020). Após o diagnóstico, Maria Juracy resistiu 17 anos à doença, falecendo no ano de 1964 (MINISTÉRIO, 2020).

Jimenez S. (2023b) relata que por conta dessa condição de saúde de sua mãe, não pôde ter contato físico com ela. A tuberculose é uma infecção contagiosa, por isso, era necessário evitar contato direto com a pessoa infectada, considerando que a transmissão do agente patológico se dá através da saliva, expelida com maior frequência pelo sintoma da tosse.

Maria Juracy e Susana conseguiram atravessar o afastamento provocado pela enfermidade da mãe, através de outras formas de demonstração de carinho, como o pentear de cabelos de Susana por Maria. Quando oportuno, Zita<sup>53</sup> colocava Susana de costas para Maria, e ela lhe penteava os cabelos e colocava um laço de fita no final. Mesmo que rápido, era um momento precioso para as duas, demonstrando o quanto se importavam com o afeto uma da outra mesmo tendo algumas restrições que poderiam tê-las afastado (JIMENEZ S., 2023b).

Susana lembra que todos os objetos de Maria Juracy eram separados dos de uso da família, e que o único contato que tinha com sua mãe, acontecia quando ela penteava seus cabelos, ou quando as duas se deitavam na rede de tucum, em posições opostas, permitindo que a mãe acarinhasse os pés da pequena filha. Os cuidados para a não infecção dos demais membros da família foram tão bem executados, que Maria Juracy foi a única a ter tuberculose na casa (JIMENEZ S., 2023b).

Por ocasião da sua ida aos EUA, já adulta, Susana descobriu em um exame médico requerido para um emprego, que possuía o bacilo da tuberculose na pele, indicando que ela estivera em contato com o portador da doença, o que não significa uma infecção com o agente patológico (JIMENEZ S., 2023b). Fica provado desde então que ela e seus irmãos possuem o bacilo na pele, muito embora nunca tenham contraído a doença.

---

<sup>53</sup> A pessoa que tomava conta dos seus cuidados na época.

Jimenez destaca ainda que durante a infância ela não foi comunicada sobre a doença da mãe, mas que ela percebia que algo não lhe era repassado, afinal, por que tantas visitas médicas apenas a sua mãe? (JIMENEZ S., 2023b).

Naquela época, a tuberculose era considerada uma doença vergonhosa<sup>54</sup>. Ter um membro da família com essa enfermidade era considerado motivo de vergonha, e chegava-se a associar a patologia à pobreza. Não há nenhum dado que relate a tuberculose à pobreza. Na verdade, devido à fácil transmissão, todas as classes sociais foram vítimas dessa doença<sup>55</sup>.

Mesmo que o contágio pelos agentes patogênicos que provocam a tuberculose conseguisse facilmente espalhar-se, nenhum outro Vasconcelos ou nenhuma outra pessoa das redondezas contraiu a doença de Maria. E muito embora fosse uma doença vergonhosa, os vizinhos, amigos e parentes continuavam frequentando a casa de Maria Juracy normalmente. O ponto de encontro para a mesa do jogo de baralho, conhecido como buraco, era a sala de Maria Juracy e na calçada de sua casa, a vizinhança se reunia para passar o anoitecer (JIMENEZ S., 2023b).

Susana Jimenez viveu a infância alegremente. Apesar dos problemas relacionados à saúde da mãe, ela teve o apoio de todos os parentes e amigos que representavam cada qual a seu modo um ponto de luz na vida da caçula Vasconcelos (MINISTÉRIO, 2020). A própria Maria Juracy não se deixava abater pelo seu estado de saúde, e Jimenez S. (2023b) relata que ela levava a situação com leveza.

---

<sup>54</sup>A recepção social da tuberculose se deu de forma contraditória. No século XVIII e início do século XIX ela era uma condição comum nas classes mais abastadas, por isso nessa época as pessoas consideravam a doença como algo envolto em um imaginário de refinamento. Esse cenário é completamente alterado no século XX. O ideário burguês necessitava estimular a produtividade das pessoas, isso fez com que os enfermos, de uma forma geral, fossem atingidos. No caso específico dos enfermos por tuberculose, ela representava uma espécie de manifestação social do caráter do antigo regime em decadência. Isso fez com que o imaginário popular reproduzisse o estigma de que a tuberculose é uma doença vergonhosa, por representar uma enfermidade ultrapassada assim como aqueles que nos escombros da monarquia viviam de refinamento (PÔRTO, 2007).

<sup>55</sup>Obviamente, aquelas com melhores condições financeiras por terem acesso a tratamento médico tinham mais chances de cura ou de postergar o óbito pela enfermidade, como foi o caso de Maria Juracy, entretanto, ainda é um fato que o contágio acometeu todos os estamentos sociais.

**Figura 5 – Maria Susana em frente à Rua Franklin Távora aos três anos de idade, em 1946.**



Fonte: Acervo da biografada

Durante a infância, Jimenez viveu com seus oito irmãos – já tinha saído de casa, o aviador –, pais, a avó Carminha, um ou dois primos que vinham do Interior para cursar faculdade na Capital e algumas mulheres que, jovens, foram enviadas por parentes próximos aos pais de Susana, para que ajudassem nas tarefas domésticas da família. Aquelas que acolheram Susana ao nascer foram: Carmelita – Carmelita Roque de Oliveira, Florentina Simplício de Souza, apelidada Nêga, ou Zita, por Susana, — e Maria Luísa Costa.

A sobrinha de Susana, Cristina Elizabeth Ministério, conta que algumas dessas moças eram descendentes de indígenas e de escravos. Isso está ligado ao costume comum em todo o Brasil de adoção<sup>56</sup> de crianças e jovens para trabalho servil, por parte de famílias mais abastadas (MINISTÉRIO, 2020).

Quando uma das moças chegava na casa dos Ponte de Vasconcelos, Manoel Messias era o primeiro a decretar: “não quero ninguém tratando mal essa moça”. É interessante observar que elas próprias chegavam a reproduzir os padrões hierárquicos vigentes, contraditoriamente misturados ao clima de afeto que reinava entre elas e os filhos de Maria e Messias. Ilustra o fato, a ocasião em que chegou para ajudar com os serviços de casa, uma

<sup>56</sup>O termo adoção aqui é ligado apenas ao pertencimento da pessoa à nova família, porém, havia um tratamento desigual em relação às moças trazidas de fora e os chamados filhos da casa. Sendo assim, essas não eram tratadas como filhas, por causa disso, o termo adoção aplicado acima se refere à relação que as moças que foram enviadas à família Vasconcelos conseguiram fortalecer.

sobrinha de Maria Luíza, adolescente como Susana. Desavisada, Graça espontaneamente chamou Susana pelo nome. De pronto, a tia interviu: “ela é a filha da casa, você deve chamar Dona Susana ou Susaninha”. Para a alegria de Susana, Graça escolheu chamá-la pelo apelido... (JIMENEZ S., 2023a).

As mulheres não se sentiam parte da família, ao passo que, de acordo com os relatos dos membros da casa, elas eram tratadas com igualdade. Sabemos que havia uma grande desigualdade entre aquelas que eram enviadas às famílias para ajudarem nas tarefas domésticas, e os filhos da família propriamente ditos. Mas, algo que comprova que no caso dos Ponte de Vasconcelos<sup>57</sup> havia uma relação de natureza mais familiar com as moças, foi o fato de Manoel Messias ter acompanhado Florentina até o altar no dia do seu casamento, como, vários anos depois, faria com sua filha Maria Simone<sup>58</sup>.

A categoria que expressa a realidade dessas mulheres que saíam do seio familiar por diversos motivos como: vulnerabilidade social, escolarização, e ascendência social, é conhecida como a categoria das domésticas residentes, que em muitos casos acabavam passando por maus-tratos por parte das famílias que as recebiam (VALERIANO, 2017).

Quando Jimenez passou a compreender a gravidade da situação das mulheres que serviam em sua casa, sentiu um misto de culpa e tristeza, mas tranquilizou-se ao lembrar que seus pais tratavam as moças com dignidade. Após o falecimento das mulheres que trabalhavam na casa da família Vasconcelos, todas elas foram sepultadas no mesmo túmulo dos demais membros da família que já haviam partido, dividindo espaço com seus pais e irmãos. Por outro lado, elas jamais participavam das fotos oficiais da família, algo de que Jimenez tomou consciência muito mais tarde em sua vida. Susana guarda muitas fotos dessas mulheres que ajudaram a criá-la tiradas em ocasiões diversas do cotidiano, porém, “sempre que vê as fotos oficiais da família, sente-se triste porque as moças não eram chamadas a participar do retrato simbólico” (JIMENEZ S., 2023a).

---

<sup>57</sup> Existiram também outras famílias que assim como os Ponte de Vasconcelos tratavam de maneira quase familiar as moças que chegavam para trabalhar. Um exemplo levantado por Susana diz respeito à assim denominada Rita Ama que cuidava das crianças da família Jereissati (JIMENEZ S., 2023d).

<sup>58</sup> Costume realizado pelas famílias que seguiam/seguem a tradição católica.

**Figura 6 - Manoel Messias e Carmelita, na casa de Maria Salésia no ano de 1984**



Fonte: Livro Memórias de Família: Messias, Maria e seus filhos (2020, p. 135)

A pequena Susana muito entristecia-se com a doença da mãe, mas uma das coisas que mais a abalou durante a infância, foi quando Nêga saiu da casa dos seus pais para casar-se. Jimenez confessa que sentiu o acontecimento como uma orfandade. Desse dia em diante, os cuidados de Susana ficaram, em larga medida, por conta de sua irmã mais velha, Maria Simone, que lhe ensinaria a ler antes que entrasse pela primeira vez na escola de ensino primário aos 5 anos de idade (MINISTÉRIO, 2020).

Susana Jimenez teve durante toda a vida até tornar-se uma jovem adulta, a influência da família para que confessasse o credo católico, assim como a avassaladora maioria das famílias tradicionais brasileiras do século XX. Essa influência da religião católica nas famílias do Brasil é ainda hoje uma das características mais marcantes de nossa colonização por uma potência europeia.

Quando criança, Susana frequentava a missa das 08:00 horas na igreja de Cristo Rei. Nessa ocasião a família tinha lugares reservados com o nome do patriarca marcando o local. Além disso, a avó de Susana tinha um banquinho com seu nome, reservado para quando ela fosse à missa (JIMENEZ S., 2023b).

A história nos mostra a relação entre a catequização dos povos indígenas até a formação escolar, tendo sido por muito tempo monopolizada por instituições da igreja católica. Isso demonstra o quanto influente o catolicismo se fez na realidade brasileira, fazendo

com que sua tradição prosseguisse ecoando no cotidiano e no imaginário das pessoas (AZEVEDO, 2004).

Jimenez S. (2023b) relata que a confissão ocorria duas vezes por mês, e que havia um padre predileto por ser menos rigoroso. Os pecados eram os mais simples, como esperado de crianças. Pintar as unhas na época era um motivo para confessar-se, dançar com o rosto colado no rosto do rapaz também deveria ser dito ao padre.

É possível perceber que com o desenvolvimento histórico, os tabus<sup>59</sup> que perpassam as seitas religiosas também se alteram. Na atualidade, pintar as unhas é algo cotidiano para as moças e crianças. O debate religioso hoje em dia está intimamente relacionado com a crise que o capitalismo vivencia.

Considerando que na época em que Susana foi ensinada sobre os preceitos do cristianismo, o capitalismo cearense estava se fortalecendo, interessava mais à classe dominante consolidar uma mentalidade burguesa, o que se explica pelo privilégio dado a algumas famílias, de terem seus lugares guardados e grafados nos bancos das igrejas. Na atualidade, o catolicismo se preocupa em justificar a exploração dando ênfase à solidariedade e à responsabilidade para com o outro, ações necessárias para a redução das mazelas provocadas pela crise estrutural do capital, que não devem ser de direito dos gestores desse modo de produção e sim de sociedades filantrópicas como a própria igreja.

Susana Jimenez cursou a sua escolaridade básica, desde o jardim de infância aos anos finais do curso normal, no tradicional Colégio da Imaculada Conceição, escola tradicional e confessional da cidade de Fortaleza, então frequentada apenas por meninas. Com efeito, essa instituição foi a primeira da capital destinada à formação feminina. Fundada em 1865, era regido pelas freiras congregadas pela Ordem das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo (GONÇALVES, 2020).

Esmiuçaremos alguns aspectos sobre a questão em volta da formação escolar e acadêmica de Susana Jimenez no capítulo seguinte. Nosso objetivo nesse primeiro momento é registrar sua história de vida, para, em seguida, tratarmos da sua formação acadêmica e o contato com o marxismo, até enfim abordarmos a sua contribuição à educação marxiano-lukacsiana no Ensino Superior no Estado do Ceará.

Durante a juventude, Susana pôde conviver e contribuir de diversas formas com os irmãos mais velhos. Sendo a caçula da família, teve cada um de seus nove irmãos como

---

<sup>59</sup>Entendido no sentido freudiano tabu é uma ação coercitiva do sujeito para consigo mesmo ou para com os demais, que visa profanar uma ação historicamente proibida que prescindem de qualquer fundamentação lógica, mas se relacionam a construção da ordem das sociedades (FREUD, 2012).

referência para a vida que viria a construir. O irmão mais velho, Ilo, foi o primeiro a tornar-se um acadêmico e professor universitário, futura profissão de Susana.

Ítalo foi o dentista da família. Hilton introduziu Susana aos ares, era piloto e seguiu a carreira militar, foi com ele que Susana desbravou pela primeira vez as fronteiras dos estados brasileiros, deslocando-se do Ceará para o Rio de Janeiro, depois para Brasília para estarem juntos durante seu período de férias escolares.

Armando foi de comunicador a apresentador de programas de televisão – ainda jovem, Armando Vasconcelos consegue entrevistar Getúlio Vargas! –, talvez dele tenha herdado a desenvoltura necessária para brilhar nos palcos das salas de aula. Argos foi o primeiro médico da família e o primeiro a publicar livros, o que já apontava um caminho para a escrita que também seria seguido por Susana. Haroldo também foi funcionário público, Maria Simone foi a irmã que substituiu a ausência da mãe e dela pode ter vindo a delicadeza com que Susana atende aqueles que a procuram.

Gerardo foi outro a exercer a profissão de médico, e Maria Salésia, a filha que cuidava de todos com dedicação, maiormente, na velhice dos familiares, demonstrou à Susana o valor de cuidar daqueles que necessitam da ajuda que podemos oferecer. Essa tarefa foi cumprida pela caçula durante a juventude na ajuda com os sobrinhos e quando foi necessário que Susana o fizesse na velhice de seus parentes (MINISTÉRIO, 2020).

Todo o apoio familiar que Susana recebeu assim como os aprendizados com cada um daqueles que fizeram parte da sua história: pais, irmãos, amigos, madrinha, tias, tios, sobrinhos, entre outros que passaram por seu cotidiano, foram com Susana quando esta precisou sair do Brasil para fazer sua história com suas próprias mãos.

Os anos entre as décadas de 1950 e 1960 foram perpassados por uma das principais eras de ouro do capitalismo. Nesse período, o modelo de produção fordista alcança o auge do sucesso de seu funcionamento, expandindo-se inclusive para novos tipos de produção, como os de bens pouquíssimo duráveis como os do setor alimentício (HOBSBAWN, 1995). Isso fez com que houvesse um grande impulso no crescimento das cidades, o que pode ser sentido na cotidianidade dos Vasconcelos.

As cidades pararam de se tornar lugares familiares para serem grandes centros comerciais. A nova forma de produzir bens não duráveis fez com que o comércio passasse a ser em si mesmo uma forma de produzir riqueza, e não somente um meio. O imperialismo americano também atinge o seu ápice. A indústria de cinema hollywoodiana passa a dominar o consumo cinematográfico e toda a indústria audiovisual (MAIA; OLIVEIRA, 2020).

A revolução cubana é um importante marco da segunda metade do século XX. Com todas as controvérsias que envolvem o acontecimento da revolução cubana, ela marca a história de um país que viria a fugir do padrão seguido pelos demais países da América Latina e foi capaz de impactar a vida de nossa biografada que admira a forma como o lugar não foi suplantado pela indústria cultural americana.

Todos esses acontecimentos se misturam ao cotidiano dos viventes das décadas de 1950 e 1960. Mas nesse recorte temporal, o que mais vai deixar marcas e saudade em Susana foi o adeus dado a sua mãe quando Jimenez já cursava pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC) (JIMENEZ S., 2023a).

Como visto, a mãe da biografada lutou contra a tuberculose por 17 anos. O impacto da perda da mãe, naturalmente, abalou-a intensamente. Susana relata que embora tenha sofrido com a perda da mãe, conseguiu superar o luto confiando em sua força da mocidade. Ela diz que não se sentiu uma criança órfã, mas uma adulta que poderia trilhar seu próprio caminho (MINISTÉRIO, 2020).

A década que acompanha a trajetória universitária de Jimenez é marcada pela experiência de ditadura civil-militar-empresarial (1964-1985)<sup>60</sup> no Brasil. Iniciada em 1º de abril de 1964, o golpe foi organizado e apoiado por setores da sociedade como o empresariado, as oligarquias rurais e a Igreja Católica, recebendo o primordial apoio do governo dos EUA.

Nos primeiros anos de ditadura, observou-se uma crescente repressão. Com a instituição do Ato Institucional número 5 (AI5), no ano de 1968, foram iniciados os chamados “anos de chumbo”, e as ações repressivas se intensificaram. Esse processo trouxe grande violência (MOTTA, 2018).

O discurso de Susana Jimenez aponta que durante os anos iniciais da ditadura, ela não conhecia a realidade daquele fenômeno, na medida que pertencia ao seio de uma família da tradicional classe média cearense, e foi apenas durante a sua estada nos Estados Unidos que ela tomou um maior conhecimento dos acontecimentos, e passou a se posicionar radicalmente contra a ditadura civil-militar-empresarial (JIMENEZ S., 2023a).

---

<sup>60</sup>A maior parte da historiografia brasileira aponta o ano de 1985 como o último do período de ditadura civil-militar-empresarial, sem comemorações registradas pela história, esses consideram ainda que o período ditatorial brasileiro tenha durado até o dia 15 de março de 1985. Há a discussão sobre o seu fim ter se dado com o início do período de transição democrática em 1974. No movimento dialético próprio da história, temos que mesmo as eleições ocorridas em 1985 são marcadas pela interferência militar, inclusive, essa eleição ainda ocorre de forma indireta (REGASSON, 2023).

Relata também que os seus irmãos se dividiam entre os que apoiavam o regime, ela tinha inclusive um irmão militar, e outros que se posicionavam abertamente contra, especialmente, depois do conhecimento sobre o que ocorria durante aqueles anos, em que havia prisões, expulsões, exílios, tortura e assassinato sendo praticado no território brasileiro (MINISTÉRIO, 2020).

Enquanto cursava pedagogia, Jimenez teve a oportunidade de realizar um curso de línguas no Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU)<sup>61</sup>, antes que fizesse um curso intensivo de inglês que facilitaria sua estada nos Estados Unidos da América.

Foi por meio do professor da UFC, Valnir Chagas<sup>62</sup>, que Susana consegue uma bolsa de estudos para realizar um curso de mestrado em educação na San Diego State University, fomentada pelo convênio entre o Ministério da Educação Brasileiro e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (MEC-USAID), atracando em terras norte americanas no dia 22 de junho de 1969 (MINISTÉRIO, 2020).

Antes de embarcar em terras americanas para a realização de sua pós-graduação, Susana ainda teve a oportunidade de lecionar no Ensino Universitário entrando no quadro funcional da UFC no ano de 1967 como professora. Desde cedo ela esteve em contato com a juventude no âmbito do ensino acadêmico, formando muitas gerações que atuaram e atuam nos mais diferentes setores da educação.

Durante o mestrado em San Diego, Susana Jimenez conheceu a realidade mundial de suas leituras e vivências nos círculos acadêmicos. Ela se apropria também da realidade brasileira, pelas notícias que recebia de ex-colegas que foram exilados do Brasil nos anos de chumbo da ditadura, tal como alguns que foram perseguidos pelo regime (JIMENEZ S., 2023a).

Quando estava cursando o mestrado, Susana pôde participar de uma manifestação contra a Guerra do Vietnã (1955-1975) realizada em San Diego. E também em apoio à Angela Davis e Herbert Marcuse (1898-1979) , presentes ao evento (MINISTÉRIO, 2020). Na universidade em que Susana estudava mal havia movimento estudantil. Por isso ela soube da manifestação por outros meios e decidiu ir por conta própria, pois já havia dentro dela uma

---

<sup>61</sup>Centro-binacional para o ensino de língua estrangeira, reconhecido pelo consulado dos EUA no Brasil. Disponível em: <<https://portal.ibeu.org.br/conheca-o-ibeu/>>.

<sup>62</sup>Valnir Chagas era, naquele tempo, coordenador do curso de pedagogia na UFC. Tendo sido firmado o acordo em meados da década de 1960 – esse acordo ocorreu em sigilo e apenas em 1966 foi tornado público graças às pressões populares –, uma das ações deveria ser a indicação de técnicos da área da educação para estudarem em um programa de formação específico nos EUA.

inclinação para o conhecimento daquilo que é do interesse dos injustiçados (JIMENEZ S., 2023a).

Na década de 1970, o mercado financeiro enfrenta uma das piores crises registradas na história do capitalismo, efeito da famigerada crise do petróleo que permanece na cotidianidade das pessoas, o que demarca o surgimento da crise estrutural do capital. (MÉSZAROS, 2011).

As características básicas para a compreensão dessa crise são descritas por Mészáros (2011, p. 795):

(1) seu caráter é universal, em lugar de restrito a uma esfera particular (por exemplo, financeira ou comercial, ou afetando este ou aquele ramo particular de produção, aplicando-se a este e não àquele tipo de trabalho, com sua gama específica de habilidades e graus de produtividade etc.); (2) seu alcance é verdadeiramente global (no sentido mais literal e ameaçador do termo), em lugar de limitado a um conjunto particular de países (como foram todas as principais crises no passado); (3) sua escala de tempo é extensa, contínua, se preferir, permanente, em lugar de limitada e cíclica, como foram todas as crises anteriores do capital; (4) em contraste com as erupções e os colapsos mais espetaculares e dramáticos do passado, seu modo de se desdobrar poderia ser chamado de rastejante, desde que acrescentemos a ressalva de que nem sequer as convulsões mais veementes ou violentas poderiam ser excluídas no que se refere ao futuro: a saber, quando a complexa maquinaria agora ativamente empenhada na “administração da crise” e no “deslocamento” mais ou menos temporário das crescentes contradições perder sua energia (MÉSZAROS, 2011, p. 795).

Em meio a grandes mudanças no cenário mundial, como a proposta de revolução cultural e sexual, ocorrida nos EUA e Europa entre os anos finais da década de 1960 e durante a década de 1970 (HOBSBAWN, 1995); Susana conhece na universidade Paul Jimenez, o homem com quem que viria a se casar. Ele é o pai da única filha do casal, Paula Jimenez.

O nome de origem latina é mais acidental do que causal. Paul era filho de uma mulher americana, descendente de ingleses e alemães, chamada Gertrude Mette, e um homem panamenho, chamado Joseph Isabel Jimenez, daí o sobrenome Jimenez. O pai de Paul pertencia à classe abastada, por isso, seus pais o mandaram estudar engenharia nos EUA, onde ele conheceria Mette que cursava arquitetura (JIMENEZ S., 2023a).

O casal se muda para o Panamá, onde os dois trabalharam na construção do Canal do Panamá<sup>63</sup>. Joseph Jimenez como engenheiro e Gertrude Mette como arquiteta. Quando Paul

<sup>63</sup>Roda da economia panamenha, e imerso em controvérsias – seria o canal um símbolo do imperialismo americano ou um sinal do avanço tecnológico da humanidade? – o Canal do Panamá foi uma obra pensada desde o século XVI, considerando a necessidade econômica de se ter uma passagem que ligava os oceanos atlântico e pacífico. A ideia foi abandonada por séculos já que na época não era possível pensar em uma construção que desafiasse com tanta imperiosidade as forças da natureza. No século XIX, o governo francês inicia o

tinha 4 anos, Mette resolve separar-se do marido e volta para os EUA com os filhos. Por conta disso, Paul pouco entrou em contato com a cultura latina, nem sequer falava fluentemente espanhol.

Susana também conhece Paul por uma casualidade:

Nós estávamos na farmácia, tinha ido lá porque estava com dor de garganta. O campus era enorme, tinha farmácia, restaurante, era uma super universidade. Ele também foi pegar um produto na farmácia e começamos a conversar [...] então sentamos no sofá do dormitório e passamos a noite conversando. No dia seguinte, quando eu estava descendo a escada, que levava à sala de convivência, ele estava ao piano, porque tinha um piano na área de convivência dos dormitórios. Assim que ele me viu, começou a tocar *Over the Rainbow*, aí, pronto, esta ficou sendo a minha música favorita de todos os tempos. *Over the Rainbow*<sup>64</sup> era a cara dele, ele tocou para mim, aí, poxa, não teve mais jeito" (JIMENEZ S., 2023b).

Junto com o músico Paul, Susana conhece grande parte dos Estados Unidos: e visitou sistematicamente o Arizona, onde residiam sua mãe e irmãos. Anos depois, ela apresentaria o Brasil de Norte a Sul para o marido, desde as terras gaúchas até a Pedra da Galinha Choca, no Sertão Central cearense, onde nasceu o seu irmão mais velho, Ilo.

Depois de dois anos de mestrado ela passa dois anos no Brasil, momento em que voltou também a dar aulas na UFC. Em março de 1974, Susana decide imigrar para os EUA para casar com Paul, permanece lá por dois anos e em 1976 retorna ao Brasil. Em 1978 Susana retorna aos EUA, novamente, para cursar doutorado em educação com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na Allianz International University, em San Diego, na Califórnia.

Paula Christine Jimenez<sup>65</sup>, a única filha de Susana e Paul, nasceu em solo norte americano, no dia 24 de março de 1980. O domicílio da família Jimenez permaneceria em endereço americano até 1982, quando Susana decide voltar para o Brasil. Em solo brasileiro, ela poderia exercer o magistério de nível superior com todas as qualificações que adquiriu no decorrer da carreira (MINISTÉRIO, 2020).

Do seu período de infância, vivenciado entre os EUA e o Brasil, Paula relata que graças à Susana ela pôde viver uma infância distinta da que somos acostumados a observar em nossa cotidianidade. As particularidades que marcam essa distinção vão desde a preocupação de Susana com a alimentação de Paula, questão que faz parte da ordem do dia da maioria dos pais na atualidade, mas não necessariamente dos pais daquela época, até a forma

---

projeto, não esperando levar consigo aproximadamente a vida de 22.000 trabalhadores em sua construção (BARBATO; FONSECA, 2022).

<sup>64</sup>Canção popularizada por Judy Garland no filme *O mágico de Oz*.

<sup>65</sup>Atual professora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

de observar o mundo e perceber as coisas que estão por detrás dos fenômenos que aparecem (JIMENEZ, P., 2023).

Paula recorda ainda que o acesso à televisão e até mesmo ao açúcar se deram tardivamente se comparado a outras crianças de sua época. A vivência nos EUA possibilitou à Susana ofertar à Paula possibilidades que dificilmente seriam acessíveis à classe média, como possuir bonecas com fenótipos diversos (JIMENEZ P., 2023).

Paula relata ainda não se recordar de nenhuma frustração quanto à forma distinta, para a época, de ter sido criada. Ela observa que na atualidade a forma como a sua mãe a criou está até mesmo “em alta”, mas Susana realmente queria o melhor para a sua filha, e ela afirmou se sentir bem pelo cuidado que Susana lhe direcionava (JIMENEZ P., 2023).

Já Susana, afirma que até mesmo nos EUA era difícil achar bonecas com fenótipos diversos, no Brasil era impossível ofertar qualquer boneca com a aparência fora do padrão loiro, branco e de olhos azuis (JIMENEZ S., 2024). Paula lembra que sua mãe priorizava dar-lhe bonecas que se parecessem com ela, de cabelos castanhos e olhos da mesma cor (JIMENEZ P., 2023).

**Figura 7 - Ludmilla, a boneca favorita de Paula**



Fonte: registro feito pela pesquisadora de objeto em posse da biografada

Ao voltar para o Brasil, Susana Jimenez poderia também viver longe da xenofobia que recebia de alguns americanos que a tratavam de forma estereotipada, o que ainda hoje

acompanha os imigrantes latinos em terra estadunidense. Susana relata que essa foi a única violência que vivenciou de forma direta em sua vida. Nesses episódios, muitos americanos nativos ao tomarem conhecimento de sua origem latina, a trataram de forma diferente, principalmente na escola de ensino primário em que trabalhou (JIMENEZ S., 2023a).

Na época em que imigrou, em 1974, Susana trabalhou em uma escola bilíngue de San Diego na Califórnia chamada *Cabrillo Elementary School*. Essa escola, que em teoria deveria dispor de uma formação em inglês e português, foi projetada para atender os imigrantes vindos de Portugal depois da Revolução dos Cravos<sup>66</sup> (1974) (JIMENEZ S., 2023a).

Logo, o público que a escola deveria atender eram aqueles que apoiavam a política governamental conservadora de António Salazar (1989-1970), e em sua maioria eram empresários do ramo da aquicultura<sup>67</sup>. A escola atendia os filhos dos trabalhadores que tiveram que emigrar junto com as famílias dos supracitados empresários. Existia uma dualidade no tratamento da instituição que discriminava os filhos dos trabalhadores que lá estudavam.

Percebendo esse cenário, Susana passa a posicionar-se e defender as crianças que eram discriminadas pela direção e por alguns dos professores da escola. Além da origem latina, esse também foi um dos motivos que a levou a ser tratada de forma diferente por seus colegas, principalmente a diretora da instituição. Existia ainda a questão de Jimenez já possuir mestrado, por isso, ela dominava bem mais os assuntos pedagógicos que as professoras do lugar.

Além do mais, por conseguir comunicar-se tanto em inglês quanto em português com as mães de alunos que frequentavam o ambiente escolar em que ela trabalhava, alguns funcionários a tratavam com rudeza e demonstravam sentir-se enciumados pela relação que Susana conseguia estabelecer com os pais e alunos imigrantes, ainda mais intensamente, com aqueles que eram filhos de famílias da classe trabalhadora.

A insatisfação de Jimenez com a escola bilíngue ficava a cada dia mais evidente, considerando que nem seu diploma de pedagogia nem o curso de mestrado realizado em instituição da California eram validados pelas leis norte americanas para efeito de um emprego de professora. Susana nunca pôde exercer oficialmente a função de professora nos

---

<sup>66</sup>A Revolução dos Cravos foi o nome dado a um levante militar, apoiado pela sociedade civil, ocorrido em Portugal no ano de 1974. Na ocasião, o país experimentou mais de 41 anos de ditadura durante os governos de António Salazar (1889-1970) e Marcello Caetano (1906-1980). O levante, mesmo tendo sido realizado por militares, contribuiu para a reorganização da democracia liberal no país após o ano de 1975 (SECCO, 2013).

<sup>67</sup>Criação de lagostas.

EUA seu trabalho ordinário em terras brasileiras; nessa escola ela era lotada como *teacher's aid* – ajudante de professor – (JIMENEZ S., 2023a).

Seu descontentamento atinge o ápice quando a diretora da instituição tenta impedi-la de alimentar uma aluna – não por acaso uma filha de trabalhador – que estava sendo castigada. Por essa somatória de motivos, e por ainda ter que lidar com o cotidiano de uma imigrante, Susana encerra sua experiência na *Cabrillo Elementary School* (JIMENEZ S., 2023a).

O ano de 1982, pertenceu ao período preparatório de transição entre a ditadura civil-militar-empresarial, e a democracia circunscrita à forma republicana liberal no Brasil. A década de 1980 foi marcada por vários protestos em prol das eleições diretas, e inúmeros debates acadêmicos sobre a política que o país deveria adotar após a transição (FAUSTO, 2006).

De volta ao Brasil, Susana torna a lecionar, não só na UFC, mas esteve presente no Ensino Superior em três diferentes cidades brasileiras: Campinas, Teresina e Fortaleza. De 1991 a 1992 realiza Estágio Pós-Doutoral na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

É importante ressaltarmos que ela nunca se desligou do vínculo de professora da UFC. Quando imigrou para os Estados Unidos, para casar-se, solicitou uma suspensão de seu contrato por dois anos, com lhe permitiam os estatutos da Universidade. Jimenez torna-se ainda professora efetiva da Universidade Estadual do Ceará no ano de 2003, tendo sido anteriormente, professora visitante da referida instituição desde o ano de 1994 quando se aposentou da UFC<sup>68</sup>.

Ela é a primeira<sup>69</sup> pessoa a introduzir de forma sistemática na pesquisa científica acadêmica cearense o marxista de Budapeste. Ressalta-se, como é recorrente entre marxistas, que o filósofo húngaro é o mais importante autor dentro do marxismo do século XX.

Susana, além de estudar Lukács, dedica-se a analisar uma parte da obra do filósofo italiano Antonio Gramsci (1891-1937) e do também húngaro István Mészáros (1930-2017) (JIMENEZ S., 2023a).

Ao retornar para o Ceará, Susana consolidou uma forte base marxiano-lukácsiana em torno dos grupos de estudo e de pesquisa em que esteve vinculada e uma grande parte das produções acadêmicas das quais ela foi orientadora tanto na UFC quanto na UECE. Por esse

---

<sup>68</sup>Informações extraídas da Plataforma Lattes em texto informado pela autora, disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1771899477297406>>.

<sup>69</sup>Mesmo que houvesse estudos esparsos sobre Lukács, estes não eram, ainda, sistemáticos.

esforço acadêmico, ela passou a ser reconhecida pelos estudantes, pares e pela comunidade em geral como uma referência do marxismo no Ceará.

Isso deve-se ao caráter de seus estudos, dado que sempre prezou pela fidelidade ao marxismo, rigor científico e compromisso ético com a revolução socialista. Para além dos muros da academia, Susana sempre teve cuidado com aqueles que orientava e com quem trabalhava (MINISTÉRIO, 2020).

A biografada relata que um dos seus maiores orgulhos acadêmico-universitários foi a participação na direção do IMO<sup>70</sup>, criado pelos professores José Ferreira de Alencar e José Jackson Coelho Sampaio entre outros colegas da UECE e dirigentes da CUT/CE. No IMO, ela pôde realizar um trabalho pioneiro no âmbito da universidade no Brasil. O Instituto contribuiu para a produção sobre o movimento operário, formação docente, estudantil e humana de seus membros. Na atualidade, o IMO contabiliza três décadas de existência (JIMENEZ S., 2023a).

Além disso, ela relata a imensa alegria de ter criado as primeiras duas linhas de pesquisa, especificamente sobre a ciência da educação sob o ponto de vista marxiana. A primeira dessas linhas criadas foi a de título: Marxismo, Educação e Luta de Classes, no PPGE/UFC e a segunda, Marxismo e Formação do Educador, no PPGE/UECE.

Jimenez aproximou-se com muito carinho de sua afilhada Nágela<sup>71</sup> da Silva de Sousa, que conviveu por muito tempo<sup>72</sup> com sua filha única a ponto de passar a fazer parte da família. Compartilhando espaços entre o lar onde moravam e a universidade, Susana acabou sendo como uma mãe na vida de Nágela, que foi tão impactada pela vivência com Susana que, assim como a madrinha, gradua-se em pedagogia na UFC, participa do IMO e torna-se mestra em educação pela UFC (JIMENEZ, S., 2023a).

Pela ocasião do relato autobiográfico de Jimenez em Ministério (2020, p. 461) relata Nágela:

Aprendi com você, minha mãe Susana, a executar o meu fazer pedagógico com rigor, comprometimento e ternura. Para a vida, eu aprendi, de pequena, a sensibilidade mais linda dos revolucionários: o senso de justiça e de humanidade. A você toda a minha gratidão e amor.

Nágela é a única que pôde gozar do cotidiano de Susana na Universidade e fora dela. A professora – hoje atuante na rede municipal de ensino em Fortaleza – formou-se em

---

<sup>70</sup>Assunto a ser melhor tratado em seção posterior.

<sup>71</sup>Nágela da Silva de Sousa é professora da rede municipal de Fortaleza e mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará (PPGE/UFC).

<sup>72</sup>Quantidade de tempo exata a ser recolhida em entrevista.

pedagogia e pôde participar das atividades do IMO, compartilhando espaços com Susana dentro e fora do âmbito acadêmico. Em entrevista direta aos pesquisadores, Nágela depõe:

A convivência com a Susana é uma convivência que tem muita conversa, tudo da gente é conversado. Me sinto muito à vontade para conversar com ela sobre qualquer assunto. Apesar de ela ter 80 anos, sua cabeça é a mais jovial possível. Ela é uma pessoa muito disponível para ouvir, para aconselhar, é uma pessoa com quem eu posso contar a qualquer momento e a qualquer horário (SOUZA, 2023).

Em 2006, Susana Jimenez recebe uma homenagem em reconhecimento de sua contribuição à linha de pesquisa em Trabalho e Educação na UFC. Em 2008, recebeu uma menção honrosa por melhor trabalho de iniciação científica pela UECE, e em 2012 recebeu novamente menção honrosa pela UECE por melhor trabalho de iniciação científica.

Em 2013 representou a sua turma de pedagogia na comemoração do jubileu de ouro do curso, sendo a representante da primeira turma graduada na instituição, e uma das mais importantes pesquisadoras do fenômeno educacional no Ceará. Em 2014, recebeu uma menção honrosa pelo Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED).

No ano de 2013, Susana, também, realizou a aula inaugural do Mestrado Acadêmico em Educação e Ensino (MAIE), no dia 26 de março na cidade de Limoeiro do Norte. O título da aula foi: *Educação e formação do Professor: questões históricas e urgências contemporâneas*.

No dia 31 de julho de 2014, Susana recebeu uma trágica notícia. Faleceu o pai de sua filha, Paul, depois de muito bravamente lutar contra problemas cardíacos relacionados a altos índices de glicemia. Susana e Paula, porquanto não tinham mais motivos para rotineiramente visitarem as terras estadunidenses, encaminham-se para os Estados Unidos da América para despedirem-se, trazendo as cinzas do companheiro de vida que lhe deu a maior felicidade que Susana experimentara durante seu tempo histórico, sua filha Paula (JIMENEZ S., 2023a). Paula seguiu, assim como a mãe, a carreira acadêmica no ramo da farmacologia e da biologia, tornando-se professora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

No ano de 2017, por sugestão do professor Deribaldo Santos<sup>73</sup>, Jimenez é convidada pelo Instituto Lukács a trabalhar na tradução do livro *Myths of Male Dominance* (Mitos da Dominação Masculina), de Eleanor Burke Leacock (1922-1987), uma antropóloga marxista nascida nos Estados Unidos da América. Através da tradução do manuscrito, Susana obtém

---

<sup>73</sup>Esse professor, em depoimento direto a esta dissertação, afirma se considerar eterno orientando de Susana.

grande prestígio no Brasil, tendo sido reconhecida pela tradução por seus pares, e por inúmeros professores, inclusive fora do país (JIMENEZ S., 2023a).

Após os movimentados 50 anos de sala de aula no Ensino Superior, Susana aposentou-se definitivamente das duas instituições em que mantinha vínculo no ano de 2018. Ela passa então, a contribuir com a educação através de palestras e eventos que tiveram que se tornar cada vez menos frequentes à medida em que os anos passavam, o que foi agravado pelo isolamento social gerado pela pandemia da doença Corona Virus Disease (Covid-19) (JIMENEZ S., 2023a).

Susana viajou por diversos países durante a vida, principalmente entre as Américas e a Europa, participando e apresentando-se em encontros e eventos intelectuais. Considerando-se uma mochileira, ela ainda pretende realizar várias viagens turísticas, e conhecer ainda mais o mundo em que habita (MINISTÉRIO, 2020).

Entre os destinos que Susana recorda com grande carinho, destacam-se: o Estado da Califórnia nos EUA, lugar onde morou por muitos anos, Paris na França, Trier na Alemanha, a cidade em que Marx nasceu, e Procida na região napolitana da Itália, cidade onde foi filmado um dos seus filmes favoritos *O carteiro e o poeta* (1994) (JIMENEZ S., 2023b).

**Figura 8 - Susana com Helena Freres, Mário Coelho e Edna Bertoldo na Hungria, em 2017**



Fonte: Acervo da biografada

**Figura 9 - Susana e Jackline Rabelo em Trier cidade natal de Karl Marx**



Fonte: Acervo de Josefa Jackline Rabelo

Com a chegada da pandemia provocada pelo Coronavírus, descoberto em 2019, diminuíram ainda mais as participações de Susana Jimenez no meio universitário. Nos últimos anos, a caçula da família Vasconcelos continua se dedicando à atividade científica, e ainda acompanhou de perto e dedicou-se à revisão ortográfica do livro que conta a história de sua família, e principal referência para a elaboração deste esboço: *Memórias de família: Messias, Maria e seus filhos*, lançado pela autora em 2020.

Na atualidade, as condições sanitárias globais permitem retomar as atividades presenciais ligadas ao meio acadêmico. No dia 23 de março de 2023, a convite do grupo Emancipa/GPTREES, os professores: Betânia Moraes, Deribaldo Santos e Osterne Maia, da disciplina Fundamentos Onto-Históricos, Marxismo e Educação; Susana Jimenez volta a sala de aula do Ensino Universitário, após cinco anos afastada, para ministrar uma exposição sob o título: *Do igualitarismo à opressão em Eleanor Leacock: o papel da educação*, no (PPGE/UECE).

Mesmo após se afastar das salas de aula, Jimenez ainda continuou e continua a receber seus ex-alunos e ex-orientandos em sua casa com a mesma alegria e calorosa cordialidade que não a abandonam com o passar dos anos.

Perante a história de Jimenez, não podemos deixar de nos perguntar um dado de suma importância: como, quando e onde se deu sua virada marxista? Em que fontes ela bebeu e que

caminho percorreu para se tornar a “caçula revolucionária”? (MINISTÉRIO, 2020). Considerando a vida que levou Susana, tendo estudado em uma instituição confessional, participado do escotismo, feito uma pós-graduação em um programa voltado para a formação dos reprodutores do ensino aos moldes do imperialismo; ela tinha todas as condições para tornar-se uma reacionária, como ela mesma nos afirmou (JIMENEZ S., 2023c).

Tendo esclarecido alguns dos principais aspectos da história de Susana Jimenez para o referido recorte da pesquisa, podemos, agora, aprofundar a relação dessa mulher com a educação; ou seja, formação escolar e humana, encontro com o marxismo e a categoria fundamental para o objeto da presente investigação: a atuação da biografada junta à consolidação de uma educação de base marxiana-lukácsiana no Estado do Ceará.

#### **4 AS TRANSFORMAÇÕES SUBJETIVAS DE SUSANA JIMENEZ: FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

Susana Jimenez, Susy  
Ama os livros e a cultura  
No silêncio e na  
harmonia, Criticando a  
estrutura  
Só a comprehende quem tem  
Alegria e alma pura.  
(Poema Literatura de Cordel para Susana Jimenez,  
escrito por Luís Távora Furtado Ribeiro em 2023).

A caçula revolucionária relata que no final das missas de que participava quando criança na Igreja de Cristo Rei, era costume que os padres pedissem para que os fiéis rezassem três pai-nossos e três ave-marias pela conversão dos comunistas (JIMENEZ S., 2023c). Teria Susana errado as palavras para que acontecesse a virada ao caminho oposto? E novamente na contramão das tendências da época, Jimenez permanecesse tão comunista quanto no dia da viagem que realizou a Trier com amigos e ex-orientandos.

Investigaremos a partir daqui a trajetória formativa da caçula dos Vasconcelos, compreendida como a formação humana que poderemos explorar de dados extraídos, principalmente, do seu discurso e de suas memórias. Para iniciarmos a discussão que empreendemos na referida seção, cabe primeiro assinalarmos nossa compreensão acerca de formação humana. Essa formação se refere ao próprio ato de humanização pelo qual todos os seres sociais são submetidos durante a vida.

Entendemos como transformações subjetivas o processo sintético gerado pelo contato do indivíduo com a materialidade e o ideário que o circunda. Como já dito no segundo

capítulo desta dissertação, o mundo objetivado tem prioridade na formação da história do indivíduo e de sua consciência. Por isso, as transformações subjetivas são construídas dialeticamente no decorrer da história do indivíduo e da história geral.

Para que pudéssemos desvelar esse processo que é aqui entendido como um período formativo, este foi primeiro realizado pela humanidade primitiva, impreterivelmente através do salto ontológico proporcionado pelo surgimento do trabalho (LUKÁCS, 2018b).

Esse autor expõe que o trabalho proporcionou a superação da esfera orgânica garantindo à humanidade as características necessárias para evoluir de modo a, entre outras coisas: modificar o orgânico; desenvolver o social e; consolidar-se enquanto gênero.

Sobre essa sumária divisão, Santos (2020) indica que tal dialética ordinária se constituiu através de etapas indissociáveis compreendidas por ele nas categorias humanização e hominização que mutuamente desenvolvidas proporcionaram a emancipação do ser social da esfera orgânica (LUKÁCS, 2018b).

Ora, todo ser social necessita da reprodução biológica para existir durante o seu tempo histórico. O caráter biológico do ser humano não elimina o social, mas faz parte de sua humanidade, assim como a esfera inorgânica, que também compõe os seres biológicos e sociais. A formação é algo amplo e bem mais complexo do que simplesmente a discussão a respeito da educação enquanto fenômeno.

O processo de formação do gênero humano deu-se em uma base construída sobre objetivações básicas do ser social com prioridade no trabalho. São essas: o próprio trabalho, a cooperação, a divisão do trabalho, a linguagem, e, de acordo com Lukács (2018b), seguido de Sobral (2021), a educação: “[...] já um olhar superficial ao ser social mostra a indissolúvel entrelaçabilidade de suas categorias decisivas como trabalho, linguagem, cooperação e divisão do trabalho, mostra novas relações da consciência com a realidade e, por isso, consigo própria etc” (LUKÁCS, 2018b, p. 7).

O trabalho é um processo que une teleologia – etapa de idealização do trabalho – e causalidade – ação aplicada para a sua realização – (LUKÁCS, 2018a). Sendo o trabalho, uma atividade essencialmente teleológica, temos que para a reprodução do ser social é necessário que haja o ato do aprendizado, já que ele torna possível que os conhecimentos relacionados ao trabalho sejam aprendidos e transmitidos – o ensino (SOBRAL, 2021).

Desde a reprodução da técnica até a criação de uma nova forma de executar o trabalho, a aprendizagem está intrinsecamente inserida em seu processo. Daí a necessidade que fez surgir a educação.

A constante humanização iniciada com o salto ontológico – o trabalho –, gera perenemente novas necessidades, o que é demonstrável pelas objetivações superiores que formam o complexo ideológico: a ciência, a religião, o direito, a política, a ética, entre outros complexos (LUKÁCS, 2018b). Esses, por sua vez, geram a constante necessidade de uma formação que estimule o aprendizado e o aperfeiçoamento dessas objetivações.

A educação que mira uma formação humana implica a compreensão da produção da humanidade em sua totalidade e isso inclui: o domínio de trabalhos; o preparo físico; e o desenvolvimento de todas as potencialidades do ser social. O quadro formativo em tela é compreendido pela categoria formação omnilateral (SANTOS, 2017), da qual a brevidade da exposição não permite que exploremos com rigor suas particularidades<sup>74</sup>, mas, ainda assim, sua menção nos ajuda a compreender que o processo de formação humana acontece em todas as fases da vida e se dá, principalmente, no cotidiano!

Desse conseguinte, a formação escolar não é capaz de esgotar a formação humana. Circunscrita aos limites da atual sociabilidade, ela pode, no limiar, contribuir de diferentes formas para o desenvolvimento de atividades educativas emancipadoras (TONET, 2014) e, de diferentes formas, pode impedir tais atividades.

Não podemos deixar de mencionar que a escola sempre representou os interesses de uma classe dominante em determinado modo de produção. Para que a educação escolar proporcione a emancipação humana que possibilita o alcance de novos patamares do ser social, é necessário que a atual forma de produzir seja modifica, dado que a educação institucional faz parte do complexo ideológico<sup>75</sup> que tem suas finalidades guiadas, dialeticamente, pela estrutura econômica.

Lembremos brevemente que as escolas nascem em decorrência da dualidade educacional, ainda na antiguidade, quando se conferiu que a classe dominante detinha a potência do ócio, o que levou a uma formação direcionada às elites. Nessa época, a classe trabalhadora continuou reproduzindo a materialidade do modo de produção do período, sob o regime escravista (SANTOS, 2019).

A dualidade educacional escancara o momento em que a sociedade passa a ser dividida em classes, como salienta Santos (2019, p. 31):

---

<sup>74</sup>Para mais aprofundamentos sobre o assunto, recomenda-se a leitura do capítulo 3 de Santos (2017), intitulado *Formação omnilateral: elementos sobre politecnia e educação tecnológica*; e a dissertação de Lailton de Souza Santos (2019), intitulada *Trabalho, Educação e Emancipação Humana: Uma Análise da Possibilidade de uma Formação Omnilateral*, entre outras pesquisas.

<sup>75</sup>Para uma maior compreensão da categoria ideologia indicamos, novamente, a leitura de Giana (2021).

Ergue-se por sobre a sociedade classista o que se pode chamar de processo educativo, ou educação em sentido *stricto*, para usarmos a expressão lukacsiana. Ou seja, uma educação para uma demanda específica da sociedade: sistematizada, organizada sob a orientação de determinados interesses sociais.

A educação em sentido *lato*, assistemática, ligada ao cotidiano, continua a existir, mesmo que a formação voltada para uma finalidade específica – educação em sentido estrito – seja, desde então, moldada a partir do modo de produção operante.

Nesse desenvolvimento, a educação em sentido estrito passa a possuir uma face dicotômica, em que, de um lado conferiu-se um tipo de formação de caráter clássico, propedêutico, ofertado à elite e, de outro, uma formação que possuía a finalidade de dar conta do trabalho manual – profissional –, que garantiria a subsistência de ambas as classes (SANTOS, 2019). A última passa a ser oferecida para que os responsáveis pela produção material, os trabalhadores, sejam esses escravos, servos ou assalariados. Quanto à educação em sentido lato, essa sempre continuou e continua presente em nossas cotidianidades.

As escolas praticam uma formação voltada para os interesses de quem detém o poder. Mas não nos esqueçamos de salientar que o caráter dialético da realidade não permitiu que esses conhecimentos fossem ofertados de forma única e que, por vezes, a formação dos indivíduos é consolidada por suas experiências, ou pelo conhecimento da história, o que proporcionou a alguns a possibilidade de enxergar para além do que era ofertado nas instituições escolares. Pois não esqueçamos, assim como Marx, Engels, Lukács, Jimenez e a autora da presente exposição estudaram em escolas convencionais de suas épocas.

Tendo exposto alguns aspectos necessários à compreensão da formação e da educação em seus desdobramentos – *lato* e *stricto*, propedêutica e profissional –, não podemos deixar de destacar algumas notas sobre o cenário histórico da formação escolar que vai alcançar a trajetória formativa institucional de Jimenez.

Nosso recorte histórico nos impede de revisitar a história da educação, desde a época em que a congregação dos Jesuítas iniciou a implantação do primeiro sistema de educação brasileiro. Mas isso não nos coíbe de reconhecer que o marco inicial para a educação no Brasil vem de um processo colonizador e doutrinário.

Muito embora a educação jesuítica fosse nutrida por um importante fundamento que hoje se apresenta cada vez mais corroído, qual seja, a ênfase no aprendizado da linguagem, além de visar um ensino considerado clássico ou tradicional, por atribuir grande importância à transmissão da cultura humanamente produzida, a educação jesuítica era elitista e excluía

populações afro-descendentes, indígenas e os trabalhadores em geral do processo de aplicação do ensino sob o método baseado no documento *Ratio Studiorum*<sup>76</sup> (SAVIANI, 2011).

Após o gigantesco período em que as concepções pedagógicas jesuítas predominam no ideário educacional brasileiro, Marquês de Pombal implantou uma reforma – ainda acessível quase unicamente às elites – que visava adequar os ideários educativos à filosofia iluminista (MACIEL; NETO, 2006). O que sucedeu foi apenas uma mudança de perspectiva ideológica – da perspectiva religiosa para a perspectiva laica humanista, contudo, o teor tradicional do ensino mantém-se (SAVIANI, 2011).

O padrão estabelecido por Pombal domina até a chegada da família real ao Brasil (1808), que trouxe consigo uma maior institucionalização da educação laica e a organização da educação nacional nos níveis Primário, Secundário e Superior (GHIRALDELLI JR, 2015)<sup>77</sup>. Essa organização chega a atingir nossa biografada que, aos seis anos, inicia o Ensino Primário.

Desse recorte, segue a queda do império e o início do processo de consolidação da democracia liberal no Brasil. Seguindo o modelo das repúblicas já existentes, era necessário a formação, devido à necessidade de industrialização do país. Para isso, era preciso que os trabalhadores fossem minimamente letrados. Devido a esse contexto, inicia-se um período de otimismo pedagógico que vai demarcar o começo do que em 1932 culmina no Manifestos dos Pioneiros da Escola Nova.

O documento dos Pioneiros da Educação Nova foi o resultado do que Romanelli (1984) chamou de “movimento renovador”. Esse movimento aconteceu entre os intelectuais brasileiros que buscavam a formação de um sistema educacional nacional público.

É perceptível no documento lançado pelos pioneiros, a influência das concepções pedagógicas que imperavam nos EUA. A conhecida educação nova sofria influências do pragmatismo<sup>78</sup> educacional expresso pela teoria de John Dewey (1859-1952) (ROMANELLI, 1984).

Apesar da evidente necessidade de formação da classe trabalhadora, tanto para que essa população atendesse às necessidades trazidas pelo processo de industrialização do país,

---

<sup>76</sup>Código ou método a ser seguido por todos aqueles que eram submetidos à educação jesuítica no ano de 1548, perdurando como plano de ensino até a reforma pombalina em 1759 (SAVIANI, 2011).

<sup>77</sup>Os dados reais trazidos pela pesquisa de Ghiraldelli Jr (2015) mesmo que demasiadamente concisos são úteis a essa pesquisa, apesar do distanciamento teórico entre o supracitado autor e a autora da presente pesquisa.

<sup>78</sup>“O pragmatismo surge em defesa de uma filosofia da prática, privilegiando a experiência em detrimento da filosofia contemplativa, idealista e intelectualista. Desenvolveu-se principalmente nos EUA e na Grã Bretanha e se alastrou por vários países, tanto na Europa, como na Ásia e também na América, no final século XIX” (VALENTIM, 2003, p. 94).

quanto para a implantação de uma mentalidade burguesa nessa massa, havia ainda uma resistência por parte das elites dominantes em proporcionar a oferta dessa formação (ROMANELLI, 1984).

Frente a essa resistência, um grupo de 25 intelectuais publicou um manifesto que defendia a educação como um direito a ser garantido e mantido pelo poder público. Entre esses intelectuais, destacavam-se: Fernando de Azevedo (1894-1974), Anísio Teixeira (1900-1971) e Lourenço Filho (1897-1970).

Abordando as influências supracitadas, destacamos um ponto do Manifesto que acreditamos compreender as análises até aqui abordadas:

A educação nova que, certamente pragmática, se propõe ao fim de servir não aos interesses de classes, mas aos interesses do indivíduo, e que se funda sobre o princípio da vinculação da escola com o meio social, tem o seu ideal condicionado pela vida social atual, mas profundamente humano, de solidariedade, de serviço social e cooperação (AZEVEDO et al., 2010, p. 40).

O ideário escolanovista começa a disputar espaço com outras correntes no final da década de 1969, quando a educação começa a dar sinais das disputas ideológicas que cercam o complexo educacional ainda na atualidade (SAVIANI, 2019). Na época em que nossa biografada iniciava a sua trajetória dentro da educação institucionalizada, o campo das ideias pedagógicas ainda era palco de disputa entre a vertente religiosa e o escolanovismo.

Dados os apontamentos introdutórios sobre importantes aspectos históricos da educação institucional no Brasil, devemos lembrar que a formação da subjetividade do indivíduo acontece perenemente nos mais variados espaços do cotidiano, inclusive na escola, como bem destaca Jimenez S. (2023c):

[...] quando eu me tornei marxista não foi como se eu tivesse jogado todas as minhas leituras fora, muito pelo contrário, tudo o que eu já havia lido, o existencialismo, o freudo-marxismo, serviu. E até a formação em línguas no Imaculada Conceição, serviu como conhecimento para que quando eu encontrasse a ontologia, eu dissesse: é isto mesmo!

Investigaremos as transformações subjetivas ocorridas na formação humana de Susana Jimenez, buscando explorar seu período escolar e institucional, aferindo ainda como o meio em que Jimenez cresceu impactou as causalidades que envolveram os passos por ela trilhados. Investigaremos alguns aspectos dos seus encontros e desencontros que findaram no fazer docente da professora o que será investigado na seção seguinte.

### 3.1 A caçula dos Vasconcelos vai à escola!

Na casa dos Ponte de Vasconcelos, a prioridade era a formação escolar das crianças e adolescentes que lá viviam. Susana relata que ela e seus irmãos foram criados com rigidez e brandura e que essa rigidez de seu pais se expressava na exigência de que seus filhos levassem os estudos a sério (JIMENEZ S., 2023b).

A experiência de Messias levou-o a crer que a educação seria o meio para se alcançar um futuro de sucesso, longe da pobreza que se fazia presente na cotidianidade da maioria dos cearenses. Alguns acontecimentos da época, como a industrialização do país e sua relação com a necessidade de alfabetização da população e a crescente demanda popular por educação, foram causas importantes para que os Ponte de Vasconcelos priorizassem custear a escolaridade dos filhos. Como seria possível para um pequeno pecuarista formar 10 filhos nas melhores escolas de Fortaleza? Através de muito sacrifício, devemos supor.

Quando Jimenez vai à escola no ano de 1948, algumas reformas educacionais que haviam acontecido, impactaram a organização do ensino das instituições filantrópicas como a que ela cursou toda a sua escolaridade básica. Alguns apontamentos históricos nos ajudam a compreender o contexto em que Susana inicia sua trajetória formativa institucional.

Batista (2013) destaca que era a cada dia mais inviável importar trabalhadores especializados para o Brasil e isso fez com que o Estado brasileiro investisse em um processo formativo específico para o trabalho. Posteriormente, compreendemos porque o Ensino Secundário foi legalizado anteriormente ao Primário. O Ensino Secundário oferecia a preparação para o trabalho em seus anos finais, já o Primário foi – durante muitas décadas – um privilégio daqueles que podiam dispor do aprendizado para além da exploração do trabalho.

Outro fator é que em todo o país a educação torna-se a “menina dos olhos de ouro”, algo a ser cobiçado pela população e pelas famílias. Para alguns, a formação escolar era um sonho distante e para outros uma difícil tarefa, afinal como custear uma formação dentro de uma vivência permeada pela escassez de recursos?

Os pais de Susana fizeram a opção pela formação escolar dos filhos ao invés de outras comodidades materiais e isso, por si só, já proporcionou que Jimenez crescesse em um ambiente que valorizava a educação. Ela se recorda que sua mãe lia romances clássicos, como *O corgunda de Notre Dame* (1831) de Victor Hugo, *O morro dos ventos uivantes* (1847) de Emily Brontë, *a canção de Bernadette* (1943) de Franz Werfel, *Eramos Seis* de Maria José

Duprê, entre outros, mesmo que Maria Juracy tenha se dedicado apenas à vida doméstica. Seus irmãos também liam muito (JIMENEZ S., 2023b).

Suas irmãs mais velhas também foram responsáveis pelo estímulo precoce que ela recebeu para inserir-se no estudo da cultura literária. Era um hábito para as irmãs - Maria Simone, dez anos mais velha e Maria Salésia, seis anos mais velha que Susana - a leitura de obras nacionais. Inclusive foi Maria Simone a mais velha das três irmãs, quem ensinou Susana a ler. Como recorda nossa biografada, quando ela tinha cinco anos de idade, seu pai ordenou para a irmã mais velha: “Maria Simone, é época de ensinar Maria Susana a ler, pois, no próximo ano, ela vai entrar na escola” (JIMENEZ S., 2023b).

Aprende-se, então, que era um hábito na casa dos Vasconcelos os filhos entrarem na escola sabendo ler, mas não só, em sua época, a própria Leacock aprendeu a ler em casa. Quando Susana iniciou o período escolar ela estava relativamente mais adiantada em relação a alguns de seus colegas.

Antes que os filhos mais novos aprendessem a ler, os irmãos mais velhas, ou a mãe, deveriam ler para a mais nova até que ela aprendesse a ler sozinha. Antes da hora de dormir, Maria Simone lia para Maria Susana até que ela aprendesse. O livro favorito de Jimenez era *O médico da aldeia* (1919) de autoria desconhecida.

Susana aprende a ler aos 5 anos de idade e, no mesmo ano, em 1948, ela entra na escola pela primeira vez. O recorte histórico em que nossa biografada adentra os espaços escolares é permeado pela desigualdade de acesso à educação infantil<sup>79</sup>.

O ensino infantil no Brasil, é regado pelos conflitos relacionados à necessidade ou não de se estimular o aprendizado da classe trabalhadora na mais tenra idade da vida humana. Para as elites o cenário é outro. Guimarães (2017) explica que antes que o Ensino Infantil fosse legalmente reconhecido, a iniciativa privada filantrópica já havia se expandido e dominava a formação infantil.

Nesse contexto, Jimenez foi uma das crianças privilegiadas que recebeu a formação compreendida na atualidade como educação infantil. Uma evidência disso, é que essa etapa

<sup>79</sup>Devido à brevidade da exposição, não dispomos de espaço para traçar uma reflexão específica sobre a educação infantil enquanto fenômeno, o que não nos impede de esclarecer que esse tipo de ensino é compreendido na atualidade como uma modalidade que deve buscar estimular os processos educativos na infância – de 0 a 6 anos – (CAMPOS, 2011). Até a década de 1990, a faixa etária chamada de idade escolar (ROMANELLI, 1984) iniciava-se aos 7 anos de idade. Não há dados disponíveis sobre a quantidade de crianças que frequentaram a educação infantil até 1990, já que as idades de 0 a 6 anos não eram consideradas idades escolares. Todavia, aqueles que entravam na escola aos 5 anos de idade eram adicionados aos dados da população escolarizada dos 5 aos 19 anos. Para termos uma mínima noção de quão seletivo era o grupo de pessoas que poderiam gozar de uma educação na infância, apenas 8,99% das pessoas na faixa etária entre 5 a 19 anos tiveram acesso à educação na década de 1940 (ROMANELLI, 1984).

educacional foi reconhecida no Brasil apenas na década de 1980, enquanto Susana adentra esse espaço em 1948!

Nossa biografada lembra-se com muito carinho do primeiro dia de aula no colégio Imaculada Conceição, no qual ela viria a estudar dos 5 aos 18 anos de idade (JIMENEZ S., 2023b). Ela recorda o som que faziam os sapatos de verniz quando ainda estavam novos, e até o cheiro deles.

Um fato que marca a sua primeira experiência formativa institucional foi ter sido usada como exemplo para uma colega que chorava ao chegar à escola no primeiro dia de aula. Posto que tenha sido exaltada por não estar demonstrando sua fragilidade nesse momento, Jimenez relata que foi uma comparação injusta, pois ela queria muito estar chorando também, mas teve de se segurar as lágrimas já que estava sendo apontada como exemplo (JIMENEZ S., 2023b).

O Colégio da Imaculada Conceição foi fundado em 1865, sendo uma das primeiras instituições de ensino ofertadas para o público feminino no Ceará (MAGALHÃES; CUNHA, 1999).

A educação institucional no Brasil desenvolve-se dicotomicamente como o próprio fenômeno escolar em si no decorrer da história das classes sociais. Entendendo que desde a divisão da sociedade em classes – detentores dos modos de produção e trabalhadores – existe uma dicotomia<sup>80</sup> educacional que historicamente segregava o tipo de formação ofertada para a classe trabalhadora e para os filhos da elite, esse cenário não poderia ser diferente no desenvolvimento histórico da formação escolar no Brasil. Assim sendo, Susana inicia seu percurso formativo institucional adentrando o espaço preparatório reservado à elite.

O Colégio da Imaculada Conceição era uma instituição confessional, ou seja, o processo formativo oferecido era baseado nos cânones da doutrina Católica Apostólica Romana. Por ser um colégio para moças, a formação diferenciava-se do que era ensinado para os rapazes, o que indica uma imbricação dentro da educação propedêutica ofertada às elites.

De um lado, havia a educação para rapazes de cunho científico, voltado para o ensino das ciências matemáticas. Do outro lado, temos o ensino para as moças, voltado para os cuidados com os ambientes, com a finalidade de proporcionar a amorosidade necessária para as famílias e o trato caloroso que se deve ter com pessoas.

---

<sup>80</sup> Assentada sobre uma dualidade educacional – educação em sentido *lato* como aquela que se refere à educação presente no cotidiano, assistemática, que se desenvolveu em todas as épocas da humanidade; e educação em sentido *stricto*, sistemática, voltada para uma finalidade formativa específica. Essa última imbrica-se na dicotomia educacional formada pela educação propedêutica com o propósito específico de formar a elite, e a educação profissionalizante, voltada para a formação da classe trabalhadora (SANTOS, 2019).

Prá e Cegatti (2016, p. 215) afirmam o que acabamos de pôr em tela afirmando que: “as demandas das mulheres por acesso à educação e ao mercado laboral exigiram delas enfrentar o desafio de reservar algum lugar às tradicionais obrigações femininas derivadas da maternidade, das funções domésticas e das tarefas de cuidado”.

Para além desse motivo, havia a questão acerca do reforço da ideia do lugar de submissão feminina pela religiosidade católica proporcionada por instituições confessionais como a do caso analisado. As escolas confessionais possuíam contradições das quais destacamos o aspecto de serem um lugar de formação que estimulava o patriarcado<sup>81</sup> próprio do modo de produção capitalista:

Proliferam, então, os colégios para meninos e meninas das classes abastadas e torna-se cada vez mais comum que a “moça de família”, depois que aprendeu em casa as “primeiras letras”, seja enviada a um colégio interno de freiras “para ser educada”. De lá ela sairá depois de alguns anos, pronta para casar (BIASOLI-ALVES, 2000, p. 235).

Todavia, mesmo que a formação fosse atravessada pelo conflito de classes que desemboca, também, no conflito de gênero da sociedade, o Colégio da Imaculada Conceição foi uma excelente experiência de acordo com os relatos de Jimenez S. (2023b).

Susana chega ao Imaculada Conceição aos cinco anos de idade. Não chegando a ser alfabetizada na referida instituição, Jimenez recorda que os exercícios que lhe eram passados no primeiro ano do jardim de infância<sup>82</sup>, eram um tanto quanto entediantes. Enquanto a maioria das outras crianças eram submetidas ao processo de alfabetização, Susana, em geral, treinava caligrafia realizando repetições e mais repetições de palavras. Ela entrou no jardim de infância no meio do ano e ficou nesta modalidade de ensino por, no máximo, um ano (JIMENEZ S., 2023b).

A primeira professora de Jimenez se chamava Florcele. Nossa biografada recorda dessa época: “Eu me lembro que eu lia e fazia muita caligrafia. Repetia a mesma palavra assim em uma linha. Cada linha, uma palavra” (JIMENEZ S., 2023b).

<sup>81</sup>Leacock (2018) ajuda-nos a compreender a partir de uma análise de tribos de povos primitivos que a opressão de gênero se aprofunda com a inserção dos procedimentos mercantis e financeiros do capitalismo na organização da economia das sociedades indígenas norte-americanas. Daí a autora deduz que o patriarcado é fruto de uma necessidade sócio-metabólica do capital, considerando que junto com as relações mercantis que deslocam o valor de uso dos produtos para o valor de troca, condiciona as relações humanas a serem também relações mercantis. Para maiores aprofundamentos sobre a temática, recomendamos a leitura da obra citada, *Mitos da Dominação Masculina*.

<sup>82</sup>Modalidade de Ensino que se ocupou da formação pré-escolar das crianças brasileiras, sendo utilizados como sinônimo de jardim de infância os termos creche e escola maternal. O uso do termo jardim de infância e seus sinônimos vigora até às legislações de 1988, que passou a denominar formalmente a referida modalidade de Educação Infantil.

No Colégio da Imaculada Conceição, todas as alunas deveriam usar fardamento padrão, que era um uniforme composto por uma blusa branca, uma saia com pregas, meias três quartos e sapato de verniz. Susana recorda-se também, de que, no ano seguinte, ela teve que subir na cadeira para que a professora a usasse como exemplo, mostrando à turma a forma como o fardamento deveria ser usado pelas alunas (JIMENEZ S., 2023b).

O fardamento representa alguns aspectos da formação proposta para as meninas, disciplina é um desses elementos, pois que não poderia faltar nenhuma das peças que o compunham; outro elemento requerido era a demonstração de asseio e higiene, o que era demonstrado pela escolha da cor branca para as blusas do uniforme.

A saia denotava que se tratava de uma formação para mulheres, mas ainda – por ser de pregas – simbolizava o pertencimento a uma camada que vivia longe da pobreza. Nesse ínterim, detalham os autores seguintes sobre a composição do fardamento: “As saias tinham cós ajustado à cintura, e suas pregas põem em evidência os quadris, num corpo, ao mesmo tempo, escondido pela cor escura e pela relativa rigidez do tecido” (NERY; JÚNIOR, 2022, p. 62).

Susana cursa apenas um ano de jardim de infância, e atribui isso a já ter sido alfabetizada antes de entrar na escola. Seu período pré-escolar é breve, mas muito significativo, durante esse ano as freiras perceberam que a biografada em questão possuía uma inclinação para a leitura, por isso, lhe emprestavam livros que a ajudaram a desenvolver ainda mais o gosto pela literatura (JIMENEZ S., 2023b).

A caçula Ponte de Vasconcelos entra no Ensino Primário aos seis anos de idade. Essa etapa de ensino compreende os anos de formação escolar que, na atualidade, são chamados de Ensino Fundamental I, ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental. À época, a etapa formativa deveria dar conta do analfabetismo no país (ROMANELLI, 1984). Já para aqueles que tinham o privilégio de serem formados dentro do sistema filantrópico e elitista, esses poderiam dispor de uma formação de inserção na cultura humanamente produzida.

Nossa biografada recorda que sempre foi considerada a melhor da turma nas disciplinas relacionadas à linguagem, como português, gramática, posteriormente latim e francês. Por outro lado, suas pedras no sapato eram a matemática e o desenho (JIMENEZ S., 2023b). Abaixo expomos um dos poemas de Susana mais celebrados no Colégio Imaculada Conceição quando ainda cursava o primário:

### Contrastes

Ah! Contrastes!  
 Vida é  
 contrastes  
 Viver é ver  
 contrastes Amá-los,  
 sentí-los Ah!  
 Contrastes!  
 Quantos e tão marcantes! Distantes e tão unidos!  
 O pobre, o rico  
 O feio, o bonito  
 O branco, o  
 negro O forte, o  
 fraco  
 O pequeno, o grande  
 O moço, o velhinho  
 O sedento, o saciado  
 O alto, o baixo  
 O espinho, a pétala  
 O amor, o ódio  
 O verão, o inverno  
 A morte, a vida  
 O ouro, o estanho  
 O bangalô, o casebre  
 A paz, a guerra  
 O deserto, o oásis  
 A tristeza, a  
 alegria O prazer, a  
 dor  
 O que chora, o que ri  
 O que grita, o que  
 cala  
 O que acusa, o que defende  
 O viver, o morrer  
 O tudo, o nada  
 Eu e você.

Susana Jimenez, entre os anos de 1957 a 1959

Da aritmética à álgebra, Susana recorda o quanto difícil era aprender as ciências chamadas de exatas. Ela menciona que no ranqueamento que a instituição realizava dos alunos, muitas vezes ela não conseguia obter a maior soma de todas as notas devido à matemática. Mesmo que as freiras e professoras ao perceberem seu sofrimento buscassem consolá-la, ela ainda se entristecia por não possuir os pressupostos necessários para ser aprovada com mérito na disciplina (JIMENEZ S., 2023b).

Susana passou cinco anos no primário. Antes de entrar no ginásio, as alunas do Colégio da Imaculada Conceição realizavam o temido exame de admissão ao Ensino Secundário, então denominado Ginásio. Nossa biografada queria muito ser aprovada e ainda obter o primeiro lugar nesse exame, para a satisfação de seus pais – que até pagaram para ela umas aulas de reforço em matemática - e de sua madrinha, sempre atenta ao seu desempenho

<sup>83</sup>Para garantir o primeiro lugar como desejado, assim como Bentinho Santiago de *Dom Casmurro* (1899), apela para a ajuda divina e realiza uma promessa, afirmando que, se aprovada em primeiro lugar, pelo resto de sua vida, rezaria um terço em cada altar da Igreja de Cristo Rei. Apesar da aprovação, ela nunca realizou tal promessa, mas recorda-se dela como algo que a fez atribuir a esse exame grandíssima importância. (JIMENEZ S., 2023a).

escolar. Dito e feito, ela entra no Secundário, tendo alcançado a primeira colocação no ranking dos aprovados para a supracitada etapa (JIMENEZ S., 2023b).

Dessa discussão, apreende-se que, mesmo estimulando a cultura clássica humanista, por dar uma grande ênfase ao ensino de linguagens – o que se pode esperar de uma instituição confessional, considerando que a educação tradicional religiosa traz essa característica –, a instituição estimulava a competitividade e demonstra que as instituições não escapam à dialética da história e cooperam com o modo de produção capitalista, pois, na atualidade, com toda a influência que o mercado exerce na educação, é comum o estímulo à competitividade entre os alunos.

O Ensino Secundário, legalmente sistematizado no ano de 1931, entra no currículo nacional através das medidas governamentais que ficaram conhecidas como Reforma Francisco Campos. Para as elites, essa etapa que compreendia quatro anos de Ensino Fundamental e dois anos de ensino complementar, deveria ser um meio para se adquirir a cultura humanamente produzida, considerando ser ela uma continuação da introdução oferecida no Primário (ROMANELLI, 1984).

Durante sua formação no Ensino Secundário, Susana tem sua educação formal regulada pela reforma Capanema implantada em 1942. No período, o Ensino Secundário era dividido em uma etapa ginásial que possuía uma base humanista, ligado ao ensino de história e linguagens, como: francês, latim, espanhol, e os últimos três anos do período secundário seriam responsáveis pela demanda profissionalizante (ROMANELLI, 1984).

O período ginásial para a caçula dos Vasconcelos é um de seus favoritos. Nessa etapa, como demonstrado por Romanelli (1984), era necessário oferecer às elites uma vasta cultura geral, que proporcionasse o desenvolvimento de individualidades condutoras.

Jimenez relembra que amou estudar francês e latim nos primeiros anos e, em seguida, ela foi introduzida ao inglês e ao espanhol, sem esquecer a ênfase que era dada ao português em todos os anos da formação ginásial.

Durante seus anos no Colégio da Imaculada Conceição, afirma Susana que nela já florescia o gosto pela leitura. Algumas das obras lidas por Jimenez nesses anos são mencionadas por Ministério (2020): *O velho e o mar* de Ernest Hemingway (1899-1961), *As grandes amizades* de Raïssa Maritain (1883-1960), *O pequeno príncipe* e toda a obra de Antoine de Saint Exupéry (1900-1944), *Tabacaria* de Fernando Pessoa (1888-1935), *O sol é para todos* de Harper Lee (1926-2016), *O apanhador em campo de centeio* de Jerome David Salinger (1919-2010), dentre outros títulos. O que remonta a um grande contato com a

erudição literária na mais tenra juventude com clássicos da literatura espanhola, francesa, brasileira, norte americana e russa (MINISTÉRIO, 2020).

Devido à comunidade que regia o Colégio da Imaculada Conceição ser uma congregação francesa, Susana recebia muitos livros escritos em francês de algumas de suas professoras que se afeiçoaram a ela e lhe estimulavam no aprendizado da língua. Anos mais tarde, Jimenez tem a oportunidade de estudar francês e até mesmo ir até a França, lugar que ela já visitou várias vezes e realizou um curso de francês em duas ocasiões (JIMENEZ S., 2023b).

Susana ainda relembra que desde muito nova escreveu poesias. Seu talento enquanto jovem escritora era reconhecido entre seus pares e entre os docentes do Imaculada Conceição. Duas de suas poesias foram enviadas pelas freiras da Instituição a um jornal da época e forma posteriormente publicadas. A seguir, temos dois poemas escritos por Susana, o segundo deles, datado dos seus anos de maturidade, sendo publicado pela primeira vez por ocasião do presente estudo:

Hoje a noite não tem estrelas  
 Porque chove  
 E a chuva apagou as estrelas da noite  
 Hoje a noite não tem silêncio  
 Porque chove  
 E a chuva abalou o silêncio da noite  
 Hoje a noite tem cheiro de chuva  
 Mas não se pode abrir a janela  
 E o cheiro da chuva fica lá fora  
 Hoje a noite está matando a sede dos asfaltos  
 dos jardins, das calçadas, dos telhados  
 Mas vai morrer afogada.

Susana Jimenez, maio de 1961.

*Noite de Aleluia em Canoa Quebrada*

Sufoca o vão da janela  
 a opacidade do firmamento  
 Carga de pesadas nuvens  
 atropelando a lua apenas minguante  
 (Deverá chover)

Tão logo anoteceu  
 um punhado de estrelas  
 veio dar o ar de sua  
 graça Mas mesmo  
 aquelas cedo se  
 recolheram  
 sob o manto cinza-chumbo

Interditada pela vindoura  
 tempestade a paisagem

aturdida  
desdobra-se em seu avesso

Mas ao alcance do ouvido  
o silêncio das dunas  
‘inda contracena com o ronronar do oceano  
dançando - em ondas - sobre si mesmo

E no ventre da quente-úmida madrugada  
carente de luar  
deixam-se deflorar um a um  
os sete sentidos da minha solidão.

Susana Jimenez, 22/04/2000

É aparentemente uma contradição que nossa biografada se interessasse tanto pelos estudos, se seu pai era comerciante de produtos pecuários e sua mãe dona de casa. Mas essa estrutura econômica de sua família não apaga o impacto que exerceu a influência da vasta cultura de sua mãe e o apreço que seu pai nutria pela educação.

O século XX foi o período histórico em que a burguesia liberal conseguiu realizar a virada da forma colonial de acumulação, operante no Brasil, para a forma capitalista, mesmo que um capitalismo atrasado brasileiro. Para realizar tal empreitada, era essencial que a educação fosse massivamente estimulada, não só através dos meios de circulação midiática e informacional, mas também na cotidianidade das massas, processo que é estimulado ainda na atualidade, afinal, lembremos o slogan do governo federal no ano de 2014: “Brasil: pátria educadora!”.

Havíamos mencionado a forte influência provocada pelo meio familiar de Susana na sua trajetória formativa, retornemos brevemente a essa questão. Jimenez foi formada pelos irmãos não só no que concerne à dedicação aos estudos, mas também na sua formação humana. Através dos irmãos, Susana consegue acessar os espaços pertencentes à classe média na cidade de Fortaleza, como os clubes recreativos, que eram espaços reservados para o entretenimento das classes média e alta da cidade (JIMENEZ S., 2023b).

Quanto ao acesso à cultura popular, nossa entrevistada relata que sua família esteve à margem das histórias que circundavam o imaginário local. A família de Maria Juracy pertencia a uma classe que consumia, sobretudo, produções estrangeiras, como as europeias e as argentinas (JIMENEZ S., 2023b).

Jimenez relata que sua mãe passava o dia lendo, principalmente romances escritos por autores estrangeiros. Através de sua mãe, ela entrou em contato com os boleros argentinos e mexicanos, estilo musical que vai marcar a sua adolescência. Também o tango argentino se

fez presente em sua cotidianidade. Anos mais tarde, ela faria aulas de tango e dançaria o gênero musical com o marido (JIMENEZ S., 2023b).

Sua mãe foi a porta para que se tornasse presente em seu cotidiano renomados artistas da época como a atriz e cantora argentina Libertad Lamarque (1908-2000), cantores clássicos da música francesa como Édith Piaf (1925-1963), Dalida (1933-1987), Barbara (1930-1997) e Charles Aznavour (1924-2018) (JIMENEZ S., 2023b).

Susana (2023b) recorda ainda que através do irmão Armando Vasconcelos ela pôde conhecer muitas figuras da música brasileira. Sendo apresentador de programas de rádio e televisão, Armando, vez por outra, levava à casa dos Vasconcelos os artistas nacionais favoritos de Maria Juracy. Dos nomes mais ilustres que chegaram a visitar a matriarca da família, destacam-se: Emilinha Borba (1923-2005) e Ivon Curi (1928-1995).

Também na adolescência, Susana participa com a irmã Salésia – a do meio entre as três moças do casal Vasconcelos – do movimento bandeirante (JIMENEZ S., 2023b). O escotismo e o bandeirantismo foram movimentos de formação da juventude, ligados a ideais patrióticos e conservadores que ganharam força na classe média em meados do século XX.

Vindo da Inglaterra, Amancio (2017) explica a finalidade do movimento, afirmando que o Movimento Bandeirante tem como missão ajudar no desenvolvimento do potencial máximo de crianças, jovens e adolescentes, como responsáveis cidadãos do mundo, também tendo como base uma Promessa e 10 leis (Código Bandeirante).

Da sua experiência como bandeirante, Susana relembrava o quanto as atividades do movimento eram importantes para sua irmã Maria Salésia, enquanto ela se interessava mais pelos momentos de entretenimento da vivência bandeirante, do que pelos valores e pela formação que lá era ofertada. Como disse Susana: “nunca consegui fazer aqueles nós direito, mas gostava das músicas, da fogueira [...]” (JIMENEZ S., 2023b).

Passemos nossa análise para a segunda etapa do chamado Segundo Grau, a formação para o trabalho ou para a profissão. Exploraremos, aqui, de forma breve, aspectos dos últimos anos escolares de Susana Jimenez.

#### **4.2 O período de estrelato: do primeiro clássico ao terceiro normal**

Depois do período de formação ginásial, que deveria alcançar os jovens até os quatorze ou quinze anos de idade, a classe abastada é posta em uma formação específica alinhada à carreira que deveria ser seguida. Esse processo no recorte histórico analisado não

era novidade na época, tampouco é novidade na atualidade. Desde a educação desenvolvida no período imperial no Brasil era uma demanda a formação para o trabalho, esse tipo de formação é hoje categorizado pela chamada formação profissional<sup>84</sup>.

A educação profissional existe como necessidade da divisão da sociedade em classes e agudiza-se com o advento do capitalismo, como já destacado. Para a classe trabalhadora, ela possui determinadas características e a formação das elites possui outras, distintas das primeiras. Enquanto os trabalhadores são preparados para a reprodução do trabalho explorado, os futuros administradores desse processo, ocupam-se: da perpetuação de tal exploração, da justificação da exploração, do ideário que deve também auxiliar na perenização desse modo de produzir, entre outros afins que perpassam a ocupação dos detentores dos meios de produção.

Devido à carência de espaço para a compreensão suficiente da educação profissional em suas contradições e particularidades, voltemos nossa discussão para a compreensão da educação para o trabalho no período de formação complementar do Ensino Secundário, a etapa de preparação para a carreira escolhida pelo aluno que poderia realizar determinada escolha, o aluno que recebia a formação das elites!

Compreendendo a urgente necessidade de formação da classe trabalhadora, o governo de Getúlio Vargas, cujo Ministro da Educação e Saúde Pública era à época Francisco Campos, realiza uma reforma no sistema educacional nacional a fim de atender à necessidade de formação profissional. Das ações realizadas por essa reforma, interessa-nos as que viriam a impactar o cotidiano formativo de nossa biografada. Damos destaque à criação da primeira tentativa de organização legal do Ensino Universitário e do Ensino Secundário, em 1931 (ROMANELLI, 1984).

Em 1942, os anos finais ou a parte complementar do Ensino Secundário passa a ter dois tipos de cursos profissionalizantes, o clássico e o científico (ROMANELLI, 1984). O ensino normal, também era uma modalidade que vigorava na época, todavia, já existia no Brasil desde meados do século XIX. No período republicano, esse tipo de formação se difundiu com mais velocidade pelo país, chegando a 540, o número de instituições a ofertarem o curso normal em 1949 (ROMANELLI, 1984).

Romanelli (1984) constata que a expansão das escolas normalistas possui relação com a necessidade de formação para os trabalhadores atuarem nas indústrias. Para que a formação

---

<sup>84</sup>Há uma discussão em volta da correta designação de formação para o trabalho suficientemente explorada por Santos (2017).

dos trabalhadores acontecesse, era necessário profissionais que realizassem esse trabalho formativo.

Nesse conseguinte, o público feminino foi eleito para a carreira ligada ao magistério: “Tida como baluarte da moral e da família, a mulher moldava-se à perfeição para o papel de moralizadora da nação [...]” (SOUZA, 2017, p. 41).

Não obstante, a mulher adentra a cena pública em um contexto em que o próprio modo de produção sob o qual se estrutura a sociedade é antiético e não leva as suas demandas para a ordem do dia. Disso resultou uma potencialização dos efeitos negativos do patriarcado. Nesse misógino contexto, a formação das mulheres passa a ser sistematizada para que elas cumpram o papel que lhes foi reservado no contexto histórico em cena, a de serem as educadoras da nação.

A democracia liberal, longe de ter proporcionado a liberdade da mulher, tornou-a um dos principais focos de exploração do trabalho:

[...] ainda que a mulher tenha sido absorvida pelo sistema produtivo e seu trabalho também seja explorado, seu espaço de influência e pertencimento ainda está bastante adstrito aos papéis do feminino, e esses mesmos contornos fazem com que as mulheres sejam compelidas a trabalhar em duplas e triplas jornadas (LEITE, 2020, p. 18).

Não podemos esquecer que o valor do salário feminino foi e ainda é em muitos lugares inferior ao masculino; por isso, para alfabetizar todo um país, era necessário trabalhadores baratos para realizar essa tarefa. Foi ainda conveniente para os gestores do país, que esse trabalho de formação acontecesse por meio de organizações filantrópicas. Isso proporcionou a disseminação, em todo o Brasil, do curso normal em instituições confessionais, o que também ocorreu no caso analisado, já que o Colégio da Imaculada Conceição dispunha dessa modalidade de ensino.

Era comum que cada sexo – masculino e feminino – recebesse um tipo de formação profissional específica para desempenhar determinado papel ligado a essa construção de gênero. Desse modo, era comum que as mulheres fossem naturalmente ou institucionalmente levadas a cursar o normal para se tornarem professoras, e os homens fossem direcionados ao curso científico, para seguirem carreira na medicina, engenharia ou direito<sup>85</sup>. Isso é provado

---

<sup>85</sup>Não esqueçamos que estamos lidando com a formação daqueles que podiam custear a educação, ou seja, os ricos ou os de classe média que viveram nesse recorte histórico, afinal, quando Jimenez nasceu, sua família já havia ascendido socialmente, dado extraído da discussão empreendida no capítulo anterior.

pelo fato de que apenas em 1947 é aberta a primeira escola que aceitava mulheres no curso científico no Brasil (DALLABRIDA, 2012).

No caso de Susana Jimenez, nunca foi uma opção sua fazer o curso normal, mas na época, a realização de um desses cursos era uma etapa necessária para se entrar no Ensino Superior. Susana escolheu cursar o clássico, considerando que: “o curso clássico [...] tonificava a formação nas humanidades clássicas e modernas” (DALLABRIDA, 2012, p. 169), em outras palavras: era o curso que possibilitava o aprendizado de linguagens!

Na época, era de conhecimento público que o curso normal preparava os discentes para a atuação em sala de aula ou para cursar pedagogia no nível superior. O curso científico, como já apontado, era ligado a carreiras como contabilidade e engenharia, por isso, nele seria abordado principalmente a matemática, tão temida pela jovem Susana. O Colégio da Imaculada Conceição dispunha dos três cursos, e nossa biografada escolheu entrar no clássico, aos quinze anos de idade. Na época, a duração desses cursos era de três anos (JIMENEZ S., 2023b).

Susana faz o primeiro ano do curso clássico com muita alegria, ela estava entrando em contato com o que desejava, o aprendizado de diferentes línguas. Agradavam-lhe as aulas, os conteúdos, mas agradava-lhe, ainda, uma de suas professoras que também era freira, a irmã Elizabeth Silveira (JIMENEZ S., 2023b). Essa personagem ímpar vai ter uma importância decisiva na vida de Jimenez.

Jimenez recorda que todos admiravam a irmã Elizabeth por ela ser muito inteligente. A religiosa lecionava Português no curso clássico. Através dela, Jimenez leu muitos livros em francês, entre estes, os de autoria de Saint-Exupéry (1990-19440, alguns sobre o existencialismo católico, como os de Maritain (1883-1972). Nesse período leu também as obras de: Hermann Hesse (1877-1962), Albert Camus (1913-1960), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Simone de Beauvoir (1908-1986), entre outros (JIMENEZ S., 2023a).

Mas nem tudo correu como planejado e, graças a mudanças ocorridas no cenário mundial – a crescente valorização do inglês perante as outras línguas estrangeiras – havia uma discussão acalorada sobre a possibilidade de que a modalidade do curso clássico fosse banida, e as moças que cursavam tal curso não pudessem concluir a última etapa do ensino secundário. (JIMENEZ S., 2023b).

O curso clássico que havia sido assegurado pela obrigatoriedade do ensino de línguas clássicas com a Reforma Capanema é gradativamente convidado a se retirar do currículo, o

que fica explícito com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBD) de 1961, que retirou a obrigatoriedade do ensino de línguas clássicas (PINHEIRO, 2022).

O ensino de línguas clássicas passa a perder espaço no currículo à medida que a formação da própria elite não mais demanda conhecimentos eruditos. É cada dia mais necessário que os gestores do modo de produção se aliem a linguagem própria do mercado, linguagem essa expressa pelo dialeto anglo-saxão, o inglês.

Nesse difícil momento, a Irmã Elizabeth convida Susana e as colegas de sua equipe para se transferirem para o curso normal, considerando que o curso que elas estavam realizando poderia ser fechado, ou, no mínimo, perder seu caráter de um curso voltado para as letras e humanidades. A freira e professora era mestra de classe do curso normal, por isso, resolia todos os assuntos estudantis relacionados a esse curso. Seduzidas pela professora, seis moças saíram do curso clássico após concluírem o primeiro ano e entraram no segundo ano do curso normal, entre elas, Susana Vasconcelos (JIMENEZ S., 2023b)!

Não foi por nenhuma tendência da época que Susana opta pelo curso normal, mas sim por ter que concluir a etapa complementar do Ensino Secundário, a que compreendia a formação para o ensino profissional, mas era também preparatória e obrigatória para o ingresso no Ensino Superior (ROMANELLI, 1984).

Ao entrar no curso normal, Susana não se identifica com quase nenhum dos conteúdos abordados, a não ser as aulas ministradas pela irmã Elizabeth que se concentravam na área da psicologia e da psicologia da educação. O restante das disciplinas se distanciava do que se interessava Susana (JIMENEZ S., 2023b).

As escolas normais chegam no Brasil no século XIX<sup>86</sup>. Esse tipo de ensino possui a finalidade específica de formar docentes. Romanelli (1984, p. 165) apresenta os componentes ordinários do currículo da formação normalista:

<i>Disciplinas</i>	<i>Séries</i>
Português	I
Matemática	I
Física e Química	I
Anatomia e Fisiologia Humanas	I
Música e Canto Orfeônico	I II III
Desenho e Artes Aplicadas	I II III
Educação Física, Recreação e Jogos	I II III
Biologia Educacional	II
Psicologia Educacional	II III
Higiene, Educação Sanitária e Puericultura	II
III Metodologia do Ensino Primário	II III

<sup>86</sup>Sendo a primeira criada em 1830 na cidade de Niterói-RJ (ROMANELLI, 1984).

Sociologia Educacional	III
História e Filosofia da Educação	III
Prática do Ensino	III

Em vista desses dados, podemos afirmar que o curso era uma espécie de introdução às atividades ligadas ao ensino infantil. Afinal, não é à toa que até o início da primeira década dos anos 2000, bastava ter o curso normal para pleitear a docência na educação infantil ou no Ensino Fundamental I (PINHEIRO; ROMANOWSKI, 2010).

A caçula dos Vasconcelos relata que sentiu muita falta do estudo das línguas. Ademais, quando as seis alunas transferidas chegaram ao curso normal, isso gerou um desconforto na turma, considerando que as outras alunas que já pertenciam àquela classe estavam ali por escolha. Mas esse mal-estar foi acabando com o tempo, e as seis transferidas aos poucos se enturmaram e fizeram amizade com a turma nova (JIMENEZ S., 2023b).

Mesmo não se identificando com o curso normal tanto quanto se identificava com o clássico, Susana afirma ter adorado o período de normalista, afinal, a irmã Elizabeth estava junto dela e de suas amigas, e suas aulas ainda eram as melhores que ela poderia ter (JIMENEZ S., 2023b). Ainda na época do colégio, Susana se engajou em atividades voluntárias ligadas à instituição em que estudava, atividades essas relacionadas ao cuidado com idosos e pessoas carentes na Associação Luísas de Marillac<sup>87</sup>.

Susana nutriu uma linda amizade com a Irmã Elizabeth. Mesmo depois de ter deixado o Colégio da Imaculada Conceição, as duas continuaram trocando correspondências até o falecimento da religiosa (JIMENEZ S., 2023c).

Ao despedir-se do Colégio da Imaculada, no fim do terceiro ano de curso normal, Susana leva consigo o caderno de despedida com mensagens de cada uma de suas colegas. Esses pequenos textos escritos para Susana revelam que qualquer diferença entre ela e suas colegas da turma do curso normal foram resolvidas com o tempo. As mensagens demonstram o imenso carinho que suas colegas tinham para com ela, que além de ser uma ótima redatora de textos era muito querida no seu círculo de amizades.

Susana não cessou de refletir sobre a realidade recordando de sua vida, por isso, afirma que o ensino da língua portuguesa sofreu um grande boicote nas últimas décadas. Ela destaca essa problemática afirmando que ao reler o caderno de despedidas do colégio, é possível perceber que todos as cartas de despedida escritas para ela estavam gramaticalmente e estilisticamente bem redigidos e que, atuando na educação superior anos depois, ela se

<sup>87</sup>Fundada pela Irmã Elisabeth Silveira em 1944, a associação Luísas de Marillac era “inspirada no modelo francês, que reunia moças interessadas em prestar solidariedade aos idosos de Fortaleza, principalmente nas regiões periféricas” (FIALHO; SOUSA, 2021, p. 307).

deparou com alunos que por causa do déficit quanto ao domínio do português, era difícil compreender o que eles tentavam comunicar em seus textos (JIMENEZ S., 2023b).

A escassez de pesquisas que respondam à questão levantada por Jimenez, intrigou os pesquisadores aqui envolvidos. Aparentemente a preocupação de Susana não é de interesse geral. Nota-se que a própria sociedade não tem motivação em comunicar nos seus textos, já que não há preocupação com o porquê a cada dia nossa língua é mais desrespeitada por nós mesmos.

Um motivo plausível para que todas as colegas de Susana escrevessem bem, muito embora de acordo com a opinião das professoras, não tão bem quanto Susana, era o foco do ensino, na época, ser exatamente o estudo das línguas como parte essencial da introdução à cultura humana. Se desde o Primário as moças são estimuladas a aprender e ler várias línguas, e há uma ênfase ainda maior no português, logo, o resultado desse processo formativo é o pleno domínio da comunicação escrita.

Outra questão que pode ser apontada para a situação em tela, é o estamento social a que pertenceram as colegas de Susana. Como no caso de nossa biografada, algumas delas aprenderam a ler antes mesmo de entrar na escola. O ambiente em que se estimula a leitura, por vezes em línguas estrangeiras, facilita o aprendizado da língua e amplia as possibilidades para o posterior exercício da escrita.

Concordamos com Susana, há um grande desinteresse na atualidade em estimular o aprendizado da norma padrão da língua, coisa que tem sido acentuada pelas ferramentas de correção de texto, a vulgarização da língua provocada pelo mal-uso cotidiano do português, mas, acima de tudo, não interessa à classe dominante que os trabalhadores se apropriem do uso correto da linguagem. A escola pública muitas vezes deixa a desejar como um espaço que estimula o aprendizado do português e nessa lacuna deixada ao estímulo do português, ganham força teorias que reforçam o mal-uso da língua como bem lembrado por Jimenez S. (2023b).

Não dispomos de espaço nessa pesquisa para mostrar as mensagens escritas para Susana em seu caderno de despedida, mas recordamos um trecho escrito pela amiga de Jimenez chamada Conceição – para os íntimos, Connie – que demonstra o apreço que ela tinha pela pequena Vasconcelos:

Suzy querida,

Pensei em conversar alguma coisa boa com você para ser recordado, mas me lembrei que a radioatividade parece estar próxima e vai morrer muita gente. Pensei

em não conversar mais, talvez fosse inútil, pensei de novo e isso ficou sendo pensamento do passado. Penso agora em conversar com você novamente, é pensamento do presente, talvez mais importante, mais recente, mais próximo, mais lógico, afinal, isto é apenas uma etapa, uma primeira etapa, etapa dentre as muitas que teremos. Etapa do pensamento, eu penso, você pensa, e que pensamento! Logo, somos amigas. Como sempre, ótimo silogismo, aqui só estará presente o que eu pensei e penso de bom. Coisa boa, mais coisa boa mesmo, é a gente pensar, pensar e descobrir que todas nós vivemos mergulhadas no azul, ou que o cabelo não dói, porque cada um de nós possui uma estrela e o modo de andar significa muito em relação a ela. Cabeça levantada, espírito dominante, estrela presente, cabeça baixa, matéria dominante, estrela ausente. Mas coisa boa mesmo é amar e ser amado, “já sei a resposta!” Danadona! E a estrela onde estará? Presente? Ausente? Não sei, talvez esteja mesmo em um poço, afinal, o coração é um cabo profundo, pode aprisionar uma estrela quando ama. Coisa boa mesmo é amar e ser amado, mas quando uma pessoa se sente assim, mais ou menos irmã gêmea do Rui Barbosa, o que pensar? Não sei, mas quem é a autora de contrastes? Vida boa é ter contrastes, vivê-los, agi-los [...]

Conceição, Fortaleza, 1961.

Susana foi ainda oradora do momento de despedida da turma, mais uma vez mostrando ser uma das referências na redação de textos e no domínio dos requisitos necessários para representar a turma em um momento solene como a despedida (JIMENEZ S., 2023c). A ideia de estrelas figura os escritos de Susana nesse período. Tanto em suas próprias produções quanto nas mensagens recebidas de suas colegas os escritos sobre estrelas são uma constante.

**Figura 10 - Da esquerda para a direita, Zefinha e Conceição (colegas de Susana do Curso Normal), Irmã Elizabeth Silveira ao centro e Maria Susana, no Colégio da Imaculada Conceição no ano de 1961**



Fonte: Livro Memórias de família: Messias, Maria e seus filhos (2020, p. 466)

#### 4.3 A virada marxiana: virada ou encontro?

Antes de entrar na faculdade no ano de 1963, Susana passa o ano de 1962 estudando para o vestibular – forma de ingresso nas instituições federais até o ano de 2009 quando foi substituída pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) – em um curso criado pelo professor Valnir Chagas, chamado “ano vestibular”. O curso gratuito não chegou a durar um ano (JIMENEZ S., 2023b).

Nessa época, nossa estrela queria cursar letras, mas devido à mudança de curso – do clássico para o normal – ela não se sentia com os atributos necessários para tal graduação. Por lembrar-se das aulas de psicologia da educação com a Irmã Elizabeth, Susana decide cursar pedagogia, inicialmente com a intenção de aprofundar-se nas temáticas ligadas à psicologia. A universidade pública do Ceará não oferecia o curso de psicologia, e ela nem ousava pedir aos pais para fazer esse curso em outra cidade, com todos custos demandados por tal feito. Afinal não se pedia para fazer psicologia fora, se pedia para fazer medicina (como seu irmão Argos, que, mediante grandes sacrifícios empreendidos por ele e por seus pais, realizou o curso de medicina na cidade de Recife, entre os anos de 1945 a 1951 (JIMENEZ S., 2023b).

Susana entrou na primeira turma do curso de pedagogia da UFC e não tardou para que ela se interessasse por assuntos deste curso como: Antropologia, Filosofia da Educação, História da Educação, entre outras. Recorda-se de ter tido excelentes professores e, por conseguinte, uma excelente formação. Entre os professores prediletos desse período, destacam-se: Moacir de Aguiar, Lúcia Dallago, Diatahi Bezerra de Menezes, Valnir Chagas, Zélia Camurça e Lireda Facó (JIMENEZ S., 2023c).

Susana relembra seus anos de graduação de forma muito especial no livro publicado por ocasião do Jubileu de Ouro do Curso de Pedagogia da UFC em 2013. Nesse fascículo ela escreve:

Ainda, em larga medida, incontaminados pelos modismos produtivistas, avessos ao conhecimento-historicamente-produzido, que, posteriormente, viriam a invadir, em dimensões globais, o espaço da formação docente, aqueles professores prezavam o conhecimento científico e tentaram contribuir para que nos apropriássemos do saber mais elevado disposto no campo da Antropologia, da História, da Filosofia, da Psicologia, da Sociologia, ao lado das Ciências mais próprias da Administração Educacional e do manejo da sala de aula (JIMENEZ S., 2014, p. 134).

Susana não esquece, ainda, dos companheiros que a acompanharam durante a jornada do curso que não gozam mais de tempo histórico, mas que foram distintos e deixaram sua marca em suas vivências, como: Madu – Maria do Carmo Borges – e Iracira, militante da Juventude Universitária Católica (JUC) e da ação popular (JIMENEZ S., 2014).

Ao concluir essa etapa, Susana torna-se professora da UFC. O ano era 1967, Jimenez torna-se professora através da indicação<sup>88</sup> de Valnir Chagas, a mesma pessoa que consegue para ela a bolsa de estudos com destino a um mestrado em Educação pelo convênio entre o Ministério da Educação Brasileira (MEC) e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID)<sup>89</sup>.

O Convênio MEC-USAID foi criado durante a ditadura civil-empresarial-militar, com a finalidade de proporcionar a racionalização do segmento educacional, para adequá-lo ao projeto político econômico que se implantou no ano de 1964 (ARAPIRACA, 1979).

Entre as ações do acordo estavam a reforma do ensino universitário, que para ser plenamente concretizada necessitava de professores alinhados à ideologia imperialista que predominava nas entrelinhas da referida parceria. Para tanto, foram enviados muitos professores brasileiros para estudarem nos EUA, o que deveria ser recompensado de alguma forma pelo investimento realizado no Brasil durante os anos de repressão<sup>90</sup>.

Romanelli (1984) menciona os referidos acordos que normatizaram o intercâmbio dos chamados técnicos da educação para treinamento no exterior, sendo-nos oportuno citá-los:

31 de março de 1965 – Acordo MEC-CONTAP<sup>91</sup>-USAID para melhoria do ensino médio. Envolvia a assessoria técnica americana para o planejamento do ensino, e o treinamento de técnicos brasileiros nos Estados Unidos. [...] 24 de junho de 1966 – Acordo MEC-CONTAP-USAID, de Assessoria para a Expansão e Aperfeiçoamento do Quadro de Professores de Ensino Médio no Brasil. Envolvia assessoria americana, treinamento de técnicos brasileiros nos Estados Unidos e proposta de reformulação das Faculdades de Filosofia do Brasil. [...] 30 de setembro de 1966 –

---

<sup>88</sup>Não só Susana, mas todos aqueles que ingressaram no corpo docente das instituições federais nesse período assim o fizeram através da indicação. Na época, o Brasil vivia a ditadura militar-civil-empresarial, por isso, não existia outra forma de ingressar na docência universitária federal, a não ser por indicação. Anos depois disso, Susana faz o concurso para a UFC e é aprovada antes de realizar o doutorado.

<sup>89</sup>Como lembra Susana, ela e seus colegas costumavam dizer: “Na ditadura, ou você saía do Brasil exilado, ou ia estudar fora e voltava alienado” (JIMENEZ S., 2023c).

<sup>90</sup>Dado às contradições da indústria brasileira, o Brasil encontrava-se sem um meio de soerguimento econômico. Nesse sentido, os militares apelam para uma solução simplista, recorrendo à ajuda estrangeira. Nossa país recebe um altíssimo financiamento dos EUA e inicia sua dívida externa com o país norte americano em questão. Essas ações ficaram conhecidas como “milagre econômico” ou “milagre brasileiro” (MAESTRI, 2019). Vale destacar que, não só o Brasil, mas inúmeros países que também experienciaram ditaduras no mesmo recorte histórico, foram financiados, como o Paraguai, o Uruguai, a Argentina, o Chile, dentre outros (MORAIS, 2022).

<sup>91</sup>Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso, criado em 1965 pelo decreto de número 56.979. Disponível em:

<<https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/70929-cria-o-conselho-de-cooperacao-tecnica-da-alianca-para-o-progresso-e-da-outras-providencias.html>>. Acesso em: 05 fev. 2024.

Acordo MEC-INEP<sup>92</sup>-CONTAP-USAID, sob a forma de termo aditivo dos acordos para aperfeiçoamento do Ensino Primário. Nesse acordo, aparece pela primeira vez, entre seus objetivos, o de “elaborar planos específicos para melhoramento da educação primária com a secundária e a superior”. Envolve igualmente, assessoria americana e treinamento dos brasileiros (ROMANELLI, 1984, p. 213).

Susana relata que quanto à formação recebida durante o mestrado cursado na San Diego State University, predominava o behaviorismo<sup>93</sup>. Quase nada foi aproveitado dessa etapa, a não ser a possibilidade de ter conhecido vários lugares e pessoas, principalmente, indivíduos latinos e africanos, pois que a formação através do convênio com a USAID era focada na imersão de técnicos vindos de economias periféricas, para que a educação dessas economias se consolidasse aos cânones do imperialismo.

Essa formação visava uma completa imersão da pessoa no ideário americano. Isso possibilitou Susana conhecer diversos lugares de Norte a Sul nos EUA, como a própria relata:

[...] a USAID mandava a gente para vários lugares, era alta doutrinação. Eles nos mandavam para diferentes locais dos Estados Unidos, para eventos. Eu fui para muitos, entre eles me recordo de um *sensitivity training* – treinamento de sensibilidade –. Nesse treinamento, éramos reunidos reuniam-se em grupos, você contava seus problemas, as pessoas te abraçavam e tiveram atividades de grupo. Fui para Michigan, para o Colorado, para o Norte da Califórnia, tudo por conta da USAID” (JIMENEZ S., 2023c, tradução nossa).

Ao lembrar-se de sua trajetória, Susana percebe que foi através dos estudos realizados em solo americano que seu olhar se aguçou quanto às teorias que se comunicavam ou não com a realidade existente. A virada marxiana ainda não havia acontecido, mas a ingenuidade de quando ela era jovem, já não a acompanhava mais (JIMENEZ S., 2023b).

Quando moça, Susana costumava lembrar-se de um filme-documentário italiano chamado *Mondo Cane*<sup>94</sup> (1962), e dizia a si mesma que o mundo era cão e isso se naturalizou nessa afirmativa. Mesmo que ela encontrasse boas explicações para seus questionamentos, como ela encontrou em Sartre durante o período no Colégio Imaculada Conceição, ou em Wilhelm Reich que leu por conta própria quando cursava o mestrado, foi apenas quando ela se

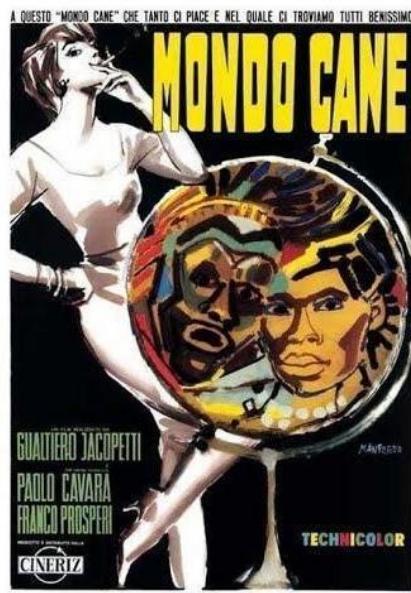
<sup>92</sup> Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

<sup>93</sup> Behaviorismo ou Teoria S-R – S-R *Stimuli-Respond* –, é uma corrente e abordagem terapêutica e psicoterapêutica fundada por John Broadus Watson (1878-1958). Essa corrente, apesar das diferenças dentro de escolas especializadas no interior da própria abordagem, busca estudar o comportamento humano a fim de solucionar o adoecimento psíquico e corpóreo-funcional. O próprio termo *behavior* significa comportamento na língua inglesa, o que torna possível que a corrente seja denominada também comportamentalismo, sendo reconhecida ainda como: teoria comportamental, análise experimental do comportamento e análise do comportamento (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

<sup>94</sup>“Mundo Cão”. Documentário italiano produzido por Gualtiero Jacopetti e Franco Prosperi (LAGO, 2016).

encontrou com Marx que os seus olhos se abriram para a realidade tal qual ela é (JIMENEZ S., 2023b).

**Figura 11 - Cartaz do filme *Mondo Cane* (1962)**



Fonte: <<https://images.app.goo.gl/8ut7D4fMQN7eQBu66>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

A década de 1970 é definitivamente o período de virada marxista de nossa biografada. Não podemos cravar uma data específica para esse monumental acontecimento. O marxismo para Jimenez não foi um choque, uma descoberta, já que a realidade já era enxergada pelos aguçados olhos da caçula revolucionária. Sua virada marxiana deu-se como um encontro com Marx, ao passo que ela conhecia a exposição marxiana mais sua formação e descoberta da realidade se aguçavam (JIMENEZ S., 2023b).

Motivada a encontrar aporte teórico que se comunicasse com as experiências a seu redor, como a ditadura militar-civil-empresarial no Brasil, as ditaduras no Cone Sul<sup>95</sup>, a Revolução dos Cravos, a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã, Susana acabou encontrando os nexos que ela procurava nos escritos do cientista de Trier.

<sup>95</sup>Cone Sul é uma denominação geográfica que compreende a península austral da América do Sul. Não coincidentemente, as nações que compõem a região (Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile) são periféricas em relação ao grande monopólio das grandes economias e vivenciam experiências de ditadura militar-civil-empresarial concomitantemente durante as décadas de 1960 e 1970 (MENDONCA, 2021).

Ao retornar ao Brasil, depois do processo em que ela foi submetida através da USAID, não obstante reunisse tudo para ser uma professora ordinária que defendesse as ideias imperialistas e behavioristas, ela torna-se, ainda mais em solo brasileiro, uma defensora de uma pedagogia que contribua para a emancipação humana, uma pedagogia que esteja a favor da revolução!

Durante a década de 1970, Jimenez percebe que o mundo não era simplesmente cão por sua própria essência, mas que existiam motivos e esforços para que as desigualdades existentes ocorressem e se perpetuassem. O marxismo mostrou-lhe que, ao deparar-se com a realidade, é necessário realizar uma escolha, lutar contra a opressão que o ser humano causa a si mesmo, ou virar as costas para o motor que gera a indiferença da humanidade entre si, submergindo-se em uma visão articulada a teorias fragmentadas que podem acenar com a proposta de felicidade, mas nunca desvelando a totalidade e a realidade da vida cotidiana (JIMENEZ S., 2023b).

Pertencer à esquerda sempre fez parte do seu cotidiano, antes mesmo de se encontrar com Marx. Susana partilha que quando ainda estava na graduação, por volta dos seus 19 anos, recebeu uma carta da Irmã Elizabeth que, preocupada, a aconselhava quanto às suas opiniões, para que não sofresse com a repressão do período de ditadura (JIMENEZ S., 2023b).

Isso nos indica que quem convivia e conhecia as aspirações de Susana, sabia que ela flertava com as ideias que na época eram consideradas “comunistas”, mesmo que a jovem Ponte de Vasconcelos apenas se interessasse por questões relacionadas à justiça social, no período em que recebeu a referida carta.

É interessante notarmos que toda a trajetória formativa de Susana deveria levá-la para o extremo oposto, mas a caçula dos Ponte de Vasconcelos tornou-se revolucionária e optou pela defesa do comunismo e do socialismo ainda na juventude entre os 27 e 30 anos (JIMENEZ S., 2023b).

Já o primeiro encontro de Susana com Lukács, aconteceu através do Professor Nicolino Trompieri Filho<sup>96</sup> e, posteriormente, junto com o professor Ozir Tesser<sup>97</sup>. Com o primeiro, ela explora o jovem Lukács através de algumas reflexões sobre a obra *História e*

---

<sup>96</sup>Vindo a falecer no ano de 2021, Nicolino Trompieri foi docente da FACED/UFC.

<sup>97</sup>Apesar do relativo distanciamento teórico-prático entre Susana e o referido professor, ela afirma sobre ele com muito respeito: “Aprendi muito com o Ozir, ele é um dos maiores intelectuais que já passaram pela FACED/UFC, se não, o maior”.

*Consciência de Classe* (1923)<sup>98</sup> e, ao lado de Ozir Tesser, são realizados estudos sobre a obra madura do filósofo magiar (JIMENEZ S., 2023b).

Concomitante a isso, Susana lê Marx com mais afinco, mas também Lênin, Gramsci, e continua seus estudos sobre Lukács. Tais obras eram lidas individualmente e através dos grupos de estudos coordenados pelo Professor Ozir Tesser (JIMENEZ S., 2023b).

Na época, Susana menciona que *História e Consciência de Classe*<sup>99</sup> era uma obra clássica do marxismo e eles a estudavam apenas por essa consequência. Ela ainda não havia se aproximado ou mesmo aproximado sua produção científica do filósofo de Budapeste.

Depois do mestrado, Susana vivencia uma fase caracterizada por idas e vindas entre o Brasil e os Estados Unidos da América, em seguida ela resolve cursar doutorado, através do apoio do CNPq. No ano de 1978 Susana inicia o doutorado em educação pela Alliant International em San Diego na Califórnia.

A mesma experiência do mestrado acabou por se repetir, com a exceção de que a formação era ainda mais precária. Os cursos desse polo eram majoritariamente voltados para estudantes do Irã, que acabaram por evadir-se da Universidade por ocasião da Revolução Iraniana<sup>100</sup>, quando o país chamou de volta, os estudantes espalhados pelas instituições universitárias dos Estados Unidos, sob os auspícios do Xá Reza Pahlevi.

Vale ressaltar que Susana foi um caso emblemático, pois, colegas seus têm histórias de vida consideravelmente parecidas com a sua<sup>101</sup>, mas ao contrário de Susana, não realizaram a virada, como ela mesma destaca: “[...] fui mandada novinha, com 25 anos, para realmente fazerem a minha cabeça. Por volta daqueles anos entre o final de 1960 e início de 1970,

<sup>98</sup>Esta renomada obra de Lukács denota uma fase em que o marxista de Budapeste ainda não havia entrado em contato com os livros que tratavam sobre o problema do conhecimento como os *Manuscritos econômico-filosóficos* (1927) e *A ideologia alemã* (1932), consequentemente, alguns autores mencionam que *História e Consciência de Classes* possui uma essência de inspiração mais hegeliana que marxiana (ZIZEK, 2003).

<sup>99</sup>História e Consciência de Classe fez 100 anos no ano de 2023. Ana Paula Monteiro de Carvalho (2023) escreve uma obra que recoloca o debate iniciado por ele em uma análise da sua importância para os dias atuais entre outras questões relativas ao manuscrito intitulado: 100 anos de História e Consciência de Classe: a atualidade da crítica marxiano-lukacsiana ao processo de reificação capitalista.

<sup>100</sup>A Revolução Iraniana foi uma mudança definitiva de regime político ocorrida no país persa no ano de 1979. Os conflitos que culminaram na revolução se estenderam durante a década de 1970 e tiveram seu clímax no fim da referida década. Irã vivia uma instabilidade política efervescente desde a década de 1950, quando o globo se organizava perante o bipolarismo da tensão entre a URSS e os EUA. Todavia, a disputa por uma aliança com o irã perpassa os interesses em volta das imensas reservas de petróleo do país, descobertas na década de 1920, que se encontram até hoje entre as maiores reservas de petróleo do mundo. No ano da revolução, o regime absoluto dos xás é destituído e o país é transformado em uma ditadura teocrática em que líderes religiosos organizam até a atualidade a economia e a política do país persa. Os apoiadores do Xá Mohammad Reza Pahlevi (1919-1980), e

ele próprio, migram para os Estados Unidos (COGGIOLA, 2008).

<sup>101</sup>A formação em escolas confessionais era uma constante na época, assim como a formação através do curso normal, entre outras semelhanças entre Susana e alguns de seus colegas.

alguns dos meus professores foram agraciados com bolsas de estudo para realizar curso de mestrado nos Estados Unidos, mas, da minha antiga turma de pedagogia, eu fui a única que recebeu tal benefício. Nos anos seguintes, vários outros colegas ou professores também realizaram mestrado e/ou doutorado naquele país, sob as mesmas circunstâncias. Na verdade, eu fui, mas eu dei a virada, então, eu não soube de nenhum caso como o meu”, (mas admite que o mesmo possa ter ocorrido com outros professores dos quais ela não teve conhecimento) (JIMENEZ S., 2023b). E ainda salienta: “[...] A humanidade não é igual ao capital, por mais que o campo de alternativas seja muito fechado, sempre há a possibilidade de alternativas” (JIMENEZ S., 2023b).

Durante o doutorado, Susana torna-se mãe, experiência que, em suas palavras, foi a mais importante de sua vida. Ser mãe para Susana significava muitos mais do que pode ser escrito em palavras: foi algo único. Com sua filha Paula Jimenez, ela constrói uma linda amizade mantida até a atualidade, como afirma Susana: “ligamos uma para a outra todos os dias para falar nem que seja um pouquinho” (JIMENEZ S., 2023a).

Em entrevista concedida a esta pesquisadora, Paula destaca sobre Susana:

Ela se distingue em muitos aspectos, um deles é ter essa percepção de ver a coisa como ela é e agir em cima da coisa como ela é [...]. Eu sempre tive o apoio dela para o que eu estivesse querendo ou buscando, nunca senti uma rejeição. É difícil dizer no que ela não me influenciou, porque em tudo e em qualquer oportunidade de pensar sobre a realidade do mundo, eu tinha esse amparo crítico (JIMENEZ P., 2023).

Retomando a questão da formação institucional de Susana. Mesmo tendo realizado um estudo acadêmico de raiz extremamente racionalizada com foco na educação de base behaviorista, Jimenez consegue entrar em contato com o marxismo nos Estados Unidos através de alguns livros de psicanálise escritos por Wilhelm Reich (1897-1957) e Erich Fromm (1900-1980), como *Humanismo socialista* (1965) conseguidos em ambientes acadêmicos fora dos muros da universidade (JIMENEZ S., 2023a).

Longe de tornar-se uma seguidora do freudo-marxismo<sup>102</sup> Susana Jimenez vai em busca de Marx e de autores de alguma forma ligados a ele, movida pela própria vontade de melhor conhecer o pensamento marxista, mas também preocupada com a situação de alguns amigos que presenciaram os horrores da ditadura brasileira, que ocorria paralelamente no Brasil durante sua estada nos EUA (JIMENEZ S., 2023b).

---

<sup>102</sup> Corrente intelectual criada durante o século XX que buscava relacionar a psicanálise e o marxismo, notadamente defendida pelos dois autores citados (Reich e Fromm), que se tornarão também referência no estudo da psicanálise na perspectiva da luta de classes (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Essa maturidade intelectual proporcionou a ela a necessidade de ler, formar-se e especializar-se cada vez mais dentro das premissas que a conduzissem a uma pesquisa de matriz marxiana. Esse é um dos principais motivos pelos quais Susana opta por realizar o estágio pós-doutoral no Brasil, e aproximar-se da UNICAMP que já era referência nacional nos estudos ligados ao comunista de Trier (JIMENEZ S., 2023b).

No ano de 1991, Susana vai para Campinas realizar seu estágio pós-doutoral na UNICAMP sob a supervisão do Professor Dermeval Saviani. No que toca particularmente aos estudos em Lukács, Susana decidiu, com a aquiescência do Professor Saviani, realizar parte de seu estágio no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas daquela Instituição (JIMENEZ S., 202b).

Nesse Instituto, o Professor Ricardo Antunes estava trabalhando com Lukács<sup>103</sup>. Após conversar com ele, e expor seu interesse no esteta magiar, Susana recebe indicações sobre o que ler de início, incluindo o artigo *As bases ontológicas do pensamento e da atividade humana*, publicado no volume IV da Revista Temas; e a obra *Conversaciones con Lukács*.

Susana inicia seus estudos mais sistemáticos em Lukács e a biblioteca da UNICAMP foi capaz de proporcionar a ela o que nenhum outro repositório pôde alcançar em sua vida (JIMENEZ S., 2023b). Mesmo tendo conseguido aproximar-se da reflexão lukacsiana, Susana ainda não havia desenvolvido estudos mais avançados sobre a ontologia de Lukács, apenas havia lido alguns textos, em inglês, que viriam a compor a pequena ontologia. Para não ficar de fora, destaca-se que uma parte importante da formação de Susana deu-se dentro da reflexão gramsciana, em que Saviani pôde contribuir de forma significativa.

A subseção a seguir, servirá para nos esclarecer que a análise onto-materialista da realidade é um projeto formativo, sendo assim, a atuação e a formação da pessoa que a executa pode se dar de forma imbricada. Esse foi o caso de Susana. Sua formação de base marxiano-lukacsiana se consolidou em seus anos de atuação junto ao IMO. Mas antes de tocarmos nesse ponto, devemos continuar a investigação sobre a formação marxiano-lukacsiana da própria Susana.

---

<sup>103</sup>Na época, Antunes não era especialista em Lukács, mas tinha interesse em autores que abordassem o trabalho, por isso, desenvolvia estudos que tinham, também, Lukács como base. Pouco tempo depois disso, em 1995, Antunes lança a célebre obra *Adeus ao Trabalho?*

#### 4.3.1 A virada lukacsiana: um momento de formação e atuação

Já havíamos exposto que o primeiro contato de Susana com Lukács havia se dado, em primeira instância, com Nicolino Trompieri – antes do pós-doutorado – e depois, junto ao Professor Ozir Tesser. Quando já havia retornado ao Ceará, após o pós-doutorado, capítulos da ontologia do ser social de Lukács foram estudados por Susana no seio da Linha Trabalho e Educação do PPGE-UFC, coordenada pelo Professor Ozir Tesser. Nesse contexto, sob a direção de Tesser, parte desse material foi estudado ainda em sua versão italiana, até que essa obra começasse a ser traduzida para o português. Para esses primeiros esforços de tradução, colaboraram Ivo Tonet e Marteana Ferreira de Lima.

Para Susana, a ida à UNICAMP tinha a finalidade de aproxima-la da leitura marxiana na perspectiva educacional, mas sua virada lukacsiana não se deu de forma tão linear. Na UNICAMP, por sugestão de Antunes, Susana participa de um seminário, cujo palestrante foi José Chasin<sup>104</sup>. Susana relata que ouvir um grande estudioso da ontologia lukacsiana foi muito importante para que ela compreendesse aspectos gerais da obra do filósofo de Budapeste (JIMENEZ S., 2023b).

Em 1994, Susana inicia suas atividades como membro e posteriormente diretora do IMO. Nesse período, já atuando, ela organizou eventos que tinham como finalidade a formação estudantil e sindical de trabalhadores e estudantes, e isso acabou ajudando também na sua própria formação.

Quando já havia retornado de Campinas, o grupo de Ozir continuava estudando Lukács. Em dado ano – entre 1995 e 1996 – Ozir e Susana organizam-se junto a outros colegas para participarem de um evento em Maceió, coordenado por Sérgio Lessa, o qual contaria com três grandes estudiosos internacionais em Lukács: István Mészáros, Nicolas Tertulian e Guido Oldrini. Na ocasião, o Ozir e Susana convidaram os três estudiosos para virem a Fortaleza. Com o apoio de Ozir, eles conseguem trazer esses intelectuais à UFC e isso teve grande importância para a formação de Susana, de seus orientandos e alunos.

Depois disso, Lessa também passa a vir sistematicamente à Fortaleza para desenvolver seminários sobre a ontologia do ser social, inicialmente na UFC e, mais adiante, também na UECE. Além de estreitar os laços entre o grupo de Fortaleza e esse intelectual, a contribuição de Lessa foi primordial para a formação de todos os que puderam participar desses eventos, incluindo nossa biografada.

Em um momento seguinte, sem abandonar os estudos lukacsianos, Susana e seu grupo começam a debruçar-se com mais afinco em outro autor fundamental para a compreensão do

---

<sup>104</sup>Professor, filósofo e militante brasileiro (1937-1998).

metabolismo do capital aos moldes marxianos, István Mészáros. Quando Susana trabalha com os seus alunos os livros de Mészáros ela já havia lido alguns desses textos desse autor em inglês, incluindo *Beyond Capital*. Mészáros veio sucessivas vezes à Fortaleza, inclusive a convite do IMO. Daí, outros intelectuais que contribuíram igualmente para a formação do grupo, foram convidados, como Ivo Tonet.

Dados os delineamentos básicos para a compreensão da trajetória formativa de Susana Jimenez, no próximo capítulo investigaremos a história da contribuição de Susana à educação revolucionária e demonstraremos as particularidades do seu fazer para que carregue o apelido que a ela temos nos referido: “caçula revolucionária”<sup>105</sup>.

## 5 A CONTRIBUIÇÃO DE SUSANA JIMENEZ À EDUCAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

A notícia se espalhou: teremos aula presencial da profa. Susana no dia 23 de março na UECE? Teremos a oportunidade de vê-la pessoalmente? De repente, um burburinho e animação se formou nos grupos de waltassapps. Que horas? Onde? A aula é aberta para todos? Tem pré-inscrição? Podemos comparecer? Esta era a pergunta de ex-orientandos, nossos orientandos atuais, bolsistas de iniciação científica, professores efetivos e aposentados. Sim. Todos são bem-vindos. Poderemos rever e/ou conhecer a Profa. Susana Jimenez. (Mendes Segundo, 2023).

A atuação revolucionária de nossa biografada acontece no recorte entre os anos de 1967 até a atualidade, mas, dentro da academia, até o ano de 2018. São, ao total, 51 anos de atuação dentro da educação superior cearense, muito mais da metade da soma atual dos seus anos de vida – 80 anos –.

Sua atuação atravessa o século XX, a virada do milênio e os anos iniciais do século XXI, momento em que assistimos o desenrolar de um período contra-revolucionário e de ascensão do conservadorismo de direita (MAESTRI, 2019). Dentro desse recorte, observamos, com certo pessimismo, o desenvolver dessa época em que ser um revolucionário é sinônimo de desconforto.

---

<sup>105</sup>Apelido que figura no título do capítulo sobre sua história no livro *Memórias de Família: Messias, Maria e seus filhos*.

O século XXI, por sua vez, aprofunda tudo aquilo que já era crítico dentro do século XX. Não houve cessar de guerras nem uma independência das nações como era de se esperar dentro de uma perspectiva dita “progressista”.

A história nos mostra que a virada do milênio tornou mais claro o que já previam os cientistas do século XX: o mundo e a atual forma de sociabilidade caminham para a autodestruição (MÉSZÁROS, 2011). A diferença que marca a particularidade do século XXI é, sem dúvida, aquilo que já foi muito bem assentado pelo século XX: o discurso é algo fundamental para a manipulação da realidade e isso será um dos mais favoráveis meios para a manutenção da ordem social vigente.

É no contexto da virada do milênio – período entre a década de 1990 e início dos anos 2000 – que Susana consolida um grupo que a acompanha até a atualidade e é testemunha da sua incomensurável contribuição à educação revolucionária. É nesse recorte, também, que a caçula revolucionária insere, no estudo especializado, a educação na perspectiva da ontologia do ser social exposta por Lukács e seus sucessores.

Não pretendemos aqui esgotar a reflexão sobre a história da contribuição de Susana à formação e à ciência a serviço da classe trabalhadora. Muito pelo contrário, em um período de dois anos de pesquisa, descobrimos que ainda há muito a investigar dentro da história de Susana e de suas ações para a formação marxiana no Ceará.

Atingimos aqui o ponto que mais interessa à nossa hipotética: teria Susana sido a pioneira no estudo, formação e pesquisa em uma leitura ontológica da educação no Ceará? Para responder a essa questão buscamos fontes que experienciaram o momento histórico a que nos referimos e que são testemunhas do que foi a formação proporcionada por Susana.

Analisaremos fatos ocorridos entre as décadas de 1970 e o período atual. Devemos não nos esquecer que esse recorte histórico é intrinsecamente perpassado pelo início e desenvolvimento da crise estrutural do capital, desencadeada pela crise do petróleo iniciada em 1970<sup>106</sup>, cujo características foram citadas anteriormente nessa exposição.

---

<sup>106</sup>Em 1945, é lançado um relatório do Departamento de Estado Americano afirmando ser de suma importância o controle da produção petrolífera no Oriente Médio. Desde então, os EUA realizam esforços para que esse controle possa ser permanente (LEMOS, PACHECO, 2017). Ao contrário do planejado pelo país norte americano, os principais países exportadores da matéria-prima petrolífera – sendo a maioria destes localizados no Oriente Médio e a minoria na África Sub-Saariana, e também a Venezuela – aumentarem o preço dos barris exportados, uma das mais notáveis formas de resistência dessas nações ao imperialismo americano. Desde a década de 1970, mais expressivamente no ano de 1973, essa tensão entre as potências interessadas na matéria-prima do petróleo e as nações que detêm a terra de onde o petróleo é extraído entram constantemente em embates que culminam em conflitos armados, como a chamada Revolução Iraniana já parcialmente explorada por este estudo.

Na década de 1970, Susana iniciou uma atuação esclarecida sobre as questões relacionadas à realidade em sua construção histórica. Mesmo que na década de 1960 ela atuasse de forma não convencional, no final da década de 1970, de acordo com suas palavras: “eu já estava falando o que tinha de ser falado” (JIMENEZ S., 2023c). Ou seja, desse período até a atualidade, seu discurso não mais tornou a proclamar que a formação pudesse atingir a emancipação humana dentro de um modo de produção antiético e anti-humano.

Os anos da década de 1980 também foram marcantes para os viventes em nossa existência histórica. A queda da ordem bipolar e dos Estados Soviéticos denota o fim da era de capitalismo de Estado vivido na Rússia e no Leste Europeu. Nesse período, deu-se a consolidação da onda imperialista estadunidense, que viria a inundar a cotidianidade das massas e monopolizar as subjetividades dos novos nascentes do Brasil e de muitos outros países pobres (HOBSBAWM, 1995). Quanto à ciência da educação, acontece na década de 1980, a ascensão de teorias educacionais que pensaram a formação sob a dialética marxiana<sup>107</sup>.

Os anos de 1980 são também conhecidos como a época de transição entre o período da ditadura civil-militar-empresarial e a restauração da democracia liberal atrasada brasileira. Na época existiu uma grande valorização do formalismo jurídico<sup>108</sup> e acentuam-se de forma mais fervorosa – o se estende até a década de 1990 – os debates sobre as orientações nacionais para a educação<sup>109</sup>.

Os anos de 1990, por sua vez, tornaram públicos os planos das grandes potências econômicas mundiais para a educação. Durante esse período, e até os dias atuais, novas exigências são impostas pelos organismos internacionais – como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), entre outros (RABELO; MENDES SEGUNDO; JIMENEZ, 2009)

---

<sup>107</sup>A primeira tentativa de encaminhar dialeticamente os objetivos e meios da educação data de uma pesquisa finalizada em 1971, através de uma tese de doutorado orientada por Dermeval Saviani, defendida por Carlos Alberto Jamil Cury, denominada *Educação e contradição: elementos para uma teoria crítica do fenômeno educativo* (informação verbal fornecida por Susana Jimenez no 15º Encontro do Espaço Marx, em 30 de setembro de 2023).

<sup>108</sup>Impulsionado pela própria forma de operar da democracia liberal que se apoia no direito positivo como força coercitiva.

<sup>109</sup>Foi no final da década de 1980 (1989) que ocorreu outro evento igualmente importante para a formação da legislação nacional sobre a educação, o Consenso de Washington. Esse Consenso foi uma reunião entre os principais organismos financeiros internacionais (Banco Mundial, Fundo Monetários Internacionais – FMI –, Organização Mundial do Comércio – OMC –, entre outras) para definir condutas econômicas a serem adotadas pelos países da América Latina. Uma dessas condutas é a interferência do mercado na educação e a transformação desta em uma moeda de espólio (SILVA, 2005).

–, para as políticas educacionais das economias periféricas, a fim de garantir a exploração dessas potências pelo grande capital.

Dentre os marcos para a educação a serviço do mercado destacou-se o lançamento do Plano Educação Para Todos (1990), entre outros eventos, que significaram o início da tendência de imposições de políticas e programas às legislações educacionais das economias periféricas (JIMENEZ; MENDES SEGUNDO, 2007).

O início do milênio marca, ainda, a emergência das novas formas de sociabilidade e, posteriormente, o acometimento de uma pandemia que escancarou de forma mais abrupta as desigualdades experienciadas pelos viventes desse recorte histórico. Enquanto grandes empresas engolem a si mesmas, o metabolismo do capital caminha para a autodestruição e destruição da humanidade (MÉSZÁROS, 2011). O que era absurdo tem se tornado cada vez mais cotidiano, e todos aqueles que se rebelam contra essa ordem são tidos como loucos, retrógrados e pessoas não parcimoniosas.

Aqueles que puderam observar a decadência ideológica burguesa (Lukács, 2018a) e o retrocesso dos avanços conseguidos dentro da democracia liberal, concordam que as reformas implantadas serviram para afastar as esquerdas da proposta revolucionária, sem muito dar em troca, considerando que, à medida em que a crise estrutural do capital se aprofunda, o conflito de classes torna-se cada vez mais nítido, tal qual, as disputas que põem em jogo a sobrevivência da classe trabalhadora de um lado, e o poderio da riqueza econômica do outro. Essas disputas tornam-se clarividentes quando trazemos à tona a discussão sobre as orientações da educação nacional.

Existe nos documentos oficiais, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – para citar dois exemplos bem ilustrativos – um grande malabarismo para lidar com a exigência de uma formação humana para a classe trabalhadora e a venda da educação pelas empresas e organismos multilaterais. Para usar as palavras de Santos (2017), esses documentos utilizam-se de bricolagens para tentar conter os ânimos envolvidos na disputa pela educação.

Em meio a tanta sofisticação para aliar a formação da classe trabalhadora aos interesses do mercado, existe, em determinados núcleos e grupos, uma proposta de formação que entende que dentro dos limites impostos à educação pelo capitalismo não há possibilidade de que esta promova a emancipação humana.

Dessas reflexões, algumas concepções pedagógicas surgiram para divulgar que, ao contrário do que pode ser esperado pela sociedade, ou propagado pelas mídias, a educação

não é capaz de causar a transformação social. Daí, emergiram dois grupos dos quais damos destaque.

O primeiro deles denunciava os estabelecimentos educacionais como aparelhos ideológicos do estado. Essa teoria, cujo principal expoente é Louis Althusser (1918-1990), adotam uma percepção pessimista quanto à educação e ao trabalho docente, colocando os professores como meros reprodutores das formas sociais vigentes (ALTHUSSER, 1980).

Outro grupo de teorias afirma que a educação não pode ter seu potencial completamente negado. Essa vertente possui alguns polos de discordância, mas de forma geral, concorda que a formação humana deve ser buscada, considerando que a realidade nunca se dá de forma única, e que a dialética entre contrários é parte fundamental da realidade.

Damos destaque à pesquisa de Tonet (2014) que consiste em afirmar que, apesar da impossibilidade de formação humana plena dentro do capitalismo, é possível desenvolver atividades educativas emancipadoras. Essas atividades de acordo com o autor se referem a: “todas aquelas que contribuem para que as pessoas tenham acesso ao que há de mais elevado no patrimônio cognitivo, artístico e tecnológico de que a humanidade dispõe hoje” (TONET, 2014, p. 18).

Cabe aqui ainda um esclarecimento levantado também pelo mesmo autor. É necessário polemizar acerca do uso da expressão emancipação humana. Essa expressão tem sido aplicada a diversos contextos que destoam do sentido aqui defendido. A emancipação humana da qual nos referimos é a sociedade emancipada da exploração proporcionada pela divisão da sociedade em classes, o comunismo! (TONET, 2005).

Logo, existe uma perspectiva educacional que realiza a defesa de uma formação que mire à emancipação humana, mesmo que seja perceptível não haver possibilidade de isso acontecer dentro do sistema escolar como um todo. Essa perspectiva traz como inspiração pedagógica a revolução socialista aos moldes marxiano-lukacsianos e, dessa maneira, pode contribuir para a realização de atividades educativas emancipadoras (como postula Tonet) e um fazer crítico-dialético na atual sociabilidade, com todos os seus limites (JIMENEZ S., 2024d).

Nesse conseguinte, defende Jimenez (2024), na esteira de Marx, e Lukács, que, em suma, uma educação revolucionária parte do princípio da necessidade e da possibilidade de superação da sociabilidade do capital, com todo o seu quinhão de desumanidades, através da revolução comunista. A perspectiva revolucionária da educação é antagônica ao reformismo

e, repondo a centralidade do trabalho como fundamento do ser social, assume que a luta da classe trabalhadora está necessariamente no centro desse processo.

Entretanto, através de múltiplas mediações, a educação pode exercer um papel na luta revolucionária, quando objetiva a formação de uma consciência revolucionária que mira não ao (impossível) aperfeiçoamento do capitalismo, mas à crítica radical desse sistema, incluindo suas políticas educacionais, sob a compreensão onto-genética quanto ao movimento do real em toda a sua complexidade e com todas as suas contradições. Mesmo compreendendo que uma educação voltada à emancipação humana, ou à formação de uma consciência revolucionária, jamais poderá tornar-se hegemônica no seio das instituições que atuam historicamente a serviço do capital, como as escolas e universidades, sempre enfrentou todos os obstáculos para “fazer sua parte”, no limite, situando nesse escopo sua prática formativa e investigativa nos diversos espaços em que atuou junto a estudantes e trabalhadores.

Dados os devidos esclarecimentos, investigaremos daqui em dante como essa educação revolucionária se fortalece com Jimenez. Para demonstrarmos esse dado, não podemos esquecer que o autor responsável pela leitura ontológica – leitura essa que conduz à proposta revolucionária – dos escritos marxianos foi Lukács, e é pela da divulgação da sua filosofia que a perspectiva educacional revolucionária, foco dessa investigação biográfica, chega ao complexo educacional, seus cientistas e militantes.

Desse conseguinte, temos que a educação revolucionária se desdobra como uma vertente de inspiração marxiana-lukacsiana, com base nos dois dos principais autores que melhor conduzem a reflexão sobre a realidade do capitalismo.

Para que alcancemos a contribuição de Jimenez, a educação dessa leitura da realidade no Ceará, temos primeiro que investigar como Lukács adentra à ciência brasileira até alcançar a caçula revolucionária. Frederico (2009), relata que a inserção de Lukács no Brasil dá-se durante o período de ditadura civil-militar-empresarial, através de grupos ligados aos partidos da oposição ao regime da época, como o Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Em seguida, o autor de Budapest ganha visibilidade através de alguns intelectuais marxianos que publicaram pesquisas relacionadas a arte, como Leandro Konder em: *Os marxismos e a arte* (1967), e José Paulo Netto: *Lukács e a teoria do romance* (1974). Destacamos, ainda, a pesquisa de Carlos Nelson Coutinho: *Georg Lukács: marxismo e teoria da literatura* (1968).

O primeiro grupo no Brasil de que se há registros<sup>110</sup> de estudos sistemáticos no âmbito acadêmico – dissertações e teses – especificamente relacionados à Lukács, foi o grupo formado por José Chasin na Universidade Federal de Paraíba e que depois migrou para a Universidade Federal de Minas Gerais. Esse núcleo trouxe à baila a primeira pesquisa em pós-graduação desenvolvida especificamente sobre a reflexão lukácsiana<sup>111</sup>. Outras pesquisas de pós-graduação, não necessariamente articuladas a um grupo formativo, que estudasse o pensamento de Lukács, também surgiram concomitantemente às atividades ligadas ao núcleo de Chasin.

Desse momento em diante o marxista de Budapeste adentra a pós-graduação, a pesquisa e a formação acadêmica com maior alcance, tendo diversos grupos tratando especificamente sobre o problema do seu pensamento, dos quais ganham destaque: o grupo de Alagoas – “Escola de Alagoas” – e o grupo de Fortaleza – “Escola de Fortaleza”, assim denominados por Ribeiro.

De acordo com o Catálogo de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES, a primeira pesquisa em pós-graduação especificamente sobre a filosofia marxiana-lukácsiana, no Ceará, foi uma dissertação defendida por Betânia Moreira de Moraes, intitulada *O lugar do sujeito no processo de emancipação humana: um estudo exploratório sobre a individualidade em Marx e Lukács* (2001), pesquisa essa, orientada por Susana Jimenez.

Feito esse percurso introdutório, na presente seção, buscaremos mostrar de forma mais aproximada as evidências do pioneirismo da contribuição de Susana Jimenez para a educação marxiana-lukácsiana no Estado do Ceará, através de suas pesquisas, de sua atuação docente e de sua liderança coletiva junto ao Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO), além de muitos outros frutos de sua atuação em prol da construção de uma sociedade emancipada<sup>112</sup>.

Investigaremos, nessa esteira, os principais aspectos da história da atuação de Susana, desde os primeiros anos no Ensino Superior até à fase em que esteve à frente do IMO, época em que as ramificações da sua contribuição à causa revolucionária começam a se espalhar pelo Ceará.

---

<sup>110</sup>Registros esses retirados do Catálogo de Teses e Dissertações da Fundação de Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>111</sup>Datando do ano de 1986, essa pesquisa foi uma dissertação de mestrado defendida por Luiz Oliveira Maia sob a orientação de Chasin, intitulada: *A particularidade como categoria estética em Lukács*.

<sup>112</sup>Emancipação em seu sentido próprio, livre das amarras da sociedade de classes e do modo de produção capitalista!

### **5.1 “A sala de aula é meu lugar no mundo”: Susana Jimenez e os traços da história do projeto formativo marxiano-lukacsiano no Ceará**

Em 1967, Susana adentra pela primeira vez as salas de aulas do Ensino Superior, lugar em que ela passou 51 anos! A jovem Susana, aos 24 anos, torna-se professora na UFC. Nessa época, a primeira disciplina que Susana leciona é Evolução da Educação no Brasil com orientação fraterna do professor Moacir de Aguiar. Depois vem a ensinar didática, e algumas outras disciplinas, além de supervisionar estágio (JIMENEZ S., 2023a).

Quando ensinou didática na pós-graduação, ela mesma mudou o título para didática e anti-didática, desde muito cedo, compreendendo que os conteúdos se tornam contraditórios ao serem conectados à realidade (JIMENEZ S., 2023c).

Ademais, não nos esqueçamos que o período ditatorial dificultava a reflexão acadêmica, o que era potencializado graças presença sistemática de um “olheiro” dentro das salas de aula. Essa pessoa era contratada especificamente para: monitorar o trabalho do professor, intimidá-lo e garantir que toda e qualquer reflexão que criticasse o governo fosse comunicada aos intersetores da instituição, e o professor recebesse as punições cabíveis a esse “delito” (JIMENEZ S., 2023c).

Mesmo sendo monitorada, Susana usa de sua expertise para conseguir fazer com que os alunos pudessem refletir sobre a situação que atravessava o país. Ela comenta que, na época, era muito popular na educação infantil a dinâmica de “cantinhos pedagógicos” onde, ordinariamente, o professor ensinava que na sala de aula deveria haver o “cantinho da leitura”, o “cantinho da brincadeira” etc (JIMENEZ S., 2023c).

Susana cria os cantinhos necessários para aquele momento histórico, de forma que o olheiro não poderia acusá-la, já que se tratava apenas de “cantinhos pedagógicos”. Mediante uma intensa preparação, ela dispôs na sala diversos “cantinhos”: “o cantinho da minha indiferença”, “o cantinho da minha indignação”, “o cantinho do meu medo”, “o cantinho da minha revolta”, o “cantinho da minha esperança... Mapeou todo o espaço com cantinhos especiais para a situação que permeava o país e, em alguns aspectos, ainda permeia a realidade brasileira.

No centro da sala onde todas as carteiras estavam juntas, havia objetos e, acima deles, ela e sua monitora, haviam pendurado imagens e cartazes que também deveriam ser colocados pelos alunos em cada cantinho à sua escolha. Um prato vazio, uma bola de futebol, um

catálogo escrito a giz mostrando o preço de produtos alimentícios de uma bodega, poemas e textos que faziam críticas sociais, tirinhas da Mafalda, exemplares do jornal *O Pasquim*, eram alguns dos itens que deveriam ser colocados nos “cantinhos” pelos alunos.

Enquanto todos faziam silenciosamente a observação dos itens para saber em que cantinho colocar cada um, troava na sala a música *Cartomante*, na voz de Elis Regina, cujos versos provocavam também naqueles que experienciaram o momento, grande comoção:

Cartomante  
 Nos dias de hoje é bom que se proteja  
 Ofereça a face pra quem quer que  
 seja Nos dias de hoje esteja tranqüilo  
 Haja o que houver pense nos seus filhos

Não ande nos bares, esqueça os amigos  
 Não pare nas praças, não corra perigo  
 Não fale do medo que temos da vida  
 Não ponha o dedo na nossa ferida

Nos dias de hoje não lhes dê motivo  
 Porque na verdade eu te quero vivo  
 Tenha paciência, Deus está contigo  
 Deus está conosco até o pescoço

Já está escrito, já está previsto  
 Por todas as videntes, pelas cartomantes  
 Tá tudo nas cartas, em todas as estrelas  
 No jogo dos búzios e nas profecias

Cai o rei de Espadas  
 Cai o rei de Ouros  
 Cai o rei de Paus  
 Cai não fica nada.(6x)

Ivan Lins e Vitor Martins

**Figura 12 - Charge que compunha um dos objetos para a dinâmica dos “cantinhos”**



Fonte: Acervo da biografada

O momento causou comoção em vários de seus alunos. Nas paredes da sala, havia outros que tentavam assistir o ocorrido pelas janelas, mas respeitando o que estava acontecendo naquele espaço. Até mesmo Susana e sua monitora Luzia Siqueira de Vasconcellos, que a auxiliou em todo o processo, ficaram tocadas pelo resultado apresentado.

Susana recorda-se com muito carinho de suas alunas, principalmente aquelas que continuam se fazendo presentes em sua vida, como Lúcia Menezes<sup>113</sup> e Madalena de Paula. Abaixo temos o registro de Susana com Lúcia Menezes:

**Figura 13 - Susana e Lúcia Menezes no ano de 2023 em um show musical onde Lúcia se apresentou**



Fonte: Acervo da biografada

Em 1969, Susana é enviada para os EUA a fim de realizar o mestrado em Educação. Longe do Brasil, já conhecemos sua história atuando na Escola Bilíngue Cabrillo Elementary School, em San Diego, que não entrará nesta seção por não vincular-se a sua ação no Ensino Superior. Quando ela retorna, mesmo que de forma breve, Susana já voltou a lecionar na UFC.

<sup>113</sup>Por ocasião do dia do professor – 15 de outubro – Lúcia Menezes dedica a seguinte publicação para Susana: Para Susana Jimenez. Professores, honrados mestres! Que profissão linda! Não é fácil, sei mesmo que é muito difícil. Estou agora me lembrando das minhas primeiras professoras Dona Lourdes, Celeste... depois, Professor Lacerda, Valtin, Dona Afonsina, Professor Toni... ah! Foram tantos. E tem a minha preferida, a mais maravilhosa, a mais querida, a mais sábia, a que mudou tudo, que me fez pensar muito, inclusive sobre o meu comportamento, meus valores, ela é a minha querida Susana Jimenez! Obrigada querida Susi, muito obrigada! Um luxo ter sido sua aluna. Ah... saiba querida você ainda me ensina. Vez por outra penso: o que a Susana diria? Aí as respostas chegam. Seus ensinamentos correm nas minhas veias, quem dera eu ter aprendido tudo! Mas tenho um consolo, ainda aprendo! Muito obrigada minha amada-querida! Minhas Reverências e todo meu Carinho! Disponível em: <<https://www.facebook.com/luciامenezes.menezes>>. Acesso: 21 fev. 2023.

Como já visto, o amadurecimento intelectual de Susana acontece durante a década de 1970 e, nesse período, sua atuação também se modifica. Susana passa a compor coletivos que realizavam pesquisas e projetos formativos com posicionamento – como projetos de formação de professores na década de 1970 e os grupos de estudo dos professores Nicolino Trompieri Filho e Ozir Tesser–. Mesmo que os membros desses grupos discordassem de algumas questões entre si, havia a noção de que a educação não poderia ser pautada dentro de uma lógica behaviorista ou comportamentalista (JIMENEZ S., 2023c)!

Concomitante a esse processo, Susana participa da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, o primeiro programa de pós-graduação em educação do Estado, fundado oficialmente em 1976 (FERNANDES, 2014). Na época oportuna, Susana começa a fazer parte do programa orientando dissertações na linha nomeada Educação e Trabalho (JIMENEZ S., 2023c).

Essa linha, de acordo com Jimenez S. (2023c), espalhou-se pelo país pela influência do Professor Dermeval Saviani, já que seu grupo formava pessoas do país inteiro, e houve a efervescência das discussões que giravam em torno dos debates encabeçados por ele. Afinal, não é à toa que o livro *Escola e Democracia* (1983) foi escrito na década de 1980.

O núcleo de Saviani representava um grupo de estudos e pesquisa registrado na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), que, pela proximidade com as faculdades de educação, conseguiu trazer a reflexão, ainda sobre Educação e Trabalho, para os recém-criados programas de pós-graduação (JIMENEZ S., 2023c).

Susana relembra que o uso da terminologia educação e trabalho foi ceifado quando eles passaram a se aprofundar na posição ontológica ocupada pelo trabalho e deslocaram a centralidade da compreensão da realidade para o próprio trabalho. Daí foi consenso geral que as linhas chamadas Educação e Trabalho passassem a se chamar Trabalho e Educação (JIMENEZ S., 2023c).

Esse movimento ocorria já em todo o Brasil, todos os programas de pós-graduação em educação que possuíam a linha Educação e Trabalho, migraram para a terminologia Trabalho e Educação (JIMENEZ S., 2023c).

Esse deslocamento, foi efeito de um processo de aprofundamentos desses programas dentro dos escritos marxianos, o que inclui uma expansão da leitura lukacsiana dentro do período chamado de “transição democrática”. Nessa época, começaram a se acirrar os debates sobre os fragmentos da juventude de Marx encontrados na primeira metade do século XX

(FREDERICO, 1995). A leitura ontológica e a questão metodológica eram os assuntos mais comentados depois do acesso dos trabalhadores às traduções dos *Manuscritos econômico-filosóficos* (1932), e da *Ideologia Alemã* (1932).

Susana constata que os pressupostos teóricos de Saviani se espalharam pelo Brasil como uma febre. Paulo Freire já havia assinalado a importância do trabalho para a educação, mas destacar o trabalho como salto fundante do ser social, imprescindível para se pensar a educação – princípio educativo –, esse feito é de Saviani<sup>114</sup>.

A caçula revolucionária menciona que não só Saviani, mas Moacir Gadotti, Jamil Curi, depois Miguel Arroyo e Gaudêncio Frigotto, eram os principais nomes de intelectuais da educação no cenário nacional que tratavam da questão educativa pelo viés crítico. Nesse grupo, Susana também estava inserida.

Voltando-nos novamente para a história da atuação de Susana, antes da existência do IMO e da ida a Campinas para sua formação pós-doutoral, houve um convênio – que durou de 1972 a 1973 – entre a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), a FACED/UFC e as Secretarias de Educação do Piauí e do Maranhão, que possibilitou a um grupo de professores, dos quais Susana estava inserida – nele estiveram ainda, Teresinha Vieira Correa e Maria das Graças como representante da SUDENE –, realizar algumas formações nas capitais e nos interiores desses estados.

Susana afirma que já possuía um discurso alinhado ao marxismo, e quando esteve no Maranhão em um desses circuitos de formação, no município de Pedreiras, ela foi perseguida por alguém que apresentava comportamento suspeito de ser um “olheiro”. Essa pessoa havia sido identificada por freiras que assistiam a formação, elas prontamente avisaram a sua colega – Maria das Graças – o que estava acontecendo e intermediaram a volta segura de Susana à Teresina na caçamba de uma caminhonete, para evitar uma possível captura da professora (JIMENEZ S., 2023c). Tal situação foi a mais próxima que Susana viveu em termos da repressão ditatorial, ao contrário das terríveis atrocidades imputadas a tantos de seus colegas. O medo, contudo, era uma constante.

Dados esses recortes dos primeiros anos da atuação de Susana, investigaremos a partir daqui alguns aspectos sobre a história do marxismo dentro da educação superior no Ceará, para assim alcançar a história do projeto formativo marxiano-lukacsiano no espaço cearense, evento que exporemos em que aspectos Susana é pioneira.

---

<sup>114</sup>Aparentemente, podemos pensar que Saviani constrói esse pressuposto com base em Lukács. De fato, ele não despreza a produção do marxista de Budapeste, mas sua principal referência é Antonio Gramsci. Na época, foi inclusive o seu grupo um dos primeiros a traduzir as obras do marxista italiano.

Os escritos marxianos já eram consideravelmente difundidos no meio universitário durante a década de 1970. Como afirma Netto (2006), lembrado por Susana<sup>115</sup>, à época circulavam inúmeras leituras sobre o marxismo, desde as inspiradas nos equívocos evocados da Segunda Internacional do Partido Comunista, à leitura sociológica e fragmentada do pensamento marxiano.

A Professora Maria das Dores Mendes Segundo<sup>116</sup> (2023) lembra que na época de sua graduação, em ciências econômicas na Universidade Federal do Ceará, havia alguns estudos, mesmo que escassos, sobre a teoria marxiana dentro da economia. Dessa decorrência, o filósofo de Trier era consideravelmente tratado no meio acadêmico, muito embora, tenha sido abordado de forma fragmentada.

Isso demonstra o que afirmou José Paulo Netto quanto ao esquartejamento da teoria marxiana, que ocorreu e ocorre nos diferentes departamentos quando ele passa a compor o currículo da academia<sup>117</sup>. Ademais, existiam inúmeras leituras – entre compreensões incompreensões – da teoria marxiana nos movimentos sociais, partidos políticos e outras organizações articuladas às ligas populares.

Já a teoria de Lukács adentra a academia e a pesquisa científica bem mais tarde. Como já visto, mas vale retomar, seus estudos sobre estética eram inicialmente os mais explorados. Depois dessa fase, os estudos sobre Lukács eram em sua maioria ligados à obra *História e Consciência de Classe* (1923).

O próprio grupo onde Susana primeiro escuta depoimentos sobre o filósofo de Budapeste, através do professor Nicolino, entrava em contato com a supracitada obra, mas ainda assim, havia poucos estudos sobre o pensamento da maturidade do marxista de Budapeste (JIMENEZ S., 2023b).

Somente na década de 1990, surgem produções acadêmicas que trataram da filosofia lukacsiana para além das distorções que foram realizadas da leitura de *História e Consciência de Classe*, como a tese de doutoramento de Sérgio Lessa<sup>118</sup>: *A centralidade do trabalho na ontologia de Lukács* (1994).

---

<sup>115</sup>Por ocasião de uma aula remota solicitada pelo Espaço Marx em 30 de setembro de 2023.

<sup>116</sup>Maria das Dores Mendes Segundo é professora colaboradora da Universidade Federal do Ceará, onde atua no PPGE/UFC, e professora associada da Universidade Estadual do Ceará, atuando no PPGE/UECE e no MAIE.

<sup>117</sup>Informação verbal proferida por Susana no dia 30 de setembro por ocasião de sua fala no 15º encontro formativo do Espaço Marx Campo Mourão-PR.

<sup>118</sup>O referido teórico detém a segunda pesquisa de pós-graduação realizada sobre a ontologia de Lukács e a primeira a tratar da reprodução, em sua dissertação de mestrado: *Sociabilidade e individuação: a categoria da reprodução na ontologia de Lukács, não coincidentemente, desenvolvida na Universidade Federal de Belo Horizonte, o segundo núcleo brasileiro a abordar a reflexão lukacsiana na academia, de acordo com nosso rastreamento no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.*

No Ceará, as reflexões lukacsianas continuam circunscritas à *História e Consciência de Classe*, até que, em meados da década de 1990, o grupo de Ozir Tesser, no qual se inseria Susana, inicia leituras mais aprofundadas no esteta magiar.

De acordo com os depoimentos de Jimenez S., (2023b), como já foi parcialmente explorado no capítulo anterior, é um dado que houve estudos desenvolvidos por Nicolino Trompieri Filho que faziam menção a Lukács, particularmente à obra *História e Consciência de Classe*.

Somente com os estudos realizados em colaboração entre Ozir Tesser e Susana Jimenez, é que Lukács adentra o ensino superior cearense de forma sistemática. Na época, os dois estudaram juntos uma parte da obra de Lukács, e inseriram partes dela nas aulas da graduação. Isso é lembrado por Jackline Rabelo (2023), que foi aluna do professor Ozir Tesser na década de 1980, na disciplina nomeada Economia Política e Educação quando cursava pedagogia.

Rabelo<sup>119</sup> (2023) recorda que a primeira vez que ouviu falar em Lukács foi durante as aulas desse professor e que, ao seu lado, estava Susana, demonstrando que a leitura sistemática sobre os escritos do esteta de Budapeste<sup>120</sup> foi realizada em parceria pelos dois professores: “Foi Susana quem trouxe os textos de Lukács para nós. Na graduação eu comecei a ver o Lukács porque ela trouxe os textos datilografados, e junto dela, em algumas atividades, estava o professor Ozir” (RABELO, 2023).

Desse depoimento, podemos afirmar que Ozir e Susana, após Nicolino, foram os que mais se aproximaram do estudo especializado na teoria lukacsiana. Isso, até Susana tomar a dianteira, após a aposentadoria do Professor Ozir. Aproximemo-nos mais desse embate.

Em relação ao primeiro dos dois a publicar na bibliografia disponível texto com o descritor Lukács, Ozir toma a frente, com dois textos publicados sobre seu pensamento no ano de 1997, enquanto o primeiro texto de Susana com o descritor Lukács, data de 2001<sup>121</sup>. Já utilizando o descritor ontologia, que indica a leitura madura de Lukács, nos dados referentes a Tesser, há novamente duas produções, as mesmas que possuíam o descritor Lukács, em 1997, enquanto Susana publicou pela primeira vez com o descritor ontologia, em 2005<sup>122</sup>.

---

<sup>119</sup>Josefa Jaqueline Rabelo é professora na UFC, atua no PPGE/UFC na linha Estética, Educação e Sociedade.

<sup>120</sup>Mas não ainda o Lukács da ontologia, pois, a obra estudada por Susana e Nicolino era *História e Consciência de Classe* (1923).

<sup>121</sup>Dissertação de Betânia Moreira de Moraes: *O lugar do sujeito no processo de emancipação humana: um estudo exploratório sobre a individualidade em Marx e Lukács*.

<sup>122</sup>Dissertação de Mestrado de Aline Nomeriano Morato: *O modelo da competência e a educação do trabalhador: uma análise à luz da ontologia marxiana*.

Analisemos agora, o quanto a produção de cada um desses professores se deteve na reflexão do teórico de Trier. Como já dito, mas vamos recolocar a título de contagem, Ozir tem duas produções com os descriptores Lukács e ontologia. Já Susana tem um total de 25 produções com o desritor Lukács – entre teses e dissertações orientadas, além de publicações em todos os tipos de veículos de teor científico (livros, capítulos, artigos em periódico, etc.) – e 26 produções com o desritor ontologia, somando, até o momento, um total de 51 produções com ambos os descriptores eleitos para este recorte<sup>123</sup>.

Dos dados levantados, temos que, no Ceará, Susana foi quem, de fato, dedicou-se mais sistematicamente à produção científica na perspectiva lukacsiana além de ter sido a primeira a incorporar a ontologia de Lukács em suas orientações, o que indica que ela escolheu a leitura marxiano-lukacsiana como projeto formativo no Ensino Superior.

Rabelo (2023) constata nossa hipotética afirmando que, diferente do Professor Ozir, Susana foi a responsável pela inserção da leitura marxiano-lukacsiana no Ceará, por ter encarado essa perspectiva como um projeto formativo:

Com o Ozir a gente teve algumas leituras de Marx e Lukács, mas ele não encarou isso como um projeto formativo. A Susana assume como um projeto formativo, como uma teoria do gênero humano marxista, classista, que nos permite entender o marxismo como uma teoria do devir humano, para uma sociedade emancipada em sua plenitude e para além do capital (RABELO, 2023).

Isso é reiterado por Mendes Segundo (2023) que afirma ser apenas através dos grupos de estudos e das aulas de Susana que ela pôde entrar em contato com a leitura lukacsiana de Marx e com outros importantes teóricos para a compreensão do complexo educacional na atualidade, como István Mészáros, por exemplo.

Ao conseguir durante muitos anos – do início da década de 1990, até 2018 – consolidar os pressupostos teóricos necessários para se tornar uma das maiores referências da leitura marxiano-lukacsiana da realidade, no Ceará, e a primeira a realizar um projeto formativo sobre essa base, Susana pode ser considerada pioneira na pesquisa e formação de base marxiano-lukacsiana.

Não podemos esquecer que uma das maiores contribuições para a pesquisa que Susana também proporcionou foi a inserção da onto-metodologia marxiana dentro da reflexão

---

<sup>123</sup>Devemos lembrar a nosso caro leitor, que nossa intenção não é comparar qualitativamente os dois intelectuais. Por certo, o Professor Ozir Tesser é, reconhecidamente, um importantíssimo intelectual. Sem desconsiderar esse fato, nossa exposição apresenta esses dados a título de comprovar a premissa que fundamenta o objetivo geral do presente trabalho, qual seja, atestar, desantropomorficamente, que a Professora Susana foi a responsável pela inserção do projeto formativo marxiano-lukacsiano no ensino superior do Ceará, dedicando-se ao referido projeto mesmo por longos anos após sua aposentadoria.

científica cearense. A iluminação ontológica enquanto método<sup>124</sup> ainda não havia sido acessada pela academia no Ceará, quando no início dos anos 2000, sob a orientação de Jimenez, surgem pela primeira vez no repositório institucional da produção educacional cearense, pesquisas realizadas a partir de pressupostos onto-metodológicos<sup>125</sup>.

Já há alguns anos, utilizava-se a terminologia materialismo histórico-dialético ou materialismo dialético para tratar do padrão de conhecimento utilizado por Marx em sua obra<sup>126</sup>. Através da leitura lukácsiana desenvolvida por Susana – tanto na formação quanto através da pesquisa científica – os termos onto-metodologia e onto-materialismo começaram a ser utilizados no Ceará.

Rabelo (2022, p. 138-139) reafirma que Susana foi a primeira a trazer a concepção onto-histórica para o Ceará:

Com Susana, o amadurecimento acadêmico e prático no marxismo se deu. Claro que entendo, com Lukács, que o marxismo precisa ser desenvolvido todos os dias. Foi, porém, sob sua condução, que o marxismo se consolidou, entre nós, como concepção onto-histórica do mundo dos homens, como uma ontologia do ser social, cujos fundamentos e práxis social resultam da obra conjunta de Marx e Engels no processo de análise do modo de produção capitalista que se desdobra numa forma de situar as possibilidades históricas de emancipação humana.

Mas suas contribuições continuam. Susana foi, não só, professora de disciplinas ligadas ao Ensino Universitário formal nas salas de aula da graduação e da pós-graduação, mas também coordenadora de grupos de estudos, orientadora de pesquisas – dos níveis da graduação à mais alta complexidade científica da pós-graduação –, lecionou palestras, minicursos, mesas redondas, comunicações orais e cursos de extensão. Foi formadora de grupos sindicais, organizou eventos e foi homenageada por sua contribuição e importância em uma época em que a educação revolucionária não era uma corrente de muitos seguidores.

Todas as atividades que ela desenvolveu e desenvolve têm a característica de serem pensadas e construídas de forma coletiva. Susana comumente convidava coautores para somar junto nas orientações por ela ofertadas. Além disso, ela era constantemente chamada para ser coautora de colegas de trabalho (JIMENEZ S., 2023c).

Era, também, um de seus costumes, realizar orientações coletivas que reunissem todos os seus orientandos – da graduação à pós-graduação –. Quando as orientações realizadas por

---

<sup>124</sup>O buscar a realidade em-si do objeto, conteúdo já explorado na seção primeira desta pesquisa.

<sup>125</sup>E até uma pesquisa realizada especificamente sobre esse problema intitulada: A questão ontológica do método em Marx (2004), de Elvira Sá de Moraes.

<sup>126</sup>Questão tratada no primeiro capítulo desta dissertação.

Susana eram coletivas, todos seus orientandos poderiam conhecer novos assuntos que, porventura, não estivessem contempladas em suas pesquisas, mas traziam aspectos importantes para a compreensão da realidade e do complexo educacional.

Ademais, a colaboração favorecia a criatividade e a incorporação do grupo (RABELO, 2023). Esse aspecto é importante tanto para o processo de conhecimento quanto para o surgimento de eventos que denotam a identidade dos grupos, suas curiosidades e produções.

Não podemos deixar de mencionar que Jimenez orientou também muitas pesquisas de iniciação científica – 21 diretamente –, nível em que os alunos estão amadurecendo ou aprendendo o que é ciência. Isso demonstra que da mais simples à mais complexa pesquisa, ela dava de conta. Susana participou da criação dos dois programas de pós-graduação existentes no Estado do Ceará – o que ocorreu entre os anos de 1970 e 2000 –.

Não podemos deixar de registrar a história da contribuição de Susana sem mencionar a história do IMO que, no ano de 2023, completou 30 anos de existência. A história do IMO se mistura à história da própria Susana, registro a ser realizado em subseção posterior.

Susana criou duas linhas de pesquisa dentro dos dois programas de pós-graduação em educação existentes no Ceará, respectivamente. A história da criação dessas linhas envolve uma luta diária de Susana em prol da educação para a emancipação humana, como ela mesma destaca: “Para criar essas linhas nós tínhamos que matar um leão por dia” (JIMENEZ S., 2023c).

Revisitaremos aqui a história dessas linhas, juntamente com a história da participação de Susana em cada uma delas. O PPGE/UFC foi fundado na década de 1970, mais precisamente, no ano de 1976 – Susana foi uma das pessoas que participou de sua criação –, movido pela reforma universitária de 1968 que criou a política nacional de pós-graduação no Brasil (MARTINS, 2009).

Ela destaca que em todo o país, apesar da forma de governo ainda ser a ditatorial, havia um movimento de formação de programas de pós-graduação, que buscava descentralizar a pesquisa que era produzida quase exclusivamente, na região Sudeste (JIMENEZ S., 2023c).

De Educação e Trabalho para Trabalho e Educação, até finalmente Susana conseguir criar a linha Marxismo, Educação e Luta de Classes, foram necessários 29 anos. Apenas no ano de 2005, o núcleo de professores do eixo Marxismo, Educação e Luta de Classes consegue transformar o eixo em uma linha de pesquisa dentro do PPGE da UFC. Assim a linha perdurou durante 13 anos.

Em 2002, Susana é uma das professoras a fundarem o Mestrado Acadêmico em Educação na UECE. Esse ainda pequeno programa iniciou suas atividades em 2004. Nesse período, Susana encabeça apenas um grupo chamado Marxismo, Trabalho e Educação, pertencente ao núcleo 1: Formação de Professores, Didática e Trabalho Docente, da linha 1: Didática e Formação Docente (PEREIRA, 2007).

Em 2003, Susana tornou-se professora da UECE através de concurso público. A motivação para entrar nesse quadro docente foi a demanda de orientações que o IMO exigia de Susana mas que não poderiam ser realizadas já que ela não mantinha vínculo efetivo com a Instituição (JIMENEZ S., 2023c). É válido destacar que a administração superior da UECE apoiou, como pode, na logística da Susana, para que ela pudesse tratar de assuntos familiares fora do Brasil, haja vista que seu marido, então residindo nos EUA, sofria com severas crises de adoecimento (JIMENEZ S., 2023c).

Esse grupo viria, em 2013, a tornar-se a linha de pesquisa do então Programa de Pós-Graduação em Educação da UECE, nomeada Marxismo e Formação do Educador, em conformidade com o eixo que une todas as pesquisas do supracitado programa, a formação de professores (JIMENEZ S., 2023c).

No ano de 2018, a linha Marxismo, Educação e Luta de Classes do PPGE/UFC tem seu nome alterado para Estética, Educação e Sociedade<sup>127</sup>. A Professora Jackline Rabelo, que faz parte do núcleo de professores ligado à referida linha, explica que a mudança ocorreu por questões conjunturais nacionais e local, entre outros fatores (RABELO, 2023).

É necessário compreender que na época o Brasil era circundado pelo fantasma da intervenção presidencial nas instituições federais, intervenção que chega a ser concretizada pela indicação de um reitor pelo presidente da república, sem respeito à lista tríplice formada por votação entre os docentes, alunos e funcionários da Instituição. O governo interferiu ainda por meio de corte de cargos nas universidades federais – cerca de 21.000 nas instituições do serviço federal –, houve boicotes às universidades através de falas de alguns de seus ministros que chegaram a chamar os espaços acadêmicos de espaços de “balbúrdia”<sup>128</sup> além de grandes cortes nas verbas destinadas a essas instituições<sup>129</sup>.

---

<sup>127</sup>Há de se registrar que Antônio Ferreira Félix à época doutorando do programa, foi o único dentre alunos e professores a pronunciar-se contrariamente a essa decisão (JIMENEZ, 2024)..

<sup>128</sup>Fala proferida por Abraham Weintraub.

<sup>129</sup>Chegando a até 30% do orçamento total compreendidos em um valor aproximado a 1,5 bilhão de reais.

Nesse ínterim, segundo a entrevistada, o pró-reitor de pós-graduação da UFC, da época, sugere que o coletivo de professores mude o nome da linha e continue desenvolvendo as atividades de pesquisa normalmente (RABELO, 2023).

O coletivo de professores e alunos ligados à outrora Marxismo, Educação e Luta de Classes do PPGE/UFC, depois de vasta pesquisa sobre as linhas registradas a nível nacional no CNPq, constataram que a linha em que eles atuavam, Marxismo, Educação e Luta de Classes, era a única que possuía no título o termo marxismo. Depois de reuniões internas, com docentes e discentes da Linha e da discussão seguir para o colegiado do programa, há uma decisão coletiva de mudar o nome da linha para Educação, Estética e Sociedade<sup>130</sup> (RABELO, 2023).

Susana, em entrevista direta dada à autoria da presente pesquisa, demonstra profundo descontentamento com o fato narrado; ou seja, com o apagamento do nome da histórica linha Marxismo, Educação e Luta de Classes. Para a biografada, foi uma luta árdua criar e transformar o eixo, que levava o nome **marxismo**, em uma linha da pós-graduação, na verdade, para seu orgulho, a única com esse atributo no contexto da pós-graduação das universidades federais do país. Como entende a professora, muito significava proporcionar aos pleiteantes a cientistas revolucionários, a possibilidade de participação em uma linha que trazia no título o nome marxismo (JIMENEZ S., 2023c).

Com o fechamento da linha Marxismo, Educação e Luta de Classes, Susana decide se afastar do meio universitário. Susana já havia se aposentado da UFC no ano de 1993, mas continuou trabalhando junto ao PPGE/UFC de forma voluntária, ou seja, sem qualquer ganho financeiro. Concomitante a isso, ela se aproximara da UECE devido às atividades do IMO, como professora visitante, quando foi convidada para compor a direção e tornar-se professora da Instituição (JIMENEZ S., 2023c).

Por muitos anos, ela manteve relações com as duas instituições, e até provocou uma integração entre elas quando levou os seus orientandos da UFC para atuarem como pesquisadores colaboradores no IMO. Em 2003, Susana se torna professora permanente da UECE através de concurso, mantendo a integração dos seus orientandos nas instituições – UFC e UECE – outrora iniciada (JIMENEZ S., 2023c).

É importante lembrar que por Susana e seu grupo foi fundada a revista de pesquisa científica eletrônica *Arma da Crítica*. O periódico foi pensado para pôr em circulação as

---

<sup>130</sup> A entrevistada Rabelo (2023) ainda acrescenta que a ementa e o programa formativo não foram alterados. Dessa forma, segundo ela, seria possível realizar uma espécie de clandestinidade para aquele momento ultra conservador (RABELO).

pesquisas voltadas para a crítica ao atual modo de produção e suas implicações nos demais complexos da sociabilidade humana (RABELO, 2023).

Na *Arma da Crítica*, criada em 2009, Susana assinou como editora responsável pelo periódico até o ano de 2018. Rabelo (2023) relata que ela lia e fazia a correção ortográfica e gramatical de todos as matérias a serem publicadas, além de revisar todos os *abstracts*.

No ano de 2013, após se aposentar da UECE, Susana decide continuar colaborando com a UFC na condição de professor permanente através do Programa Especial de Participação de Professores Aposentados da UFC PROPAP/UFC - novamente sem qualquer compensação financeira - devido ao fato de o PPGE/UFC ter requerido pelo menos um professor para que fosse mantida a linha, Marxismo, Educação e Luta de Classes em funcionamento.

Depois dos desdobramentos quanto à mudança de nome da linha em que militanteamente atuava no PPGE/UFC, Susana decide encerrar a vida acadêmica sem mais assumir disciplinas, orientações, co-orientações, editoração de revista ou participação em bancas, após 51 anos de contribuição.

Susana orientou ainda pesquisas na Universidade Federal Fluminense (UFF) e na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Pôde lecionar também na Pontifícia Universidade de Campinas (PUC) Campinas, além de ministrar cursos na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Toda essa produção adentra a cotidianidade dos mais variados espaços do ensino superior. Além disso, alguns alunos formados por Susana são hoje porta-vozes da causa revolucionária e atuam individual e coletivamente em diferentes espaços, assunto que será melhor tratado posteriormente.

Acrescentamos a essa parte que Susana esteve 51 anos de vida exercendo o magistério no Ensino Superior. Sua contribuição dividiu-se, principalmente, entre formações e orientações de pesquisas científicas. Ela orientou 92 pesquisas de pós-graduação, das quais: 66 dissertações de mestrado e 26 teses de doutorado. Orientou, ainda, 22 monografias de especialização, 67 trabalhos de conclusão de curso de graduação e 21 pesquisas de iniciação científica, totalizando 202 orientações dentro da educação superior.

Essas orientações figuram em exposições realizadas em sua maioria no Estado do Ceará, mas também na cidade de Teresina, Piauí e Campinas no Estado de São Paulo. O quantitativo de pesquisas no território cearense aproximou-se de 200 pesquisas.

**Figura 14 - Susana junto com alguns de seus ex-alunos, colegas e alguns dos participantes do IV Seminário sobre Marxismo e Formação do Educador em maio de 2016 na Universidade de Brasília (UnB)**



Fonte: Acervo da biografada

Para finalizarmos essa subseção, é necessário relatar que suas orientandas entrevistadas para esta seção, a saber, Freres<sup>131</sup>, Rabelo e Mendes Segundo (2023), relatam terem aprendido a destreza para orientar através das orientações de Susana. Dentro e fora das salas de aula, Jimenez dava aulas que foram úteis a seus orientandos e alunos. Mendes Segundo (2023) afirma que aprendeu com Susana desde a forma de orientar até o tratamento para com as pessoas.

Consideramos importante para um relato biográfico, vasculhar alguns fatos que contribuíram para mostrar como a história de Susana é monumental para a educação revolucionária no Ceará. Esses acontecimentos expõem como essa professora se reinventa a cada etapa de sua vida, pois suas contribuições não param...

<sup>131</sup>Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED/UECE).

## 5.2 A “Escola de Fortaleza”

Durante o final da década de 1980 até os anos de 1990, com os programas de pós-graduação em educação já minimamente estruturados, observa-se uma grande efervescência no campo da reflexão educacional sobre a questão da formação humana, já que a proposta de criação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 estimulou a discussão sobre quais parâmetros deveriam guiar a educação nacional.

Admitindo a impossibilidade de formação humana dentro da atual forma de sociabilidade, o papel dos autores da educação revolucionária dentro dos debates daquela época era, além de estabelecer a crítica às discursivas que defendiam a possibilidade de formação humana dentro do capitalismo, contribuir para a tomada de consciência da classe trabalhadora com vistas à derrubada desse modo de produção.

Fez-se necessário dialogar com autores caros à educação, no sentido de superá-los e mostrar suas contradições. Ademais, era o momento de defender condições mínimas para a estruturação de um modelo educacional que estabelecesse o básico para a permanência das crianças nas escolas – higiene, alimentação, patrimônio, entre outras –.

Nacionalmente, existiam blocos de pesquisa e formação de inspiração marxiana, dois desses principais blocos são encabeçados pelos novos intelectuais que pensavam a educação iluminados pela relação ontológica entre trabalho e educação. Esses novos intelectuais da época eram pessoas interessadas na leitura de Marx pela interpretação de Lukács que, nos anos de 1990, trouxeram de volta o debate sobre a educação na perspectiva revolucionária.

São os principais nomes desse movimento: Ivo Tonet, Ester Vaisman, José Paulo Netto, Sérgio Lessa, Celso Frederico, Susana Jimenez, entre outros, que figuram na bibliografia disponível dos anos de 1990. De acordo com o Professor Luís Távora Furtado Ribeiro (2023), alguns desses intelectuais conseguiram alavancar entre o final dos anos 1980 e a década seguinte, uma grande produção verdadeiramente científica sobre a educação na perspectiva da emancipação humana.

O supracitado professor, que é também cordelista, afirma que dois grandes núcleos de produção e atuação formativa lukacsiana se consolidaram nesse momento, um em Alagoas, encabeçado por Ivo Tonet e um em Fortaleza, inspirado por Susana Jimenez. A esses movimentos intelectuais que aconteciam no Nordeste, Ribeiro (2023) nomeia Escola de Alagoas e Escola de Fortaleza. Debruçar-nos-emos com mais afinco no segundo grupo.

As produções realizadas pela Escola de Fortaleza tinham a influência, formação e inspiração vindas de Susana Jimenez. Nessa época, foram produzidas pesquisas novíssimas

no ramo da educação, apontando caminhos e realizando a crítica à forma de desdobrar-se do complexo educacional dentro dos limites da democracia burguesa.

Entre os temas de pesquisa desenvolvidos dentro do movimento intelectual que, junto com Ribeiro (2023), chamaremos de Escola de Fortaleza estavam: a relação entre a educação e a crise estrutural do capital, a formação docente, a educação profissional e para o trabalho, o movimento operário, a educação sob a ontologia do ser social, a alienação, a ideologia, a individualidade na ótica marxiana, e o sindicalismo em uma perspectiva classista.

Através da orientação de Susana, abriram-se novos guarda-chuvas que ainda não haviam sido explorados pela pesquisa cearense. Os temas além de novos para a educação na época em que surgiram, possuíam um rigor científico muito avançado para o padrão acadêmico circunscrito ao Lattes (RIBEIRO, 2023). Esse movimento envolvia os dois principais locais de produção científica educacional do Estado do Ceará: a UFC e a UECE.

Aos poucos foi possível perceber que os jovens buscavam autonomamente a orientação de Jimenez. Até hoje, é característico da Escola de Fortaleza e de Alagoas a aglutinação de todas as gerações de cientistas em torno de suas produções. Como reafirma Rabelo (2022, p. 218): “Aos jovens, digamos, um pouco mais maduros, orientandos de mestrado e doutorado, se junta um interessado e participativo grupo cada vez mais numeroso de jovens da graduação e até mesmo do ensino médio”.

O professor Ribeiro (2023) entrevistado para essa subseção, é o primeiro a afirmar a existência da Escola de Fortaleza – movimento de pesquisa em educação inspirado em Susana – também afirma que os jovens incessantemente são arrastados pelo movimento intelectual e formativo ancorado em Susana.

Dessa discursiva, temos novas gerações da Escola de Fortaleza, que passaram a formar gerações ainda mais jovens de pesquisadores, que hoje se debruçam sobre novos problemas ligados à educação.

A primeira geração da Escola de Fortaleza se encontra na produção escrita e publicada por Susana. A segunda, por seus orientandos, dos quais citamos: Cristiane Porfírio, Jackline Rabelo, Deribaldo Santos, Ruth Maria de Paula Gonçalves, Maria das Dores Mendes Segundo, Osterne Nonato Maia Filho, Valdemarim Coelho Gomes, Francisca Maurilene do Carmo, Betânia Moreira Moraes, Helena Freres, Marteana Ferreira de Lima, Fabiano Geraldo Barbosa, Daniele Kelly Lima de Oliveira, Cleide Maria Quevedo Quixadá Viana, Rosângela Ribeiro da Silva, entre outras pessoas envolvidas com a educação que beberam diretamente, da fonte, foram formados por Susana e assumiram o projeto formativo de base

marxiano-lukacsiana que leva o lema “o conhecimento a serviço da classe trabalhadora”, assumido pelo IMO, de que trataremos a seguir.

Uma investigação de uma terceira geração da Escola de Fortaleza foge à finalidade de nossa pesquisa, considerando que essa geração não necessariamente está ligada às vivências de nossa biografada<sup>132</sup>. Deixaremos essa empreitada para outros analistas da produção científica cearense.

Tendo registrado pela primeira vez o movimento intelectual cujo termo foi cunhado pelo professor Luís Távora Ribeiro, não podemos esquecer da História do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO), um marco nas memórias da contribuição à educação revolucionária de Susana Jimenez. Exporemos a partir daqui a história de lutas e contradições que carrega esse Instituto, que muito contribuiu para a formação de estudantes e trabalhadores no Estado do Ceará.

### 5.3 O Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário: luta e história

Criado no ano de 1993<sup>133</sup>, as pesquisas que prepararam Susana para sua inserção no IMO, datam de antes disso. A primeira dessas pesquisas, foi a pesquisa *Organização e consciência de classe no movimento sindical cearense*, produzida na UFC. Essa pesquisa contava com uma equipe de professores, mestrandos, bolsistas de iniciação científica, e assessores. Através desse projeto, foi possível para Susana trabalhar, de forma mais aproximada, do Professor José Ferreira de Alencar<sup>134</sup>, fundador e idealizador do IMO, que, no ano seguinte, confiou à Susana a parte científico-formativa do instituto.

Outra dessas importantes pesquisas denominou-se *A professora rural, sua luta e organização: leiga*<sup>135</sup>?, coordenada pelo Professor Ozir Tesser, tendo o Professor Alencar também participado dessa pesquisa.. Além do relatório final, essa pesquisa desdobrou-se em artigos escritos pelos professores: Ozir Tesser, Maria Mercedes Capelo Alvite, Maria Teresa

<sup>132</sup>A terceira geração da Escola de Fortaleza, por hora, comprehende a produção científico-formativa daqueles que foram formados pela segunda geração de orientandos de Susana. A atuação desses novos cientistas não é de fácil rastreamento. Sua produção ainda não está ligada a grupos de pesquisa específicos – como o Lapps, o GPTREES, ou o Emancipa – o que não exclui a participação dessa nova geração nas atividades desenvolvidas por esses grupos, o que desde já, configura um indício da sua existência.

<sup>133</sup>Ao leitor que conhece a história desse Instituto e sabe que há bem mais informações do que essa, aguarde um pouco, ainda nesta subseção exploraremos as principais particularidades do seu nascimento.

<sup>134</sup>Pesquisador, servidor da UFC e árduo militante, Ferreira de Alencar é um dos principais nomes dentro do movimento formativo no Ceará, em especial, pela brilhante iniciativa da criação do IMO.

<sup>135</sup>Em linhas gerais, o professor leigo é o professor não-titulado – sem graduação específica para o exercício da docência –, nesse sentido, a palavra é ligada ao termo laicidade característico da denominação religiosa da pessoa que atua no meio clérigo sem formação estrita para o exercício de algum ministério (PICANÇO, 1986).

Albuquerque Guimarães, José Ferreira de Alencar e, claro, Susana Vasconcelos Jimenez. No fascículo do mesmo título, o artigo de Susana é intitulado: *A cursista do Logos II*<sup>136</sup> é a *Professora Socorro*.

Vale destacar a riqueza presente na publicação *A cursista do Logos II é a Professora Socorro*. O fragmento abaixo demonstra a grande sensibilidade com que Susana aborda a categoria da professora leiga:

A cursista do Logos II é a professora Socorro, que sempre começa sua aula saudando os alunos: bom dia, queridos!, o que é muito do agrado das crianças. Na classe, canta sempre, pois detesta tristeza. Agora, a tristeza que Socorro não pode evitar diz respeito à merenda. Faz pena a merenda, admite Socorro, chovem as crianças que nem estudam na escola, só para merendar! A gente dá, quando tem, diz Socorro, que tem 50 anos, ensina desde os 18, somente nos últimos 10 com carteira assinada, e quiçás nunca, como o salário-mínimo! (JIMENEZ S., 1993, p. 41).

O texto, não ironicamente, mas propositalmente, estabelece paralelos entre os depoimentos das professoras e fragmentos do material do Curso Logos II ofertado pelo MEC. Isso é feito para destacar o imenso distanciamento entre o que era ofertado para as professoras rurais durante a formação e a realidade das salas de aulas.

O Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO) foi fundado em 11 de outubro do ano de 1993 pelos professores José Ferreira de Alencar, José Jackson Coelho Sampaio<sup>137</sup>, José Meneleu Neto,<sup>138</sup> Francisco Auto Filho<sup>139</sup> e Francisco José Teixeira<sup>140</sup>. O Instituto foi criado: “[...] a partir de um convênio de cooperação firmado entre a Universidade Estadual do Ceará – UECE e a Central Única dos Trabalhadores, Seção do Ceará – CUT-Ceará, sob o lema “O conhecimento a serviço da classe trabalhadora” (JIMENEZ; RIO, 2007, p. 2), visando, ainda: “[...] conforme os termos de seu estatuto, estabelecer uma nova relação entre o conhecimento acadêmico e a luta organizada dos trabalhadores” (JIMENEZ; RIO, 2007, p. 2).

<sup>136</sup>Programa de habilitação em serviço para professores leigos implantado pelo Ministério da Educação (MEC) (MORAIS, et al., 1986). O Programa Logos era destinado a professores com escolaridade entre a 4<sup>a</sup> e a 8<sup>a</sup> séries do, à época, Primeiro Grau – equivalente ao Ensino Fundamental na atualidade –. Inicialmente o Logos I era um curso de 12 meses cuja finalidade era formar os educadores leigos para que eles obtivessem a certificação do Primeiro Grau; o Logos II deveria fornecer-lhes o Segundo Grau – equivalente à etapa do Ensino Médio na atualidade (BÚRIGO, 2013).

<sup>137</sup>Vale destacar, durante a referida seção, registraremos que a história do IMO é perpassada por desavenças teórico-práticas, mas Susana faz questão de recordar que desde o momento em que se comprometeu com as atividades do Instituto, sempre teve o apoio do professor Jackson. Jackson Sampaio Coelho é professor e pesquisador da UECE.

<sup>138</sup>Professor da Universidade Estadual do Ceará.

<sup>139</sup>Professor da Universidade Estadual do Ceará.

<sup>140</sup>Atualmente, Professor da Universidade Regional do Cariri (URCA).

O convênio UECE/CUT foi assinado pelo reitor da UECE, na época, o Professor Paulo de Melo Jorge Filho<sup>141</sup> (Professor Petrola) e Acrísio Sena, também à época, presidente da CUT/CE. Pouco tempo depois, mais precisamente em junho do ano de 1994, Susana passou a integrar o IMO como diretora adjunta do Instituto (JIMENEZ; RIO, 2007). Susana foi a única mulher a compor a primeira direção do IMO.

Susana envolveu-se decisivamente em todos os assuntos relacionados ao referido Instituto. Por isso, sua identidade marca os anos em que o IMO inicia as suas atividades formativas até que os formados por esse espaço adquirissem envergadura, e passassem a ser lideranças entre as temáticas que lhes interessavam (JIMENEZ S., 2023c).

A caçula revolucionária recorda que a primeira bolsista que esteve militando com ela nas atividades do IMO foi a – atualmente – professora do Curso de Serviço Social da UECE, Cristiane Porfírio do Rio.

**Figura 15 – Lúcia Menezes, Susana e Cristiane Porfírio do Rio, sua primeira bolsista do IMO, no lançamento do livro Jackson do Pandeiro: o ritmo na palma da mão em 2024**



Fonte: Acervo da biografada.

<sup>141</sup> Atualmente, Professor da Universidade Federal do Ceará.

Susana também recorda que desde o início do seu envolvimento com o IMO, sempre contou com o apoio irrestrito do Professor Jackson Sampaio, na condição de Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e, mais adiante como Reitor da UECE. Como nos tempos de UFC, havia, igualmente, um relação de afeto, respeito e admiração mútua entre ela e o Professor Alencar, quaisquer que fossem as circunstâncias que atravessaram a complexa relação entre a CUT e o IMO. (JIMENEZ S., 2023c).

Nos primeiros anos de existência do IMO, o Instituto:

[...] realizou um conjunto de pesquisas sob a solicitação da CUT/CE ou de diferentes entidades cutistas, além de desenvolver outras, de sua própria iniciativa sobre dimensões ou programas específicos vinculados à prática formativa da Central. Ao lado da Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho - UNITRABALHO, ainda, prestou assessoria ao programa de formação da CUT/CE, participando ativamente das atividades do Coletivo de Formação e dos encontros estuduais ou regionais de formação. Dentre as ações de assessoria, destacam-se o I Curso de Requalificação dos Trabalhadores Bancários do Ceará e o Projeto Raízes de Formação e Cidadania para o Campo, da Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado do Ceará - FETRAECE. Diferentes pesquisadores ou bolsistas vinculados ao IMO tiveram inserção mais direta em outros programas, como o Projeto Integrar, o Projeto Flor de Mandacaru e diversos cursos de formação de formadores, desenvolvidos no contexto da Escola Nordeste de Formação da CUT, a qual passou, a partir da segunda metade dos anos 1990, a mediar para a Região Nordeste, a política nacional de formação daquela Central (JIMENEZ; RIO, 2007, p. 2).

Susana enxergava aquele espaço como um meio privilegiado para se desenvolver a reflexão de tipo revolucionária. Por isso, engajava-se de corpo e alma nas atividades envolvidas, inclusive, inicialmente, em estreita colaboração com a CUT/CE, desenvolvendo as pesquisas solicitadas, apresentando os resultados nos encontros e participando das formações proporcionadas pela entidade.

Os anos em que o IMO executou o acordo de cooperação com a CUT/CE, abrigam importantes pesquisas para o movimento operário no Ceará que são sinteticamente elencadas por Jimenez e Rio (2007, p. 11):

No campo da pesquisa, [...] o IMO realizou, predominantemente na primeira metade de sua existência, um conjunto de investigações sob a solicitação da CUT - Ceará e entidades filiadas, bem como desenvolveu outras investigações por iniciativa própria acerca das dimensões ou programas específicos vinculados à prática formativa daquela Central. Sob solicitação e patrocínio da CUT, o IMO realizou uma primeira pesquisa sobre o perfil do delegado sindical ao VI Congresso Estadual da CUT - VI CECUT, em 1994; e uma segunda, sobre a identidade dos sindicatos cutistas do Ceará, em 1996. A pesquisa A abertura do comércio aos domingos e feriados (1996) foi desenvolvida a partir de solicitação do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Comerciais do Estado do Ceará; e O perfil dos participantes do

Curso Raízes, de Formação e Cidadania para o Campo foi traçado sob o patrocínio da Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado do Ceará - FETRAECE, em 2000. O IMO, por livre iniciativa, deu continuidade à pesquisa sobre o perfil da liderança sindical cutista no Ceará, através de levantamento junto aos delegados, respectivamente, do VII, VIII e IX CECUTs; além de realizar uma pesquisa avaliativa sobre o I Curso de Requalificação dos Trabalhadores Bancários do Ceará. Diferentes pesquisadores vinculados ao IMO realizaram pesquisas em torno da ação política e da formação sindical cutista, mais especificamente, dentre estas, destacam-se investigações sobre o Sindicato das Assistentes Sociais do Ceará; o Programa Integrar, do Sindicato dos Metalúrgicos; o Programa Flor de Mandacaru, desenvolvido pela Escola de Formação Sindical no Nordeste, Marise Paiva de Moraes, comumente denominada Escola Nordeste; e, por fim, a participação da CUT no Conselho Estadual do Trabalho – CET, de caráter tripartite. Em suma, por sua própria natureza, o IMO tomou a CUT-CE e, mais especificamente, a formação sindical, como o objeto central de seu programa investigativo, o que ocorreu até o final da década de 1990, quando o projeto Trabalho, Educação e Prática Sindical passou a constituir uma das linhas – Trabalho, educação e organização de classe – do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Luta de Classes, criado em 1999, na UECE, com registro na Plataforma Lattes do CNPq).

Merece destaque, uma pesquisa realizada e exposta para o sindicato dos comerciários de Fortaleza. Nela, foi constatado que 92% dos comerciários discordavam da abertura do comércio aos domingos e feriados. Desnecessário dizer que a proposta da burguesia atropelou sem pena o desejo dos trabalhadores...

Com o decorrer do tempo, passaram a ocorrer graves desavenças teóricas entre o grupo dos formadores do IMO, vinculados à Susana e alguns dirigentes sindicais. Susana lembra que em algumas formações encabeçadas pela CUT, ela acabou por reencontrar o tal treinamento de sensibilidade ao qual fora submetida durante seu curso de mestrado nos EUA, dentre outras expressões do ideário da qualidade total e da conciliação com as prerrogativas do mercado, claramente nocivas aos trabalhadores que estavam sendo formados.

Mais adiante, as divergências teórico-práticas entre a CUT/CE e o IMO tornam-se insustentáveis, como afirmam Jimenez e Rio (2007, p. 3):

Ao longo dos anos, foi-se verificando um distanciamento por parte das direções cutistas quanto às prerrogativas e ao programa investigativo e formativo do IMO, tendo isso se dado, por conta do ponto de vista crítico gradativamente assumido por este Instituto, com base nas pesquisas acima referidas, acerca da adesão da CUT, através de sua política nacional de formação, ao projeto educacional do governo brasileiro (sobretudo no que diz respeito ao programa de qualificação profissional do trabalhador, mais particularmente, consolidado a partir de sua VII Plenária Nacional, ocorrida em setembro de 1995). Após um longo e complexo processo de idas e vindas (mediadas pelo Professor Alencar), o afastamento veio a consumar-se na gestão da CUT/CE inaugurada em 2000.

O último material lançado pela parceria foi *O perfil da liderança sindical cutista no Ceará: uma leitura na perspectiva da luta de classes* (JIMENEZ; RIO, 2005). O IMO

representou o primeiro Instituto, no Brasil, fruto de um convênio de cooperação entre uma universidade pública – a UECE – e uma organização sindical com contornos de esquerda – a CUT/CE –.

Depois do rompimento com a CUT/CE, o financiamento do IMO partiu pontualmente apenas da FACED/UFC e do CED/UECE, para a realização de eventos; além de algumas contribuições de entidades sindicais para a realização de pesquisas ou atividades formativas. Ademais, o IMO não contava com outros tipos de financiamentos para a realização de seus projetos, não cobrando pelas atividades que ele promovia, graças ao esforço coletivo de seus pesquisadores e pesquisadoras (JIMENEZ; RIO, 2007). Vale destacar, ainda, que o IMO sempre funcionou nas dependências da UECE.

Após o rompimento prático do convênio de cooperação com a CUT/CE, alguns sindicatos, de forma autônoma, continuaram solicitando a ajuda formativa do IMO, a participação de seus representante no eventos do cotidiano sindical, e até participando das atividades promovidas pelo Instituto em tela: “tais como o Sindicato dos Servidores da Universidade Federal do Ceará - SINTUFCE, o Sindicato dos Previdenciários do Ceará - SINPRECE e o Sindicato dos Trabalhadores dos Correios e Telégrafos - SINTECT” (JIMENEZ.; RIO, 2007, p. 3).

Devemos fazer jus à entidade de classe que por mais tempo manteve relações com o IMO: o Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Federal do Estado do Ceará - SINTSEF. Em abril de 2005, a supracitada entidade assinou um acordo de cooperação de um ano com o IMO (JIMENEZ; RIO, 2007).

Essa parceria engendrou visitas de diferentes colaboradores do Instituto às páginas do órgão de imprensa desse sindicato, a realização de palestras, cursos, grupos de estudos, apresentações sistemáticas de propostas apresentadas nos grupos de trabalho do 8º Congresso Estadual do SINTSEF e a elaboração de uma cartilha sobre a Reforma Sindical que no período estava em andamento (JIMENEZ; RIO, 2007).

O IMO produziu muitos artigos que foram publicados no Jornal do SINTSEF, apoiou a greve realizada pela categoria em diferentes locais de trabalho, proferiu palestras em encontros do Conselho de Delegados de Base (CDB)<sup>142</sup>, entre outras participações em eventos e mesas especiais (JIMENEZ; RIO, 2007).

Através do IMO, sob a direção de Susana, foram realizados inúmeros eventos, incluindo seminários, formações e pesquisas. Ela recorda que nesses momentos o foco era

---

<sup>142</sup>Ocorridos em Fortaleza, Morada Nova e Crato.

proporcionar uma formação revolucionária ou crítico-revolucionária, analisando a própria realidade do cotidiano do trabalhador à luz dos seus fundamentos, (JIMENEZ S., 2023c).

Uma das ações do IMO das quais Susana mais se orgulha foi de ter participado do Curso de Formação Política e Sindical ofertado aos estudantes e trabalhadores rurais e urbanos ligados a entidades sindicais, de 1998 a 2001. A ideia do curso foi do Professor Alencar. Esse curso conferiu aos trabalhadores o certificado de um curso de extensão, e os estudantes puderam utilizar as disciplinas cursadas como disciplinas optativas, como afirmam JIMENEZ e Rio (2005, p. 1):

Por volta do seu sexto ano de fundação, o IMO passou a desenvolver um projeto de grande envergadura, representado pelo Curso de Formação Política e Sindical, cuja grade curricular compunha-se de quatro disciplinas, a saber: Introdução à Filosofia da Práxis; Introdução à Economia Política; História do Movimento Operário; e Pedagogia do Trabalho. Devidamente aprovado pela administração superior da UECE o Curso, contando com uma carga de 240 h/a, tinha duração de um (um) ano, guardando caráter de extensão universitária para os trabalhadores, sendo, as disciplinas, ademais, oferecidas aos alunos da UECE, como optativas, dentro da grade curricular dos seus próprios cursos.

Nesse curso, Jimenez ministrou a disciplina Pedagogia do trabalho<sup>143</sup>. A professora relembra com gosto que novamente pode contar com o apoio do Professor Jackson Sampaio. Dessa vez, todavia, dispôs também da importante ajuda do Professor Gilberto Telmo Sidney Marques<sup>144</sup> à época Pró-Reitor de Assuntos Estudantis da UECE.

Esse curso pautou-se pela análise marxiana da história e da vida social. Chegou a formar três turmas, a última em 2001. Essa experiência acabou por chamar a atenção de muitos educadores, estudiosos, militantes e revolucionários brasileiros (JIMENEZ; RIO, 2007).

Ao final do curso, a organização realizou uma espécie de formatura para os concludentes. O funcionamento seguiu o ritual ordinário de uma formatura convencional, todos os cursantes receberam o certificado das mãos do reitor da instituição que à época era o professor Manassés Fonteles<sup>145</sup>.

Para Susana, foi mais do que simbólico ver os trabalhadores participarem do ritual de formatura com a presença de suas famílias e, mais ainda, que aquele momento fosse realizado

---

<sup>143</sup>Título escolhido por Ferreira de Alencar.

<sup>144</sup>Gilberto Telmo Sidney Marques, é professor da UECE atuando nos Cursos relacionados à Química.

<sup>145</sup>Professor aposentado da Universidade Federal do Ceará, atual professor da University of Virginia/ School of Medicine.

na Universidade Pública, lugar de direito dos trabalhadores, mas que, por questões sociais, econômicas e históricas, têm esse espaço negado.

Em novembro de 2003, celebrando os seus 10 anos de existência, o IMO publicou o livro intitulado *Trabalho, educação e luta de classes: a pesquisa em defesa da história* (JIMENEZ; RIO, 2007). Não esqueçamos de mencionar que em seus 30 anos de existência, existe um *órganon* de pesquisas que incluem artigos, dissertações, teses de doutorado, entre outras produções científicas geradas no seio dessa Instituição enquanto Susana era diretora.

**Figura 16 - Susana na comemoração dos 10 anos do IMO em 2003**



Fonte: Acervo da biografada

Sob a direção de Susana, o Instituto realizou um novo acordo de cooperação, mas, desta vez, entre a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Estadual do Ceará. O IMO tornou-se, então, um dos tripés de sustentação da formação revolucionária. Tripé composto pelo PPGE/UFC – que continha a linha Marxismo, Educação e Luta de Classes –, o recém formado PPGE/UECE – que, pela intervenção de Susana, passou a contar com a linha de pesquisa Marxismo e Formação do Educador –, e o IMO, que de forma interinstitucional reunia uma vasta produção formativa e científica (JIMENEZ S., 2023c).

Sousa (2023), ex-participante do IMO afirma que havia uma grande integração coletiva entre as linhas de pesquisa que atuavam junto ao IMO, tanto a linha da UFC quanto a

da UECE formavam uma espécie de unidade dentro do Instituto: “Era um processo muito orgânico, não havia demarcação, havia semestres em que fazíamos disciplinas na UFC, outros, na UECE. Esse semestre, a disciplina obrigatória era na UFC ia todo mundo pra UFC, não era algo demarcado nem havia distinção”.

No ano de 2005, com o apoio do IMO, Susana funda no PPGE/UFC, a linha Marxismo, Educação e Luta de Classes, cuja história já tratamos na seção anterior. Através da linha:

[...] vimos aprofundando a investigação em torno dos elementos essenciais de compreensão do trabalho como fundamento ontológico do processo de reprodução social (Marx, Lukács); sobre esta base, permitindo o tratamento do complexo educacional, numa perspectiva histórica, como na contemporaneidade, de forma recuperar as devidas conexões ontológicas entre uma proposta de educação emancipadora e a revolução socialista (JIMENEZ; RIO, 2007, p. 9).

Em 2005 foi criado também o Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Luta de Classes, cadastrado junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UECE e ao Diretório de Pesquisas do Lattes/CNPq. Esse grupo contava com professores e alunos/ex-alunos de graduação e de pós-graduação da UECE, além de um número significativo de professores, mestrandos e doutorandos do Núcleo Trabalho e Educação da Universidade Federal do Ceará comprometidos com o projeto formativo revolucionário (JIMENEZ; RIO, 2007). Foi desse núcleo que foi decalcado por Susana e seu grupo o eixo Marxismo, Educação e Luta de Classes que viria a se tornar a linha Marxismo Educação e Luta de Classes.

A produtividade científica-formativa do IMO sob a direção de Susana, era também uma questão que o distinguiu dos demais grupos que existiam em sua época<sup>146</sup>. Apenas entre os anos de 2005 e 2006, foram desenvolvidas 153 atividades científicas, incluindo: 2 relatórios de pesquisa, 2 livros, 6 artigos publicados em livros, 7 artigos publicados em revistas, 17 artigos publicados em jornais, 37 trabalhos apresentados em eventos, 21 resumos publicados em anais de congressos, 6 trabalhos completos publicados em anais de congressos, 5 participações em mesa redonda, 12 palestras proferidas, 4 teses de doutorado defendidas, 6 dissertações de mestrado defendidas e 4 trabalhos de Iniciação Científica concluídos (PEREIRA, 2007).

---

<sup>146</sup>Se comparado com os demais grupos de pesquisa existentes na UECE, a partir de um relatório emitido pelo Centro de Educação (CED) da UECE referente aos anos de 2005 e 2006.

No ano de 2006, faleceria José Ferreira de Alencar. Nesse momento, ele ainda era diretor do IMO. Jimenez (2024) relata que nos eventos do IMO, valia a pena ouvir o que ele tinha para falar. Com certeza, sua fala seria muito rica, mostrando que a sabedoria do idealizador do IMO era de um militante engajado na luta da classe trabalhadora. Em 2007, durante o II Encontro Regional Trabalho, Educação e Formação Humana, o espaço onde está instalado o IMO recebeu o nome de Sala Professor Alencar, o qual abriga o Acervo Professor Alencar, cedido ao IMO por seus familiares.

Desse momento em diante, Susana assume o cargo de diretora executiva e permanece nele até 2013, quando se aposenta da UECE e se afasta dos assuntos relacionados à diretoria do Instituto. Em 2013, ainda com o aporte do IMO e às vésperas de aposentar-se Susana funda, a linha Marxismo e Formação do Educador no PPGE/UECE (JIMENEZ S., 2023c)..

Outra importante marca da história do IMO, sem dúvida, é o seu caráter interinstitucional. Além de incorporar em suas atividades, estudantes, ex-estudantes, pesquisadores e professores da UFC e da UECE, o IMO ainda contava muitas vezes com os “os integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL” (JIMENEZ; RIO, 2007, p. 11).

O IMO apoiou a criação do primeiro mestrado acadêmico em educação no Interior do Estado do Ceará, o Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE), inclusive, como visto na primeira seção deste estudo, a aula inaugural do curso foi feita por Susana<sup>147</sup>. Ela ainda, apoiou a criação do Laboratório de Pesquisas em Políticas Sociais (LAPPS)<sup>148</sup>, fundado pelo orientador desta pesquisa, Deribaldo Santos.

Inspirado no IMO e também fundado por seus ex-orientandos, é fruto do IMO o Grupo de Pesquisa em Trabalho, Educação, Estética e Sociedade (GPTREES). Foi gerado também do IMO e é hoje um centro que luta pela retomada do lema “a ciência a serviço da classe trabalhadora”, o grupo de pesquisa Interinstitucional Emancipa (RABELO, 2023).

Há ainda importantes dados da história de Susana a serem registrados em uma última seção. Parafraseamos o título dessa subseção, com uma fala de Susana, ao se referir a participação da sua filha Paula Jimenez na revisão técnica da tradução do livro *Mitos da Dominação Masculina*: “*last, but not least*”. Utilizamos a expressão para nomear a seção que trará os dados da história da tradução do referido livro e as últimas informações coletadas por essa pesquisa sobre a contribuição de Susana.

---

<sup>147</sup>Ver página 78.

<sup>148</sup>Espaço de formação e pesquisa que mira a sociedade emancipada. Completa em 2024, 10 anos de existência.

### **5.4 Last but not least: a primeira tradução do *Myths of male dominance* para uma língua estrangeira e a vida de uma revolucionária em outros espaços de aprendizagem**

Resta-nos ainda investigar, brevemente, a trajetória de Susana no período entre 2018 e a atualidade. É impossível que pensemos nesse período sem lembrarmos da pandemia de Covid-19. Com impactos ainda sendo avaliados, sabemos que esse acontecimento provocou a morte de milhões de pessoas e agravou as desigualdades sociais existentes em nosso recorte histórico.

Compartilharemos aqui um pouco dos depoimentos de Susana sobre um período desafiador de sua existência em diversos aspectos. O primeiro desses desafios foi um dos mais difíceis superados por essa revolucionária. Susana teria que abandonar as salas de aulas, aquilo que ela considerava ser o seu lugar no mundo. Desbravemos daqui, em linhas breves, como foram e estão sendo esses anos para Susana.

Em 2017, em uma assembléia anual do Instituto Lukács<sup>149</sup>, houve uma discussão sobre a tradução do livro *Mythys of Male Dominance*, projeto inicialmente pensado por Sérgio Lessa, que não mais compunha o referido Instituto, mas que não foi esquecido pelos membros que ali permaneceram. Por sugestão de Deribaldo Santos, a assembleia decide convidar Susana para realizar esse trabalho<sup>150</sup> (JIMENEZ S., 2024).

Ainda em 2017 o convite é aceito por Susana, e ela inicia um período de árduo estudo para realizar a tradução do manuscrito. Para essa tarefa, Susana vai até o Canadá, sendo conduzida por seu objeto até a região onde os povos montagnais-naskapi foram explorados por seus colonizadores.

Susana executou o trabalho de traduzir o livro da língua inglesa para o português e contou com a revisão técnica da tradução de Paula Christine Jimenez e com a revisão de redação de Helena de Araújo Freres (JIMENEZ S., 2024).

Sobre esse período, destaca Freres: “Eu fazia a revisão com a presença da Susana, nós discutimos sobre a escolha das palavras, a organização das frases, em tudo ela esteve presente” (FRERES, 2023). E ainda acrescenta:

Nós nos encontrávamos e íamos fazer a revisão. Quando ela traduzia um capítulo, eu imprimia e ia ler de novo, depois fazia a revisão, e ia para a casa dela para a partir do texto escrito passar a nova versão para o computador, para em seguida imprimir mais uma vez e, caso necessário, realizar outra revisão. Eu tive que imprimir o texto

<sup>149</sup>Espaço de editoração e publicação especializada na reflexão sobre Georg Lukács.

<sup>150</sup>O projeto de tradução do livro, inicialmente, era de Sérgio Lessa. Depois que ele se afastou do referido Instituto, o projeto foi passado adiante.

da Leacock umas onze ou doze vezes até nós não encontrarmos mais nenhum erro (FRERES, 2023).

Mitos da dominação masculina lhe rendeu a oportunidade de participar de inúmeros eventos<sup>151</sup>. Devido ao período de afastamento social provocado pela pandemia do Coronavírus, alguns dos eventos de lançamento sobre *Mitos da Dominação Masculina* tiveram que ocorrer de forma remota. Susana relata que não se adaptou a esse novo espaço de formação como aconteceu com o espaço educacional presencial:

Essa coisa de live não é minha praia [...] já fiz algumas, mas sempre me sinto muito desencontrada e pouco à vontade atuando nesse formato [...]. Esse não é realmente meu lugar no mundo, meu lugar no mundo é junto, olhando para as pessoas, falando com as pessoas, me movendo, chegando mais perto. Mas eu comprehendo que em algumas ocasiões é necessário e até um privilégio, jamais defendendo a educação à distância, mas isso não é educação à distância<sup>152</sup> (JIMENEZ S., 2023c).

Preferindo o meio presencial, Susana, ainda hoje, realiza falas em eventos, cursos, ou minicursos orquestrados por grupos marxianos e lukácsianos. Como já mencionamos no primeiro capítulo, mas vale retomar, ela chegou a voltar às salas de aula na universidade, ministrando um encontro da disciplina: Fundamentos Onto-Históricos, Marxismo e Educação no PPGE/UECE. O encontro teve grande importância, era a primeira vez que Susana tornaria a lecionar depois de 5 – cinco – anos do seu afastamento definitivo em 2018. Recentemente, ela também deu uma aula sobre a obra da Leacock na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Brasileira Afro-Brasileira (UNILAB), junto ao grupo de estudos de sua ex-aluna Rosângela Ribeiro da Silva.

A tradução do livro *Mitos da dominação masculina* rendeu à Susana prestígio nacional. Graças a seu trabalho como tradutora desse manuscrito, vídeos, programas de podcast, colunas On-line, entre outras mídias de informação veiculam incessantemente conteúdos sobre o que foi por ela traduzido, citando-a como uma exímia tradutora e apontando o quanto espetacular foi sua tradução para os que se comunicam pelo português pudessem entrar em contato com essa grande obra.

Hoje, a América Latina pode gozar de uma tradução que se aproxime da língua nativa da maioria dos países desse grande continente. Isso, somado a sua vontade de continuar

---

<sup>151</sup>Foram realizados lançamentos do livro em: Quixadá-CE, Maceió-AL, Sobral-CE, Teresina-PI, Campo Mourão-PR, entre outras cidades, além dos lançamentos em formato remoto.

<sup>152</sup>Informação verbal extraída do 15º encontro do curso do Espaço Marx, no dia 30 de setembro de 2023, que contou com a participação de Susana.

contribuindo com a educação revolucionária e a pesquisa a serviço da classe trabalhadora, ofereceu a ela novos palcos, palcos dos quais ela não estava tão habituada.

Na época da pandemia, os palcos virtuais foram presentes, mas muito incômodos. Não era possível evitar, todos queriam saber e conhecer um pouco mais sobre a pessoa que havia traduzido o livro de Leacock.

Susana continua produzindo e, além disto, sua produção ainda impacta as mais variadas gerações de estudantes que iniciam seus estudos na ontologia marxiana, e demais temas ligados à ciência a serviço da classe trabalhadora. Todos os anos, os mais sortudos números de periódicos ganham suas mais recentes contribuições à ciência que ultimamente são ligadas ao próprio livro *Mitos da dominação masculina*. Como afirma Susana “A gente se apegou a esse livro e à Leacock” (JIMENEZ, 2024).

Não poderíamos pensar em concluir esta pesquisa sem mencionar que Susana é uma verdadeira viajante da causa revolucionária. Sua contribuição muito propagou-se pelo mundo através de suas idas e vindas aos mais variados lugares do país e do globo. Não ficará fora desses registros, ainda, sua participação em um evento que ocorreu na Hungria nomeado: *The Legacy of George Lukács* em abril de 2017 (RABELO, 2023).

No ano de 2020, Susana dedica-se à colaboração e revisão da redação do livro escrito por sua sobrinha Cristina Elizabeth de Vasconcelos Ministério, chamado *Memórias de família: Messias, Maria e seus filhos*. O livro revisita as memórias de sua família, a iniciar com a história dos seus pais e de todos os 10 filhos que tiveram o privilégio de nascer desse precioso casal. Esse manuscrito foi essencial para o desenvolvimento deste estudo biográfico.

Para buscar informações que fariam parte da redação de *Memórias de família*, Susana, a supracitada sobrinha Cristina Elizabeth e Nágela da Silva de Sousa vão até Intans. Lá elas descobrem juntas o lugar em que Messias vivera e pôde conhecer mais de perto a história da gênese da família de seu pai.

**Figura 17 - Susana distribuindo autógrafos na aula da disciplina Fundamentos Onto-Históricos, Marxismo e Educação no PPGE/UECE no dia 23 de março de 2023**



Fonte: Acervo da biografada

**Figura 18 - Susana e seus ex-alunos e ex-orientandos em evento – Café com Marx e Suzy – no ano de 2022**

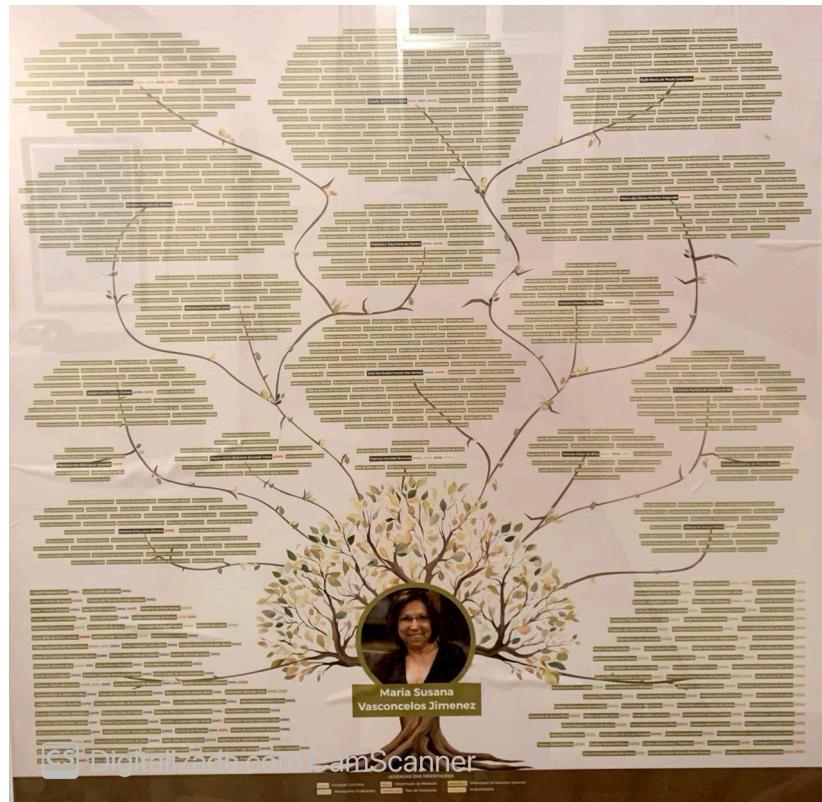


Fonte: Acervo dos pesquisadores

Grande parte da produção de Susana – na forma de artigos produzidos no período de 2005 até a atualidade – está sendo organizada para publicação como livro. Essa empreitada foi realizada coletivamente pelo grupo de professores que ainda é ligado a Susana, mas, de forma mais direta, essa produção foi liderada e organizada pela professora Maria Das Dores Mendes Segundo que nos concedeu essa informação em primeira mão! (MENDES SEGUNDO, 2023). O manuscrito conta com mais de 700 páginas da produção teórica de uma das docentes que mais contribuiu com a educação revolucionária no Estado.

Por ocasião dos 80 anos de Susana, seus amigos e ex-colegas organizaram uma árvore genealógica de suas orientações. Essa ideia, vinda de sua filha, atraiu a atenção dos discípulos de Susana que prontamente confeccionaram uma para ela, contendo seus orientandos nos galhos e os orientandos de seus orientandos nas ramificações, simbolizando toda uma jornada que mudou a vida de cada uma das pessoas que passou pelo seu caminho.

**Figura 19 - Árvore das orientações de Susana: mais de 300 nomes de pesquisadores e pesquisadoras**



Fonte: Acervo da biografada

Susana continua a receber seus ex-orientandos, ex-colegas e amigos. Sua casa está de portas abertas para todos aqueles que marcaram sua história de forma positiva. Até mesmo, para uma recente cientista em formação que com muita curiosidade apertava o botão do andar de número cinco para conhecer a história da lenda que inspirou e inspira o movimento marxiano-lukacsiano no Ceará.

**Figura 20 - Janaira Teixeira e Susana Jimenez em alguns dos encontros presenciais necessários para a elaboração deste estudo**



Fonte: Acervo dos pesquisadores

Freres (2023) afirma que essa sociabilidade em crise não é capaz de gerar outra Susana. Fiquemos com o que nos permite a história admirar e vislumbrar para o futuro, busquemos mais intensamente o romper dessa sociabilidade, quem sabe nessa luta, encontremos outra mulher ou homem que seja contradição em todos os espaços que adentrar, que inspire movimentos e músicas como foi o caso de nossa caçula revolucionária e nos ajude a não perder o olhar para aquilo que importa, o mundo não mais cão, mas justo o suficiente para que os homens não devorem a si mesmos, e tenham o olhar de ternura que todos imaginam quando se fala em Susana.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento desta exposição, passaram-se 24 meses desde que a autora entrou em contato com Susana e sua história de vida. Antes desse encontro, mal sabia ela que poderia ser aprovada por um professor que visitava a sua cidade e de quem sequer tinha conhecimento.

Antes de se propor a embarcar nesse estudo, a redatora desta pesquisa conheceu o Professor Deribaldo Santos na entrevista da seleção para o mestrado através de uma minúscula tela de videoconferência, devido às atividades da UECE estarem se efetivando em formato remoto, o que foi provocado pela pandemia de Covid-19.

Como já dito na Introdução desta exposição, mas vale retomar aqui, na primeira orientação que teve com o Professor Deribaldo, este pediu que, para realizar sua dissertação, ela escolhesse entre biografar Susana ou tomar outro caminho de pesquisa já conhecido e de vasta experiência dentro do seu guarda-chuva de pesquisas. Prontamente foi escolhido biografar Susana.

Os motivos iniciais já foram expostos na Introdução. Além da mencionada motivação, não há mais nada que seja causa para a escolha da redatora por este tema, a não ser supor que seja esse também um dos mistérios que circunda aqueles que entram em contato com a família Ponte de Vasconcelos.

Interessa ainda explicar que, ao contrário da outra proposta que concordia com essa para a escolha de nossa redatora, seu orientador nunca havia orientado a escrita de biografias e as pesquisas de seus núcleos não possuíam pressupostos para este tipo de produção. A tarefa, então, seria uma novidade para ambos.

Além disso, toda a pesquisa dependeria da autorização e anuência de nosso objeto, seguindo as prerrogativas éticas que constam na normatização de pesquisas com seres humanos. Havia muitos riscos a correr, mas eles – a redatora e seu orientador – estavam dispostos a enfrentar.

Vale destacar que Susana já havia sido convidada para ser biografada antes, mas recusou. Como ela mesma lembra em (JIMENEZ, 2023a), sempre foi muito tímida, por mais incrível que isso possa parecer, vista a imensa contribuição que foi aqui parcialmente explorada.

O dado é que Susana aceitou ser biografada pela pesquisadora que dispõe as últimas considerações dessa empreitada, e assim iniciou a jornada de conhecimento de sua história de vida. Nesse meio tempo, a orientação correu mais à frente e escreveu a biografia de José Gomes Filho, conhecido como Jackson do Pandeiro, intitulada: *Jackson do Pandeiro: o ritmo*

*na palma da mão*, que foi de grande ajuda para que a redatora se apropriasse dos elementos necessários a uma escrita biográfica em uma perspectiva dialética.

Ademais, é mais que sensato mencionar que os trabalhos desenvolvidos pelo guarda-chuva de Lia Fialho<sup>153</sup> foram essenciais para a compreensão dos elementos formais de um estudo biográfico.

Depois disso, veio o momento de conhecer Susana. As tardes e noites no bairro Aldeota assistiram de uma pequena janela com quais olhos curiosos e cheios de admiração percorriam os trejeitos da mulher de 80 anos que se deixou biografar por uma simples estudante que acabara de completar 24.

Foram necessárias mais de cinco visitas para que os principais aspectos da história de vida de Susana Jimenez fossem parcialmente elaborados na redação que agora se submete a uma banca avaliativa sob as normas de um mestrado acadêmico. Cordialidade, amorosidade, simplicidade, humildade, inteligência e docura são algumas das qualidades de que a redatora mais se recorda das visitas feitas que deveriam ter caráter laboral, mas beiravam o deleite.

A parte da revisão com certeza foi a que mais desafiou biógrafa e biografada. A pesquisadora descobriu que existem inúmeras minúcias no trabalho biográfico que distinguem esse gênero dos demais. A história de uma pessoa, com efeito, não pode esquecer os traços que a olho nu poderiam significar meros filigranas, mas que fazem toda a diferença na distinção dos personagens abordados, como a forma certa de se referir a algum deles, ou o ano exato ou aproximado de tal evento que ainda hoje suas marcas percorrem as cotidianidades.

Nesse meio tempo, a qualificação da referida investigação ocorrida a 30 de maio de 2023, também foi essencial para que o estudo obtivesse os elementos do rigor científico necessário, sobretudo, o capítulo onto-metodológico que explica o que é uma onto-biografia, definição que ambiciosamente nos propomos inaugurar nesta pesquisa.

O mais difícil, de todo modo, não foi definir uma nova categoria que expressa a realidade dessa reflexão. A responsabilidade quanto à história de vida de uma pessoa tão cara a várias gerações, por diversos momentos pesou no ombro dos pesquisadores envolvidos. Mas o maior desafio, sem dúvida, foi o de aprender aquilo que não nos foi ensinado.

Referimo-nos nesse momento ao português em sua norma culta. Tão precioso para Susana, a pesquisadora não deveria ousar escrever a biografia de Jimenez sem prezar pelo rigor da língua. A redatora, particularmente, teve de voltar à escola e buscar reaprender aquilo que talvez nunca tenha aprendido.

---

<sup>153</sup>Desses trabalhos, os que mais contribuíram para a compreensão dos elementos estruturais de um estudo biográfico foram: Luíza Fontenele (2017), Alba Frota (2021) e Socorro Lucena de Lima (2020).

Não podemos nos esquecer, ainda, do seguinte fato: a pessoa que pesquisou faz parte do Laboratório de Pesquisas sobre Políticas Sociais (LAPPS), na cidade de Quixadá. Esse espaço de pesquisa, ensino e intervenção social, que completou 10 anos no ano de 2023, é hoje um local de resistência que se articula ao projeto formativo iniciado por Susana.

O Lapps envolve estudantes e ex-estudantes da graduação e pós-graduação, professoras da Faculdade de Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), professores da educação básica da cidade e demais pesquisadores interessados em encontrar um lugar de formação revolucionária. O espaço organiza eventos para aqueles que estejam interessados na apropriação da realidade na perspectiva marxiana.

Envolvendo também uma gama de temáticas que cruzam mas também ultrapassam os muros da reflexão educacional, o LAPPS é ocupado por estudantes e pesquisadores de diversas áreas, além de possuir uma estrutura ímpar dentro do campus da FECLESC em Quixadá. Nesse Laboratório a redatora pôde ser formada por meio da leitura marxiana e lukacsiana da realidade e deve principalmente a esse espaço – e, é claro, à orientação da pesquisa – a aquisição dos pressupostos mínimos para a realização deste estudo.

O LAPPS, sem a existência histórica de Susana, poderia nunca ter existido. Cabe à ciência por excelência – o conhecimento da história – fazer jus à pessoa que, de forma doce e marcante, iniciou e consolidou a base para que os estudos marxiano-lukacsianos chegassem ao solo cearense e aqui fincasse raízes.

Não é inesperado que uma mulher nascida no meio da Segunda Guerra Mundial (1945), ainda viva em um mundo marcado por conflitos de quase todos os tipos. As cotidianidades da atualidade, permeadas pelos impactos da Guerra da Rússia e Ucrânia, dos conflitos entre Hamas e Israel<sup>154</sup>, e até mesmo as disputas ideológicas que acontecem no Brasil entre lulistas e bolsonaristas, podem mostrar que os efeitos gerados por um metabolismo social em crise, continuam inundados de barbárie e desumanidade.

No caso dos embates entre Hamas e Israel, há a interferência do imperialismo das grandes potências econômicas, que foi também a causa principal para os conflitos que permearam toda a sua existência. Lembremos alguns desses: Guerra do Vietnã, Revolução Cubana, Revolução dos Cravos, Revolução Iraniana, mas também a questão do Canal do Panamá, a ditadura civil-militar-empresarial no Brasil, entre outros eventos.

---

<sup>154</sup>As raízes do conflito mais recente entre os povos judeus e palestinos datam de meados da Primeira Guerra Mundial, quando a Inglaterra propôs a criação de um Estado Sionista com o fim de assegurar sua dominação no Oriente Médio com o interesse nas reservas de petróleo lá registradas (VEREDAS, 2023).

Esses fatos somados aos acontecimentos recentes entre Israel e a Palestina mostram que a história do capital muda de personagens – às vezes estadunidenses, às vezes iranianos, às vezes brasileiros, etc. – mas não muda sua forma destrutiva de operar.

O que também não se perde é a forma dialética de se desdobrar da história, atestando que, apesar de todas as barbaridades, há sempre aqueles que não possuem medo de ir na contramão e agem de forma a tornar essa ação ecoante por várias gerações, como no caso de nossa biografada.

Nessas palavras finais, é importante frisar que essa onto-biografia buscou trazer à tona o que chamamos de educação revolucionária, uma vertente do ensino e da docência que busca proporcionar ao maior número de indivíduos possível a virada para a análise da realidade e a opção por ela.

A pedagogia marxiana de tipo revolucionária propõe que todos possam, assim como fez Marx, optar por apresentar as causas e efeitos que montaram e montam a nossa sociedade com todas as suas contradições e as implicações pessoais que proporcionam esse processo.

Susana poderia ter tido uma vida muito mais fácil, mas ao realizar a virada, ela fez sua opção. A trajetória dessa mulher mostra, para além das reflexões no campo educacional, um modelo de eticidade em uma pessoa que com sua humildade reconhece os inúmeros privilégios – devido à posição que sua família ocupava na data de seu nascimento – que teve na vida.

Reivindicando a comodidade que poderia ter permeado os seus dias, desistindo do estudo de letras que sempre lhe agradou, o que poderia ser entendido como um dom natural, Susana decide aventurar-se nos palcos das salas de aula e, nesse espaço, ser não só a anfitriã, mas a cientista, a amiga, a mãe, a pessoa da qual ninguém – inclusive aqueles que tinham com ela desavenças teórico-práticas – duvidou um instante de seu árduo trabalho e da imensa contribuição que ela tinha e tem a dar à educação revolucionária.

Quanto à questão educacional, Susana foi pioneira no Estado do Ceará, e isso foi comprovado por datas e depoimentos de alunas que estudaram com Susana e tiveram sua presença na formação acadêmica. Essas são algumas das evidências que comprovam que, malgrado não ter sido a primeira a mencionar, Susana foi a primeira a inserir Lukács na pesquisa científica acadêmica cearense e na formação de novos quadros no Ensino Superior.

É difícil para os pesquisadores, nesse momento, realizarem hipóteses quanto aos rumos que a formação marxiana-lukacsiana vai tomar no Ceará daqui em diante. Toda essa

história ainda a ser desbravada para nós leitores de Marx só poderá ser observada *post-festum*, e caberá às gerações seguintes registrá-la<sup>155</sup>.

Quanto a nós, exímios admiradores, continuaremos a seguindo, adultos e jovens dessa geração, que são também inspirados por Susana. Em busca de, assim como seus discípulos, aprendermos a arte de formar para colher frutos que sejam eles também contribuintes para a consolidação de espaços que mirem o alcance da sociedade emancipada.

Mesmo não tendo visto o raiar do socialismo aos moldes marxianos, Susana foi uma das que mais contribuiu para que os olhos de ressaca da causa revolucionária, alcançassem a muitos dos que, quem sabe, poderão finalmente mergulhar nesse mar. O futuro da revolução socialista, todavia, permanece incerto.

O que nos é dado agora é o tempo do presente. Como escreve o poeta Sergio Vaz: “Enquanto o futuro não se decide, o agora me parece uma boa opção”.<sup>156</sup> Nossa função, limitada a essa essência burguesa que não nos escapa, é projetar a sociedade emancipada e não medir esforços que estejam ao nosso alcance, como o de sermos formadores em prol da luta para a destruição do modo de produção capitalista. Devemos ainda, como manda a história, recordar a luta de todos aqueles que não desistiram e viveram por esse projeto formativo que é consideravelmente novo, mas muito lúcido quanto aonde quer chegar.

Recordemos, portanto, a história de Maria Susana Vasconcelos Jimenez. A caçula revolucionária, a estrela do curso normal. A aluna aplicada, a professora que defendia aqueles que eram excluídos. Ela também é a responsável pela inserção do projeto formativo de base onto-histórica no Ceará. A eterna diretora do IMO e o olhar de ressaca que chama à revolução socialista.

Concluo a exposição sobre a vida de Susana Jimenez, querendo ser como ela; ao falar ou ouvir seu nome, meus olhos brilham!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1974.

ALONSO, Maria Teresa Largo. **La guerra de lo Vietnã**. Madrid: Akal Ediciones, 2002.

---

<sup>155</sup>Apesar de não compor a história de nossa biografada, é uma verdade ontológica que o IMO, hoje, assim como todos os espaços fundados por importantes personagens como Susana, é perpassado por disputas.

<sup>156</sup>Disponível em: <<https://flaviawerneck.com.br/2023/08/21/flores-de-alvenaria-sergio-vaz/>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

AMANCIO, Midian Cristina. **Movimento escoteiro e movimento bandeirante**: uma análise. 2017. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia), 71f, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

AMORIM, Maria Gorete Rodrigues de. **Educação para o trabalho no capitalismo**: o ProJovem como negação da formação humana. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

ARAPIRACA, José Oliveira. **A USAID e a educação brasileira**: um estudo a partir de uma abordagem crítica do capital humano. Dissertação (Mestrado em Educação). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 273f, 1979.

ARAÚJO, Liana Brito de Castro. A questão do método em Marx e Lukács: o desafio da reprodução ideal de um processo real. In: MENEZES, Ana Maria Dorta (Org.). **Trabalho, sociabilidade e educação**: uma crítica à ordem do capital. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

ARISTÓTELES. **Metafísica Livros I e II**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

AZEVEDO, Fernando. **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, p.188–204, ago. 2006. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/manifesto\\_pioneiros.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/manifesto_pioneiros.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BARBATO, Luís Fernando Tosta; FONSECA, Gabriella Misael Silva. O Canal do Panamá, sua história e sua importância logística para o comércio internacional. **Revista Verde Grande**, Montes Claros-MG, v. 4, n. 1, p. 98-110, 2022. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/verdegrande/article/view/4624/5186>>. Acesso em: 04 out. 2023.

BARBOSA, Fabiano Geraldo; JIMENEZ, Susana; RABELO, Jackline. O estatuto ontológico do conhecimento em Lukács e a crítica ao irracionalismo. **Arma da Crítica**, Fortaleza, n. 8, p. 141-155, out. 2017. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32247/1/2017\\_art\\_fgbarbosajumenez.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32247/1/2017_art_fgbarbosajumenez.pdf)>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BARBOZA, Edson Holanda Lima. Entre narrativas usos e abusos: migrações de cearenses para a Amazônia (1887-1945). In: CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes; NEVEZ, Frederico de Castro. **Capítulos de história social dos sertões**. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura Editorial, 2017.

BATISTA, Eraldo Leme. **Trabalho e educação profissional nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil**: análise do pensamento e das ações da burguesia industrial a partir do IDORT. 2013. 269f, tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas-SP, 2013.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 233-239, set./dez. 2000. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/kj9szsyT59MGzyQc3d7xnf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 out. 2023.

BLANK, Mafalda de Faria. **Introdução à ontologia**. 2 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2011.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Brasília: FTD, 2001.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOURDIER, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Brasília: FTD, 2001.

BÚRIGO, Elisabete Zardo. Professores modernos para uma nova escola: a formação de professores de matemática nos anos de 1960 e 1970. **REMATEC**, Natal, n. 13, p. 24-43, mai./ago. 2013. Disponível em: <<https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/346/346>>. Acesso em: 08 nov. 2023.

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos históricos**, 1997. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2038/1177>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Estudos Avançados**. v. 15, n. 43, p. 207-224. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/C8CTZbGZp5t8tH7Mh8gK68y/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

CAMPOS, Roselane Fátima. Educação infantil: políticas e identidade. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 9, p. 217-228, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://gepeto.ced.ufsc.br/files/2015/05/educacao-infantil.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2023.

CARVALHO, Gilmar de. **Música de Fortaleza**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. CHASIN, José. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Revolução Iraniana**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

COLETIVO VEREDAS. **A libertação da Palestina**. Maceió-AL, 22 ou. 2023. Disponível em: <<https://coletivoveredas.com.br/2023/10/22/a-libertacao-da-palestina/>>. Acesso em: 03 nov. 2023.

COSTA, João Eudes. **Retalhos da História de Quixadá**. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002.

COSTA, Mário Sérgio Barbosa. **Memória Social em Fortaleza**: reflexões sobre Parangaba. 2011, 96f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

COUTO, Abel Cabral. Segurança e estudos sobre a paz. **Nação e Defesa**, Lisboa, n. 95/96, p. 21-31. Disponível em: <[https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1344/1/NeD095-096\\_AbelCabralCouto.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1344/1/NeD095-096_AbelCabralCouto.pdf)>. Acesso em: 04 out. 2023.

DALLABRIDA, Norberto. Usos sociais da cultura escolar prescrita no ensino secundário. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas-SP, v. 12, n. 1, p. 167-192, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbhe/v12n01/v12n01a07.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2023.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. 3 ed. São Paulo: Globo, 2001.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FERNANDES, Daniela. 4 dados que mostram por que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, segundo relatório, dados globais de estudo. **BBC News Brasil**, 07 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59557761#:~:text=Os%2010%25%20mais%20ricos%20do%20mundo%20ganham%2052%25%20da%20renda,possuem%2076%25%20da%20fortuna%20global.>>. Acesso em: 07 jan. 2023.

FERNANDES, Florestan. **A revolução Burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FERNANDES, Maria Estréla Araújo. **O curso de pedagogia da UFC**: uma resenha histórica (1963-1990). Fortaleza: Edições UFC, 2014.

FERNANDES, Socorro Alves. **História indígena e colonização**: questões para o ensino de história. 2018, 122f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Regional do Cariri, Crato, 2018.

FIALHO, Lia Machado Fiúza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. Irmã Elizabeth Silveira e a educação feminina no Colégio da Imaculada Conceição, Fortaleza-CE. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba-PR, v. 21, n. 68, p. 291-316, jan./mar. 2021. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2021000100291&script=sci\\_arttext](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2021000100291&script=sci_arttext)>. Acesso em: 07 out. 2023.

FREDERICO, Celso. A recepção de Lukács no Brasil. **Herramienta**: revista de debate y crítica marxista. Buenos Aires, 20 set. 2009. Disponível em: <<https://www.herramienta.com.ar/a-recep-o-de-lukacs-no-brasil>>. Acesso em: 13 nov. 2022.

FREDERICO, Celso. **Lukács**: um clássico do século XX. São Paulo: Moderna, 1997.

FRERES, Helena de Araújo. **Entrevista de Helena de Araújo Freres**. [Entrevista cedida à] Janaira Fernandes Teixeira. On-line, 05 de dezembro de 2023. Duração: 00:32min.

FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 11**: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FRERES, Helena de Araújo et. al. Apontamentos sobre a relação ontogenética entre trabalho e conhecimento. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, n. 33, p. 11-21, jan./jul. 2012. Disponível em: <<https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/54/166>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 33 ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2004.

GARRETT, Brian. **Metafísica**. Tradução de Felipe Rangel Elizalde. Santana: Artmed, 2008.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **História da educação brasileira**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GIANA, Sérgio. **Ideologia, ciência e filosofia**: unidade e diferença no pensamento de Lukács e Mészáros. Tradução de Mariana Andrade. Maceió: Coletivo Veredas, 2021.

GIRÃO, Raimundo. **História econômica do Ceará**. 2 ed. Fortaleza: UFC – Casa de José de Alencar Programa Editorial, 2000.

GONÇALVES, Adalucami Menezes Pereira. **Memória, fé e pedagogias vicentinas**: a presença do ideal de educação cristã do século XIX na vida das alunas do colégio da Imaculada Conceição da década de 1950. 2020, 201f, tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Zikán. (Orgs.). **Etnobiografia**: subjetivação e etnografia. 1 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

GUIMARÃES, Célia Maria. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 81-142, set./dez. 2017. Disponível em:

<<file:///C:/Users/janai/Downloads/darli,+6+-+A+hist%C3%B3ria+da+aten%C3%A7%C3%A3o+o%C3%A0+crian%C3%A7a+e+da+inf%C3%A2ncia+no+Brasil.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2023.

HARTMANN, Nicolai. **Ontologia I**: fundamentos. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O boom da biografia e do biógrafo na cultura contemporânea. In: OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMER Karl Erik (orgs.). **Literatura e mídia**. Rio de Janeiro: PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2002.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX, 1914-1991. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INEP. Professoras são 79% da docência de educação básica no Brasil. **Gov.br**. 07 mar. 2023. Disponível em: <[https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/professoras-sao-79-da-docencia-de-educacao-basica-no-brasil#:~:text=O%20ensino%20b%C3%A1sico%20brasileiro%2C%20em,79%2C25\)%20s%C3%A3o%20professoras.](https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/professoras-sao-79-da-docencia-de-educacao-basica-no-brasil#:~:text=O%20ensino%20b%C3%A1sico%20brasileiro%2C%20em,79%2C25)%20s%C3%A3o%20professoras.)>. Acesso em: 06 fev. 2024.

IPECE. **Mapas Municipais**. Fortaleza, 2021. Disponível em: <[https://www.ipece.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/45/2021/12/mapas\\_municipais\\_Morrinhos\\_2021](https://www.ipece.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/45/2021/12/mapas_municipais_Morrinhos_2021)>. Acesso em: 20 mar. 2023.

JAMBEIRO, Othon et al. **Tempos de Vargas**: o rádio e o controle da informação. Salvador: EDUFBA, 2004.

JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. **Entrevista de Maria Susana Vasconcelos Jimenez**. [Entrevista cedida à] Janaira Fernandes Teixeira. Fortaleza, 10 de julho de 2023a. Duração: 3h15min.

JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. **Entrevista de Maria Susana Vasconcelos Jimenez**. [Entrevista cedida à] Janaira Fernandes Teixeira. Fortaleza, 11 de agosto de 2023b. Duração: 2h57min.

JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. **Entrevista de Maria Susana Vasconcelos Jimenez**. [Entrevista cedida à] Janaira Fernandes Teixeira. Fortaleza, 22 de setembro de 2023c. Duração: 4h07min.

JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. **Entrevista de Maria Susana Vasconcelos Jimenez**. [Entrevista cedida à] Janaira Fernandes Teixeira. Fortaleza, 14 de fevereiro de 2024. Duração: 5h14min.

JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. Erradicar a pobreza e reproduzir o capital: notas críticas sobre as diretrizes para a educação do novo milênio. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 28, p. 119-137, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1793/1675>>. Acesso em: 07 dez. 2023.

JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. Representando a Primeira Turma do Curso de Pedagogia em seu Jubileu de Ouro. In: BRANDÃO, Maria de Lourdes Peixoto; MACIEL, Teresinha Pinheiro de Jesus; BEZERRA, José Arimateia Barros (Orgs.). **Pedagogia UFC 50 anos**: narrativas de uma história (1963-2013). Fortaleza: Edições UFC, 2014.

JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. Reestruturação produtiva na visão dos sindicatos cutistas do Ceará. In: CAVALCANTE, Maria Marina Dias; NUNES, João Batista Carvalho; FARIA, Isabel Maria Sabino de (orgs.). **Pesquisa em educação na UECE**: um caminho em construção. Fortaleza: Edições Demócrata Rocha, 2002.

JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. **A cursista do Logos II é a professora Socorro**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação, 1994.

JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. A cursista do Logos II é a professora Socorro. In: TESSER, Ozir et al. **A professora rural, sua luta e organização**: leiga? Fortaleza: CETRA, 1993.

JIMENEZ, Paula Christine. **Entrevista de Paula Christine Jimenez**. [Entrevista concedida à] Janaira Fernandes Teixeira. On-line, 13 de dezembro de 2023. Duração: 00:53min.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Lucimar Aparecida Coghi Anselmi e Flávio Lubisco. São Paulo: Martin Claret, 2009.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. 1 ed. Lisboa: Edições 70, 2007.

KUNZ, Pe. Fredy; VICENTE, Zé; MARGARETE, Irmã. **Sangradouro**: nascido da seca nordestina – 1979-1984 –. São Paulo: Loyola, 1985.

LAGO, Tainah Moraes. **Mortes possíveis**: análise de manifestações da morte no cinema documentário ocidental. 2016. 141f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2016.

LEITE, Taylisi de Souza Corrêa. **Crítica ao feminismo liberal**: valor-clivagem e marxismo feminista. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

LEMOS, José Késsio; PACHECO, Cristina Carvalho. As crises do petróleo e a geoestratégia dos Estados Unidos para o Golfo Pérsico entre 1945 e 1980. **Estudos Internacionais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 17-34. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/P.2317-773X.2016v4n2p17/11339>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4 ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Qual o lugar da didática no trabalho do professor? **Pesquisa Educacional**. v. 3, n. 5, p. 88-101, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/download/154/pdf/475>>. Acesso em: 06 fev. 2024.

LUKÁCS, Georg. **Prolegômenos e Para a Ontologia do Ser Social Tomo I**. Tradução de Sérgio Lessa. Maceió: Coletivo Veredas, 2018a.

LUKÁCS, Georg. **Para a Ontologia do Ser Social Tomo II**. Tradução de Sérgio Lessa. Maceió: Coletivo Veredas, 2018b.

LUKÁCS, Georg. **Estética I: La peculiaridad de lo estético: 4 Cuestiones liminares de lo estético**. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1965.

LUKÁCS, Georg. **Estética I: 1. La peculiaridad de lo estético**. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966a.

LUKÁCS, Georg. **Estética I**: 2. Problemas de la mimesis. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966b.

LUKÁCS, Georg. **Estética I**. La peculiaridade de lo estético: 3 Categorías psicológicas y filosóficas básicas de lo estético. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1967.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura; NETO, Alexandre Shigunov. A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 465-476, set./dez. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/7bgbrBdvs3tHHFg36c6Z9B/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 03 out. 2023.

MAESTRI, Mário. **Revolução e contra-revolução no Brasil**: 1530-2019. 2 ed. Porto Alegre: FCM, 2019.

MAGALHÃES, Suzana Marly da Costa; CUNHA, Cleane Soares da. A evolução dos valores religiosos e da disciplina: o Colégio da Imaculada Conceição (CIC), no município de Fortaleza, nas décadas de 1930 a 1970. **Educação em Debate**, Fortaleza, v. 2, n. 38, p. 100-111, 1999. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14464>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MAIA, Renata Santos; OLIVEIRA, Fernando Rodrigues. Antes e além das telas: economia e mercado cinematográfico em países da América Latina. **Em tempo de histórias**, Brasília-DF, n. 37, p. 725-734, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/download/33947/28106/90360>>. Acesso em: 04 out. 2023.

MALI, Tiago. Mercado de Ensino Superior tem concentração recorde. Poder 360. 29 dez. 2022. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/economia/mercado-de-ensino-superior-tem-concentracao-recto>>. Acesso em: 07 fev. 2023.

MARTINEZ, Monica; ALBUQUERQUE, Aline. História de vida como método: estudo da narrativa biográfica do Jornalista Lira Neto. **Intercom RBCC**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 83-97, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/interc/a/QJscJFM7vWc8SmGwPVhQrPs/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 01 set. 2023.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o Ensino Superior privado no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/RKsKcwfYc6QVFBHy4nvJzHt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 09 dez. 2023.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política, Livro I. São Paulo: Civilização Brasileira, 2020.

MARX, Karl. **Grundrisse**. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Método da economia política**. Campinas-SP: Revista Crítica Marxista, 2010.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Raniere. São Paulo: Boitempo, 2004.

MATHIAS, Lucas. Pernambuco e Ceará lideram aprovações em universidades públicas. **Veja**. 01 dez. 2023. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/educacao/pernambuco-e-ceara-lideram-aprovacoes-em-universidades-publicas#:~:text=Uma%20pesquisa%20com%20dados%20do,7%2C3%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas.>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

MATOS, Ralfo. Migração e urbanização no Brasil. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 7-13, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13326/10558>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MENDES SEGUNDO, Maria das Dores. **Entrevista de Maria das Dores Mendes Segundo**. [Entrevista cedida à] Janaira Fernandes Teixeira. On-line, 18 de dezembro de 2023. Duração: 00:52min.

MENDONÇA, Leonardo Lopes de. Ditaduras no Cone Sul: um debate conceitual e as representações do passado. **Em Tempo de Histórias**, Brasília-DF, n. 39, p. 91-106, jul./dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/39602/31825>>. Acesso em: 04 out. 2023.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução de Paulo Cézar Castanheira, Sérgio Lessa. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MINISTÉRIO, Cristina Elizabeth de Vasconcelos. **Memórias de família**: Messias, Maria e Filhos. Belo Horizonte: Ed. da Autora, 2020.

MONTENEGRO, Abelardo Fernando. **Fanáticos e Cangaceiros**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

MORAES, Betânia Moreira de. **As bases ontológicas da individualidade humana e o processo de individuação na sociabilidade capitalista**: um estudo a partir do Livro Primeiro de O Capital de Karl Marx. 2007. 160f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

MORAIS, Gizelda Santana, et al. Professores leigos X professores habilitados. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 69, p. 15-26, novembro. 1986. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1303/1306>>. Acesso em: 08 nov. 2023.

MORAIS, Thaíse Ludimilla Faria. **A história difícil das ditaduras do Cone Sul das Américas**: cultura política, negacionismo e Direitos Humanos em materiais didáticos de História. 2022. 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista-BA, 2022.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 38, n. 79, p. 195-216, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/jZh4sttTXLWN5KJMWXJNQzt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 01 mar. 2023.

MOTOYAMA, Shozo et al. História da Universidade de São Paulo: apontamentos historiográficos. **Revista de Cultura e Extensão USP**, v. 5, p. 9-17, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v5i0p9-17>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

NERY, Maria de Salete de Sousa; JÚNIOR, Wilson Rogério Penteado. O uniforme escolar e seus lugares de significação: ambivalências e ideais de mulher. **Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas-BA, v. 12, n. 1, p. 47-70, 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/14998>>. Acesso em: 11 out. 2023.

NETTO, José Paulo. **O que é marxismo?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

OLIVEIRA, Manfredo de Araújo. **Sobre fundamentação**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

OLIVEIRA, Tatiana Fonseca. O Brasil no Sorvedouro da crise estrutural do capital. **Rebela**, v. 9, n. 3, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/3987>>. Acesso em: 01 fev. 2023.

PEQUENO, Luiz Renato Bezerra; ARAGÃO, Thêmis. Dimensão Habitacional da Região Metropolitana de Fortaleza. In: Pequeno, Luiz Renato Bezerra (Org.). **Como anda Fortaleza**. Rio de Janeiro: Letra Capital: observatório das metrópoles, 2009.

PEREIRA, Gilberto de Carvalho (Org.). **Relatório do Centro de Educação 2005-2006**. Fortaleza: UECE/CED, 2007.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, v. 3, p. 117-127. 2000. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/26/20>>. Acesso em: 04 ago. 2023.

PICANÇO, Iracy Silva. Pontos de vista: alguns elementos para a discussão sobre o professor leigo no ensino brasileiro. **Em Aberto**, Brasília-DF, n. 32, p. 9-12, out./dez. 1986. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/1977/1716>>. Acesso em: 09 nov. 2023.

PINHEIRO, Geslani Cristina Grzyb; ROMANOWSKI, Joana Paulin. *Curso de Pedagogia: formação do professor da Educação Infantil e dos anos séries iniciais do Ensino Fundamental. Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 136-151, ago./dez. 2010. Disponível em: <<https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpfp/article/view/23/21>>. Acesso em 06 out. 2023.

PINHEIRO, Rhenan Carlos Araújo. **O ensino de latim no Estado Novo**: entre ascensão, decadência, reformas e disputas. 2022. 62f, Monografia (Licenciatura em Letras Português). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

PRÁ, Jussara Reis; CEGATTI, Amanda Carolina. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 10, n. 18, p. 215-228, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/660/682>>. Acesso em: 02 out. 2023.

PÔRTO, Ângela. Social representations of tuberculosis: stigma and prejudice. **Revista Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 41, p. 1-7, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/nxM6wsVKpnCFBB5PTB6m8hn/?format=pdf&lang=en>>. Acesso em: 06 set. 2023.

RABELO, Josefa Jackline. **Entrevista de Josefa Jackline Rabelo**. [Entrevista cedida à] Janaira Fernandes Teixeira. On-line, 11 novembro de 2023. Duração: 01:40min.

RABELO, Josefa Jackline. **Da beira do sertão à beira-mar da cidade**: uma trajetória de vida. 1 ed. Marília-SP: Lutas anticapital, 2022.

RABELO, Jackline; MENDES SEGUNDO, Maria das Dores; JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. Educação Para Todos e reprodução do capital. **Trabalho Necessário**, Niterói, n. 9, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6097/5062>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

REGASSON, Bruno Vecozzi. A ordem patrimonial contra a democracia autêntica: o fim da ditadura militar no pensamento de Raymundo Faoro. **Scielo Preprints**, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/6825/12897/13440>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. **Entrevista de Luís Távora Furtado Ribeiro**. [Entrevista cedida à] Janaira Fernandes Teixeira, Limoeiro do Norte-CE, 06 de agosto de 2023. Duração: 00:26min.

RODRIGUES, Rennan Moraes; OLIVEIRA, Rachel Facundo Vasconcelos de; SANTOS, Yago Oliveira dos. A Dinâmica do Fluxo Migratório de População com Alto Grau de Instrução em Duas Regiões Metropolitanas Brasileiras: Fortaleza-CE e Vitória-ES. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 19, pp. 143-172, set./dez. de 2022.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

ROMANELLI, Geraldo; BEZERRA, Neuzeli Maria de Almeida. Estratégias de sobrevivência em famílias de trabalhadores rurais. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 16, p. 77-87, jun. 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/paideia/a/V9D99rcPyfnJDbvYYcQfT7J/?lang=pt>>. Acesso em: 01 mar. 2023.

ROUDINESCO, Elisabeth; Michel Plon. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAMPAIO, Dorian. **Municípios do Ceará**. Fortaleza: Stylus, 1983.

SANTOS, Deribaldo. **Princípios básicos da grande estética de Lukács**. Maceió: Coletivo Veredas, 2023a.

SANTOS, Deribaldo. **Jackson do Pandeiro**: o ritmo na palma da mão. 1 ed. Marília, SP: Lutas Anticapital, 2023b.

SANTOS, Deribaldo. Informação verbal extraída do Curso **Livre de Introdução à estética de Lukács**. Transmitido ao vivo em 09 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=57dEevnM7cc&list=PLBwpKGAAu30BWn8mbayehrWRVAmX7z3>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SANTOS, Deribaldo. **Arte-educação, estética e formação humana**. Maceió: Coletivo Veredas, 2020.

SANTOS, Deribaldo. **Educação profissional**: crise e precarização. 1 ed. Marília: Lutas Anticapital, 2019.

SANTOS, Deribaldo. **Estética em Lukács**: a criação de um mundo para chamar de seu. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

SANTOS, Deribaldo. **A particularidade na estética de Lukács**. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

SANTOS, Deribaldo. **Educação e Precarização Profissionalizante**: crítica à integração da escola com o mercado. 1 ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

SANTOS, Deribaldo. **Graduação Tecnológica no Brasil**: crítica à expansão do Ensino Superior não universitário. 1 ed. Curitiba: CRV, 2012.

SANTOS, José Deribaldo Gomes dos; SANTOS Maria Escolástica de Moura dos. Globalização e neoliberalismo na crise estrutural do capital: rebatimentos na educação. **Perspectiva**, Florianópolis-SC, v. 39, n. 1, p. 1-18, jan./mar. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/62914/45574>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3 ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: Primeiras aproximações. 11. ed. São Paulo: Autores Associados, 2011.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. p. 187-205.

SECCO, Lincoln. A Revolução dos Cravos: a dinâmica militar. **Projeto história**, São Paulo, n. 47, p. 365-376, ago. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/17138/14211>>. Acesso em: 04 out. 2023.

SILVA, Camila Ferreira da Silva; MONTEIRO, Jéssica da Silva; DANTAS, Nathália Luana Sena. A Universidade Federal do Amazonas e seu papel na construção da comunidade científica amazonense: história e consolidação. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba-PR, v. 7, n. 3, p. 21834-21847, mar. 2021. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/25701/20432>>. Acesso em: 03 dez. 2023.

SILVA, Maria Abádia da. O Consenso de Washington e a privatização na educação brasileira. **Linhas Críticas**, Brasília-DF, v. 11, n. 21, p. 255-264, jul./dez. 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1935/193517360006.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2024.

SILVA, Wagner Pires da et al. Reformismo em desencanto: as políticas públicas e o Estado no capitalismo. **Cadernos GPOSSHE On-line**, v. 1, n. 1, p. 208-225, 2018. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/226>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SILVA, Vládia de; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. Formação territorial do Ceará: das 16 vilas originais aos 184 municípios atuais. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 35, n. 1, jan./abr. 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3371/337138459005.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SOBRAL, Karine Martins. **A natureza onto-histórica do princípio educativo**: uma análise com base nas contribuições de Gramsci e Lukács. 2021. 154f, tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. **“Catirina minha nega, teu sinhô ta te querendo vende, pero Rio de Janeiro, pero nunca mais ti vê. Amaru Mambirá”**: o Ceará no tráfico interprovincial. 2005. 172f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

SOUZA, Nágela da Silva de. **Entrevista de Nágela da Silva de Sousa**. [Entrevista cedida à] Janaira Fernandes Teixeira, On-line, 05 de dezembro de 2023. Duração: 00:22min.

SOUZA, Felipe Guilherme de; GONÇALVES, Ruth Maria de Paula; JIMENEZ, Susana. A vida orgânica e a ciência sob o prisma da ontologia do ser social. **Arma da Crítica**, Fortaleza,

n. 6, p. 117-138, ou. 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23238>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

TEIXEIRA, Amanda et al. Tuberculose: conhecimento e adesão às medidas profiláticas em indivíduos contatos da cidade de Recife. Pernambuco, Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 28, n. 1, p. 116-129, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cadsc/a/QJy38rMpHftBkbFZCfTt4Fz/?lang=pt>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

TRAVASSOS, Ibrahim Soares; SOUZZA, Bartolomeu Israel de; SILVA, Anieres Barbosa da. Secas, desertificação e políticas públicas no semiárido nordestino brasileiro. **Revista OKARA: Geografia em debate**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 147-164, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/okara/article/view/10741/9184>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

TONET, Ivo. Atividades educativas emancipadoras. **Práxis Educativa**, v. 9, n. 1, p. 9-23, jan./ jun. 2014. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/praxeducativa/article/view/5298/3905>>. Acesso em: 05 out. 2023.

TONET, Ivo. **Método Científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013a (capítulo primeiro).

TONET, Ivo. Educação e Formação Humana. In: **Educação contra o capital**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013b (capítulo último).

TONET, Ivo. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana**. 2 ed. Alagoas: Edufal, 2005.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. Tradução de Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2006.

VALENTIM, Lucy Mary Soares. O pragmatismo e a escola nova no Brasil. **Revista Hispeci & Lema – publicação das Faculdades Integradas Fafibe**, Bebedouro-SP, v. 7, p. 93-99, 2003. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistahispecilema/pdf/revista7.pdf#page=94>>. Acesso em: 05 out. 2023.

VALERIANO, Marta Maria. **“Elas são quase da família”**: trabalho, identidade, trajetórias de domésticas residentes. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

VELOSO, Fernando. A evolução recente e propostas para a melhoria da educação no Brasil. IN: BACHA, Edmar Lisboa; SCHWARTZMAN, Simon. **Brasil: a nova agenda social** (Orgs.). Rio de Janeiro: LTC, 2011.

VERA, Luísa de Sousa. As relações entre o feminino e o magistério no Brasil. **Olhar do Professor**, Ponta Grossa-PR, v. 20, n. 1, p. 38-46, mar./jun. 2017. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/journal/684/68460088004/68460088004.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2023.

ZIZEK, Slajov. De História e Consciência de Classe a dialética do esclarecimento, e volta. **Lua Nova**, São Paulo, v. 59, p. 159-176, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/ktKsnBdwL7Jy69DMnvM8WxM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 07 out. 2023.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “MARIA SUSANA VASCONCELOS JIMENEZ: UM ESTUDO ONTO-BIOGRÁFICO”. A pesquisa tem como principal objetivo demonstrar o pioneirismo de Susana Jimenez ao inserir no estudo acadêmico cearense a concepção educacional de inspiração marxiano-lukacsiana, para a formação de consciências revolucionárias no Ensino Superior. Esta é uma pesquisa qualitativa, que se utilizará de entrevistas para a coleta de dados que serão posteriormente relacionados à história real, da qual os pesquisadores analisarão os dados dialeticamente através da onto-metodologia marxiana.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas em forma de entrevistas. Seus depoimentos serão gravados, transcritos, textualizados e validados por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, e a qualquer instante você pode recusar a responder perguntas, desistir de participar ou retirar o seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum constrangimento ou prejuízo na relação com o pesquisador.

Não haverá nenhuma despesa ou compensação financeira pela participação no referido estudo. A pesquisa poderá ser exposta por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas, sendo as informações aqui coletadas não sigilosas, as quais podem vir a ser utilizadas por outros pesquisadores, ou outros interessados em pesquisas e exposições futuras, acrescentando ou questionando suas informações, fato que foge do controle dos pesquisadores.

Caso a participação na pesquisa seja autorizada admitimos que é um risco inerente à sua elaboração: a exposição dos participantes às suas memórias, podendo por vezes causarem a eles desconforto ou algum tipo de dano psicológico. Asseguramos que a pesquisadora responsável dispõe do contato de um profissional da psicologia, na área onde mora a biografada em questão ou qualquer outro entrevistado – amigos, parentes ou colegas –, que poderá atendê-los caso seja necessário seu acompanhamento psicológico durante o desenvolvimento e a exposição do referido estudo biográfico.

Outro risco que podemos apontar, é a questão da falta de anonimato dos participantes que serão entrevistados. Como nosso objeto de estudo é a história de vida de uma pessoa, é essencial que seu nome seja mencionado, bem como o nome das pessoas que pleiteamos entrevistar, uma vez que devemos explicar qual a sua relação com a biografada, para que sua história de vida seja contada com fidelidade. Por esse motivo, ao apresentar a referida

pesquisa a pessoa que almejamos biografar, e demais possíveis entrevistados, devemos explicar-lhes que homenagearemos a trajetória da biografada, e caso seja consentido, os depoimentos serão recolhidos e transcritos. Por isso, é essencial que, ao permitir a participação nesta pesquisa, haja também o conhecimento de que a história de vida da biografada ou a relação dos entrevistados com ela, será publicada.

Para que o risco do constrangimento de algum dos fatos mencionados durante as entrevistas não se torne uma realidade, os pesquisadores que aqui escrevem garantem revisar com os participantes o material recolhido. Os participadores que contribuírem com a pesquisa, têm direito a buscar indenização por qualquer dano decorrente de qualquer das etapas desse estudo.

A referida pesquisa será uma homenagem à história e à contribuição docente de Maria Susana Vasconcelos Jimenez e trará importantes dados para a historiografia do movimento marxiano-lukacsiano no Ceará. Além disso, apresentaremos a linha de ensino marxiana por meio da história de vida de uma das pioneiras do ensino em Marx-Lukács no Estado.

Este documento será entregue em duas vias, sendo uma via para o participante e outra para o pesquisador. Você poderá entrar em contato com os pesquisadores através dos e-mails: janairafteixeira@outlook.com e deribaldo.santos@uece.br, pelos telefones (88) 996416320 e (85) 999493827, na pessoa de Janaira Fernandes Teixeira ou do professor José Deribaldo Gomes dos Santos, respectivamente. O Comitê de Ética em Pesquisa poderá ser contatado pelo telefone (85) 3101.9890 e pelo e-mail: cep@uece.br, para quaisquer dúvidas sobre o projeto.

---

Pesquisadores: Janaira Fernandes Teixeira e José Deribaldo Gomes dos Santos  
 Celular: (88) 999416320  
 Email: janairafteixeira@outlook.com

---

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e estou de acordo em participar da pesquisa proposta, “MARIA SUSANA VASCONCELOS JIMENEZ: UM ESTUDO ONTO-BIOGRÁFICO”, sabendo que dela poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em

Seres Humanos da UECE que funciona na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85)3101-9890, email [cep@uece.br](mailto:cep@uece.br).

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do participante

**APÊNDICE B - TERMO DE VALIDAÇÃO DE ENTREVISTA**

Eu, \_\_\_\_\_ declaro ter lido a transcrição da entrevista realizada no dia xxx pela pesquisadora Janaira Fernandes Teixeira. Venho por meio deste validar a transcrição da entrevista supracitada para a utilização na pesquisa “ MARIA SUSANA VASCONCELOS JIMENEZ: UM ESTUDO ONTO-BIOGRÁFICO” desenvolvida no Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE).

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

Entrevistado (a): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Documento de identificação: \_\_\_\_\_